



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

**CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO *ILÊ AIYÊ*
PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA
NO CURRÍCULO ESCOLAR**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Novembro / 2018



ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

**CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO *ILÊ AIYÊ* PARA INCLUSÃO
DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado da Bahia. Área de concentração: Ensino de História

ORIENTADOR: Drº. Wilson Roberto Mattos

Salvador
2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB Dados fornecidos pelo autor

G963c Guimarães, Átila Silva Sena

CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR / Átila Silva Sena Guimarães. - Salvador, 2018.
146 fls : il.

Orientador(a): PROF. Drº Wilson Roberto Mattos
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA, Campus I. 2018.

1.Ensino de História. 2.Relações Etnicorraciais. 3.Educação antirracista. 4.Música. 5.Ilê Aiyê.

CDD: 900

ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

**CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO *ILÊ AIYÊ* PARA INCLUSÃO
DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado da Bahia. Área de concentração: Ensino de História.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wilson Roberto Mattos(Orientador)
Universidade Estadual da Bahia-UNEB

Prof.^a Dr^a. Ivanildes Guedes
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

Prof.^a Dr^a. Cláudia Pons
Universidade Estadual da Bahia-UNEB

Aprovada em: ____/____/____

DEDICATÓRIA

Á Aisha, o melhor pedaço de mim.

AGRADECIMENTOS

Apesar de toda dificuldade que enfrentamos amalgamado com provocações e novas descobertas do Ensino de História, sinto-me feliz e agradecida por ter concluído mais este desafio.

Humildemente, reconheço que sem apoio de algumas pessoas o caminho trilhado por mim seria bem mais ímprobo. Por isso, reservo a minha primeira congratulação ao meu **DEUS**, pois sei que sem seu amor e proteção não seria capaz de recomeçar a cada óbice.

A minha querida filha **Aisha**, por ser tão importante na vida. O seu amor e sua compreensão, apesar de ainda ser tão pequenina, me fortaleceu e me fez querer dar o melhor de mim.

Obrigada a minha família, em especial a minha Tia-mãe Marta, mãe Rachel, irmão Israel e esposo Moisés, por terem me ensinado e apoiado a querer estar e ocupar qualquer espaço que desejar.

Aos amigos que o Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) me deu, sendo estes um estímulo necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

À coordenação e demais professores do Profhistória, em especial meu orientador, Drº Wilson Roberto Mattos, pelo apoio necessário ao desenvolvimento desta dissertação.

A Daniela Oliveira Souza dedicada diretora e aos demais colegas da Escola Municipal Pirajá da Silva pela substantiva corroboração.

Aos meus queridos alunos e alunas da Escola Municipal Pirajá da Silva que colaboram para concretização desta experiência.

Ao belíssimo trabalho realizado pelo Bloco Afro *Ilê Aiyê* em empoderar corpos negros através de sua arte.

“Sou o que sou pelo que nós somos.” (Filosofia Ubuntu)

GUIMARÃES, Átila Silva Sena. **Canto negro: as músicas do bloco afro Ilê Aiyê para inclusão da História e Cultura africana no Currículo Escolar**. 2018. 90f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Salvador, Ba, 2018.

RESUMO

A música, que sempre fez parte do cotidiano de quase todas as culturas, é uma fonte preciosa de informações sobre os seres humanos e suas relações sociais, através das quais podemos perceber aspectos subjetivos de quem interage com ela, assim como as representações simbólicas (re)produzidas na sociedade. Logo, é uma construção social e histórica que serve para comunicação e para transmissão de conhecimentos, técnicas, valores e crença de um povo. Baseado neste aspecto, esta dissertação tem como objetivo analisar as músicas do Ilê Aiyê (1975-2014), buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras de suas músicas, visando a possibilidade de inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e a Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03. Para isso, foram catalogadas 88 músicas do Ilê Aiyê, delas selecionamos 19 que falam sobre África como fonte para desenvolvimento da pesquisa. Este trabalho tem como prioridade além de prescrever uma sequência didática, aplicá-la em sala de aula. Para isso, utilizaremos da metodologia de aula-oficina difundida por Isabel Barca com os alunos da Escola Pirajá da Silva. O programa de Mestrado em rede Profhistória orienta que se faça um produto como disseminador do conhecimento. Para esse fim, foi construído um portal digital denominado de cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro. Este recurso digital estará disponível em meio eletrônico para os alunos e professores da rede básica de ensino, para que sirva de instrumento didático para inclusão da história negra no ensino de História.

Palavras-chaves: Ensino de História; Relações Etnicorraciais; Educação antirracista; Música; Ilê Aiyê

GUIMARÃES, Átila Silva Sena. **Black corner: the songs of the African block Ilê Aiyê to include African History and Culture in the School Curriculum.** 2018. 90f. Dissertation (Mestrado Profissional em Rede Nacional -PROFHISTORIA) – Universidade Estadual da Bahia-Uneb, Salvador, Ba, 2018.

ABSTRACT

Music, which has always been part of everyday life in almost every culture, is a precious source of information about human beings and their social relations, through which we can perceive subjective aspects of who interacts with it, as well as symbolic representations) produced in society. Therefore, it is a social and historical construction that serves for communication and transmission of knowledge, techniques, values and belief of a people. Based on this aspect, this dissertation aims to analyze the songs of Ilê Aiyê (1975-2014), seeking to highlight the representation of Africa disseminated by the lyrics of their songs, aiming at the possibility of inserting it as the generating center of the contents on History and the Afro-Brazilian Culture in collaboration with the applicability of Law 10.639 / 03. For this, we cataloged 88 songs by Ilê Aiyê, of which we selected 19 that talk about Africa as a source for the development of the research. This work has as a priority, besides prescribing a didactic sequence, to apply it in the classroom. For this, we will use the workshop-class methodology disseminated by Isabel Barca with the students of Escola Pirajá da Silva. The Master's program in network Profhistória guides you to make a product as a disseminator of knowledge. For this purpose, a digital portal called cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro was built. This digital resource will be available in electronic form for students and teachers of the basic education network, to serve as a didactic tool to include black history in teaching history.

Key-words: History teaching; Ethnicracial Relations; Antiracist education; Music; Ilê Aiyê

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Gráfico do resultado da análise do livro didático Araribá História	30
Figura 2- Gráfico sobre Identidade etnicorracial	50
Figura 3- Gráfico sobre Identidade etnicorracial/ Outros	50
Figura 4- Fotografia e Jessica Santos, eleita Deusa do Ébano 2018	51
Figura 5- Quadro Catalogação dos conceitos de África	67
Figura 6- Exemplo de balões e Onomatopeias.....	74
Figura 7- Imagem da Marginal de Luanda, Angola.....	76
Figura 8- Imagem do Resultado da busca na internet sobre África.....	80
Figura 9-Imagem da Segunda aula-oficina.....	80
Figura 10-Imagem da Terceira aula-oficina-pesquisando com os alunos	81
Figura 11- HQ sobre Abidjan com base na música Laço Fraternal (<i>Ilê Aiyê</i>)	83
Figura 12- HQ sobre o povo Banto com base na música Heranças bantos (<i>Ilê Aiyê</i>) ...	84
Figura 13-HQ sobre Senegal com base na música Cerca de Bakel (<i>Ilê Aiyê</i>).....	85
Figura 14- HQ produzido sobre a História de Luiza Mahin baseado na música Levante de Sabres Africanos	86
Figura 15-HQ sobre FRELIMO	87
Figura 16- HQ sobre a Rainha de Ashanti baseada na música <i>Negrice Cristal</i>	88
Figura 17- HQ sobre o povo Ashanti baseada na música <i>Negrice Cristal</i>	89
Figura 18- HQ sobre Abidjan com base na música Laço Fraternal (<i>Ilê Aiyê</i>)	90
Figura 19-HQ sobre Angola com base na música Havemos de Voltar (<i>Ilê Aiyê</i>).....	91
Figura 20- HQ sobre Steve Biko com base na música Cordão Umbilical (<i>Ilê Aiyê</i>).....	92
Figura 21- HQ sobre Nelson Mandela com base na música	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Lista de Músicas Utilizadas e Conceitos Trabalhados.....	69
Tabela 2- Escolhas dos Conceitos e Músicas pelos Alunos.....	78

LISTA DE SIGLAS

HQ – História em Quadrinhos

IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN –Parâmetros curriculares Nacionais

PEP –Projeto de Extensão Pedagógica

PNLD –Programa Nacional do Livro Didático

SECADI –Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SMED–Secretaria Municipal da Educação e Cultura de Salvador

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2. AQUECENDO OS TAMBORES: ENSINO DE HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ANTIRRACISTA	21
2.1 CURRÍCULO E IDENTIDADE: POR UM CURRÍCULO ENREDADO NO SEU TEMPO	21
2.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO ESCOLAR.....	28
2.3 A MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO	39
3. ILÊ DE LUZ: A FORÇA DE UM MOVIMENTO NEGRO COMO INFLUENCIADORA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	45
3.1 O QUILOMBISMO DO ILÊ AIYÊ	45
3.2 A REPRESENTAÇÃO DE ÁFRICA CONTIDA NA MÚSICA DO ILÊ AIYÊ	53
4 MUSICALIZANDO O CURRÍCULO DE HISTÓRIA PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03.....	63
4.1 AULA-OFICINA: QUE ÁFRICA É ESSA REPRESENTADA PELA MÚSICA DO ILÊ AIYÊ?	63
4.2 DESCRIÇÕES DA PROPOSTA DAS AULAS-OFICINAS	65
5 CANTO NEGRO NA DIÁSPORA: A CONSTRUÇÃO DO PORTAL DIGITAL E SUA EFICÁCIA PEDAGÓGICA	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE	106
ANEXOS.....	130

1 INTRODUÇÃO

Quem nunca ouviu um aluno na aula de História perguntar: Para que estudar História? O que me interessa saber sobre o passado? Acredito que todos nós, professores(as) desta distinta disciplina, já ouvimos este tipo de questionamento por parte dos alunos(as). O significado e importância desta disciplina que parecem ser óbvios para os educadores(as) da área, mas não parecem ser tão claros aos nossos(as) estudantes.

Refletindo sobre isso, passei a observar o que levava a maioria dos educandos(as) a pensar assim. Conclui que alguns alunos(as) da escola não conseguem perceber qual a importância ou valia de estar neste ambiente para sua vida restando por parte destes a valorização da nota, e conseqüentemente, a decoreção do conteúdo para se obter esta nota, e só. Claro que a problemática da Educação não se resume a este aspecto somente. Mas, é um fato costumeiro que incomoda o(a) professor(a) e por outro lado o impulsiona a agir em busca de novas metodologias para o Ensino de História.

Isso foi o que me motivou a ingressar no mestrado em Ensino de História, cônica de que o processo de ensino- aprendizagem em História não é algo fácil. Mas, não é algo impossível. Esta mesma observação enquanto professora de História me fez perceber que quando o assunto está relacionado com a vida prática, sobretudo dos(as) estudantes, e com algo que os levem a construir seu próprio conhecimento eles são mais receptíveis. Isso é o que os Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs) chamam de contextualização do Ensino tendo como intuito fazer com que o aluno(a) entenda a importância da disciplina e tome gosto pelo conhecimento. Para que isso ocorra, o professor deve direcionar seu ensino levando em conta o cotidiano e as experiências vividas pelos(as) alunos(as) e em como estes podem utilizar o conhecimento para resoluções de problemas atuando como cidadão.

Isabel Barca (2004), exprime que o(a) professor(a) de História deve assumir uma postura investigativa em sala de aula:

Terá de assumir-se como investigador social, aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos não para de imediato classificar como certo/ errado, completo/ incompleto, mas que está sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos. (BARCA:2004:133).

Enquanto professora –investigadora alguns conceitos trazidos, externalizados e consequentemente subjetivados por meus alunos durante o período de aula passaram a criar desconfortos em mim a ponto de não poder ignorá-los. Por exemplo, as aulas sobre o período paleolítico não faziam com que os(as) alunos(as) se sentissem orgulhosos(as) ao saberem que a gênese dos seres humanos é a África. Um dos motivos apontados por eles(as) é o fato de ainda persistirem nos livros didáticos a imagem dos primeiros habitantes retratados como animais. Os(As) alunos(as) aproveitaram para externar os preconceitos introjetados e no decorrer da aula ficavam chamando uns aos outros de macacos, os brancos contra os(as) negros(as) e os negros(as) de pele clara para os que tem a melanina mais acentuada. Claro que a aula era direcionada a desfazer esses conceitos/preconceitos de forma imediata.

Mesmo ciente de que essa informação já tenha sido falseada cientificamente, será que a persistência de retratar os seres humanos como animais se dá pelo fato do preconceito e racismo em relação a África? Considerando que a resposta seja positiva, se torna imperativo desconstruir esse estereótipo sobre África, tendo em vista que esse olhar é viciado com base em uma concepção de ensino-aprendizagem eurocentrada e em estrutura de poder que Anibal Quijano (2005) chama de colonialidade a qual classifica as pessoas pela raça¹, excluindo o que é diferente do europeu, hetero, cristão e branco, formando assim, uma elite detentora das estruturas de poder financiadora das desigualdades sociais. Esta postura de desumanização do negro(a) atrelado a insipiência de conhecimento de sua história com narrativas positivadas vem acarretando um sentimento de rejeição da identidade negra.

Observa-se que os paradigmas tradicionais do ensino de História no Brasil vêm corroborando com a ideia de dominação, superioridade de uns em detrimento de outros como pressupostos de um construto de uma identidade nacional. Conforme salienta Fonseca quando diz:

A tarefa de fazer do ensino de História instrumento de legitimação de poderes e de informação de indivíduos adaptados à ordem social não poderia se resumir, no entanto, a imposição de uma abordagem da História que privilegiasse o Estado e ação dos “grandes homens” como constituidora da identidade nacional. (FONSECA:2006:71).

¹Embora saibamos que raça não existe, faremos uso deste termo, pois faz parte de uma construção histórico-social que deixou rastro configurado de racismo.

Nessa relação de poder o negro tem sido bastante prejudicado em sua imagem e perspectiva de vida, sendo estes relegados à subalternidade. Isto é traduzido para os(as) estudantes levando-os a se sentirem envergonhados(as) por serem negros(as) rejeitando sua ancestralidade, ou seja, tudo que é relacionado com a cultura e identidade negra são rejeitados por eles. Por exemplo, quando trabalho a pirâmide social das civilizações antigas greco-romana e pergunto aos alunos do 6º ano, qual a etnia dos escravizados, de imediato eles respondem que eram negros(as) da África. Ao expor que eram brancos(as) da Europa, eles demonstram surpresos e muitos inconformados por descobrirem esta possibilidade, mas aceitam com normalidade o fato do negro(a) ter sido escravizado/a.

Percebe-se que não basta ter somente uma postura militante de combate subitâneo a toda manifestação de racismo, mas desenvolver em meu aluno(a) mudança de percepção ou um olhar inverso ao costumeiro que o africano e seus descendentes da diáspora são representados. A fim de que estes pudessem aprender a resistir a qualquer forma de opressão e que os(as) brancos(as) possam desenvolver uma atitude de alteridade favorecendo assim uma educação antirracista e boas relações etnicorraciais. Hall (2016), nos concede uma pista, falando sobre várias estratégias que visam intervir no campo da representação, nos ensina que uma delas é contestar as imagens “negativas” e direcionar as práticas representacionais sobre “raça” para um caminho mais “positivo”. Nesta perspectiva, a pesquisa procurou buscar respostas às inquietações: a) Como podemos através de uma prática educativa combater a visão estereotipada, pejorativa e simplificada da África? b) Como o ensino de História acerca da temática etnicorracial utilizando a música do Bloco *Ilê Aiyê* pode contribuir para conscientização histórica e valorização das relações etnicorraciais? c) Que concepção de África o *Ilê Aiyê* traz através de sua musicalidade?

A história de um povo é o ponto de partida do processo de construção de sua identidade (MUNANGA:2015:31). Essa história que já foi contada precisa ser revista e precisa ser incluída nela os saberes dos(as) negros(as) e sua visão de mundo como participantes da História. A partir disso, buscamos ensinar História envolvendo os(as) alunos(as) na sua própria história. A escola a qual ocorreu a intervenção pedagógica foi a escola Municipal Pirajá da Silva a mesma possui 08 salas de aula, uma sala de vídeo, sala dos(as) professores(as), secretária, sala da diretoria, quatro sanitários, sendo dois para alunos(as) e dois para professores(as) e funcionários(as). Na parte térrea há uma área coberta e uma cozinha. O corpo docente é composto de 27 professores(as), o

quadro de funcionários(as) é composto de 18 pessoas e o número de discentes nos três turnos é de 435 alunos(as). Cerca de 90% das pessoas que trabalham ou estudam na escola se declaram negras.

A unidade escolar situa-se no bairro histórico da Liberdade, Salvador, Bahia. Recebeu este nome pois foi uma das rotas que passaram os heróis da Independência da Bahia em 1823. Além disso, era via de acesso entre o sertão da Bahia e antiga cidade de Salvador. É um local de forte pluralidade cultural, friso a presença dos blocos afros Ilê Aiyê, Muzenza e outras organizações culturais. Existem também várias igrejas, terreiros de umbanda e candomblé, templos espíritas e templos protestante o que evidencia a multiplicidade cultural da população do bairro.

Diante disso, essa pesquisa tem como alvo analisar as músicas do *Ilê Aiyê* (1975-2014), buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras das músicas visando à possibilidade de inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileira, contribuindo assim, para implementação da Lei 10.639/03 que obriga as escolas a intermeterem em seus currículos a História e Cultura da África e dos africanos. Arrolamos como objetivos específicos: **I.** Desenvolver um portal digital tendo como fonte principal as músicas do *Ilê Aiyê* onde se depositará neste espaço informações sobre o tema, as músicas catalogadas, sugestões de vídeo, áudio, sequência didática aplicada no projeto (aula-oficina) e as histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos. **II.** Desconstruir uma visão estereotipada, pejorativa e simplificada da África. **III.** Implementar a lei 10.639/03 por incluir no currículo escolar história negra tendo como locus a trajetória do *Ilê Aiyê*, analisando como este divulga a temática racial. **IV.** Promover aulas-oficinas temáticas para discutir assuntos direcionados as relações etnicorraciais afro-brasileiras de luta e resistência ao racismo empreendida pela Associação Carnavalesca *Ilê Aiyê* enquanto parte do movimento Negro. **V.** Verificar através das narrativas dos alunos, pautada na cognição histórica, como são 'reconfigurados' os conhecimentos trabalhados nas oficinas.

O Ilê Aiyê apresenta-se como uma escolha primorosa para este projeto, pois seu movimento cultural favorece o reconhecimento da identidade negra na Bahia, a valorização e expansão da cultura afro-brasileira. Esse Patrimônio Cultural da Bahia nasce em novembro de 1974 em pleno período da Ditadura Militar, com uma proposta ousada de formar um bloco de carnaval somente de negros. O discurso proferido pelo Ilê Aiyê através de seus aparatos representacionais, como sua música, permitiram a

construção de uma identidade afro-brasileira que prepõem-se como referencial para o povo negro.

Evoquei para sustentação teórica desta pesquisa as discussões dos autores dos Estudos Culturais que colaboram para possibilidades de análise epistemológica mais abrangente que abarque sujeitos e culturas subalternizadas como Stuart Hall (2006,2008,2016), Paul Gilroy (2001), e dos Estudos Decoloniais de Anibal Quijano (2005, 2010). Sobre identidade negra e educação etnicorracial elegi Kengebele Munanga (2005,2015), Lourenço Cardoso (2010) e Marta Abreu & Hebe Mattos(2008) e Kathryn Woodward (2007). Para Ensino e História, ancorados nos aportes da Educação Histórica, me servi de John Rüsen (2001,2010), Isabel Barca (2004), Célia David (2003), Kátia Abud (2005). Já para discutir currículo recorri a Tomaz Tadeu Silva (2015), Lopes&Macedo (2011), Catherine Walsh (2001,2007). Sobre o Quilombismo e trajetória do bloco afro *Ilê Aiyê* dialoguei com Abdias Nascimento(2002), Goli Guerreiro (2010) e Jônatas C. Silva (2004).

Para desenvolvimento da pesquisa optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa. Para Minayo (2010) este tipo de método procura “desvelar” processos sociais que ainda são pouco conhecidos e que pertencem a grupos particulares, sendo seu objetivo e indicação final, proporcionar a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referente ao fenômeno estudado. A autora define o método como:

“... é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. (MINAYO:2010:57)

Essa abordagem é importante pois objetiva-se a análise do conteúdo proveniente das fontes utilizadas e se houve uma mudança/permanência de percepção sobre a África. Esse método nos permite empregar procedimentos de interpretações a partir de dados coletados, sendo eles dados simbólicos, assentado em uma determinada conjuntura e que de alguma forma expressam parte da realidade do indivíduo.

Diante disso, o trabalho seguiu os seguintes passos: **primeiro**, desenvolvimento do referencial teórico, realizando pesquisa bibliográfica, buscando-se os principais autores(as), casos e publicações que deram sustentação para atingir os objetivos do estudo. O **segundo** passo, foi a aplicação de questionários com os(as) alunos(as) do 6ºano ao 9º ano do Ensino Fundamental II, do turno matutino, da escola da Escola

Municipal Pirajá da Silva, totalizando o campo amostral de cerca de 240 alunos(as) aproximadamente. A unidade escolar está localizada no bairro da Liberdade, Salvador, Bahia *lôcus* de pesquisa e aplicação do projeto com o intuito de verificar a percepção de África presente no imaginário dos(as) discentes. Esses dados serviram para analisar se havia necessidade de se realizar uma intervenção pedagógica sobre a temática África na referida escola, haja vista que este ano a lei completa quinze anos subentendendo que já é aplicada em todas as instituições de ensino, se a visão que os alunos(as) têm da África ainda é ou não estigmatizada, para saber qual a identidade étnica dos sujeitos investigados e para composição da aula-oficina que tem como princípio a realização a partir do conhecimento prévio dos(as) alunos(as).

Seguindo o princípio investigativo, foi empregado um questionário via *google formulário* com oito professores(as) voluntários(as) da supracitada escola, sendo um de cada disciplina que compõe o currículo escolar na tentativa de aludir como, porque e se abordam ou não a Educação das Relações Raciais a partir da inserção da Lei 10639-03 e como discutem a temática História da África em suas salas de aulas.

O **terceiro** passo foi realizar as coletas das músicas que foram feitas por meios eletrônicos em *sites* de música tais como *Vagalume* e *Letras* neles estão depositadas 88 músicas. Também estão arquivados na página oficial do *Ilê Aiyê* a discografia do bloco e as músicas temas do carnaval e nos cadernos pedagógicos elaborados e distribuídos pelo bloco.

Foram catalogadas oitenta 88 músicas que fazem parte da discografia do Bloco *Ilê Aiyê* denominado de “Canto Negro” ¹ composta por 04 CDs. As músicas são escolhidas por concursos divididos em duas categorias. Na primeira música tema o compositor(a) é motivado a escrever o enredo do carnaval de acordo com a temática escolhida pela entidade que fornece uma cartilha sobre o tema que será abordado no carnaval para subsidiar na composição da música. A segunda categoria é a música poesia, nela o compositor narra suas experiências cotidianas. Para esse trabalho interessa as músicas que trazem informações sobre a História e Cultura Africana. Dentre elas, foram selecionadas 19 canções (anexo) que fazem referências a vários países africanos, a nossa ancestralidade, a influência na cultura brasileira, personalidades africanas que lutaram contra o racismo.

O desenvolvimento deste-projeto permitiu produzir conhecimento e aplicação de prática inovadora com intervenção no contexto escolar objetivando melhorar o processo de ensino aprendizagem, sendo este o **quarto** passo deste trabalho. Para isto, me servi

da metodologia de aula-oficina apregoado por Isabel Barca (2004), que permite o uso de documentos em sala de aula para ser explorado como recurso didático, auxiliando no desenvolvimento do raciocínio histórico sem deixar de levar em consideração os conhecimentos prévios dos/as alunos/as, trazendo método da pesquisa histórica para sala de aula e a construção do conhecimento pelo próprio aluno(a). A aula-oficina terá como tema: Que África é essa representada pela música do *Ilê Aiyê*? Tendo como objetivo principal a construção do conhecimento histórico pela análise do conteúdo da música para verificar como o *Ilê Aiyê* representa a África, a percepção dos(as) alunos(as) referentes ao tema, extrair subtemas para aprofundamento da pesquisa pelos(as) alunos(as), ressignificar esse conteúdo, relacionando a problemática do seu cotidiano e a sistematização com a produção de uma história em quadrinho(HQ) pelos(as) alunos(as). Já o **quinto** passo, foi a construção do portal digital: cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro, para a exposição do resultado da execução do projeto e da intervenção pedagógica.

Esta dissertação foi estruturada em seis capítulos: a **Introdução**, neste primeiro momento apresento os caminhos trilhados para execução deste projeto. No segundo capítulo denominado de **Aquecendo os Tambores: Ensino de História e a Construção de um Currículo Antirracista** mostra que precisamos ressignificar e atualizar o currículo escolar continuamente para atender as demandas sociais contemporânea. Entre essas, destaco a necessidade de se promover uma educação democrática, na qual as práticas culturais de todas as etnias estejam representados nos lugares de saberes, incluindo o currículo escolar. Por isso, optei por um currículo na perspectiva da interculturalidade pois este abarca as diversas identidades presentes em nossa sociedade. Um outro aspecto fundamental na atualidade é tornar o conhecimento histórico significativo para vida prática, para isto ocorrer escolhi aproximar o assunto estudado a vida do estudante que é uma das preocupações da linha investigativa da Educação Histórica.

No terceiro capítulo, **Ilê de Luz: A Força de um Movimento Social para uma Educação Antirracista** discorro sobre a trajetória do primeiro Bloco afro *Ilê Aiyê*, como este usou aspectos culturais construídos a partir da diáspora africana como vetor para lutar por direitos sociais e reivindicação de uma identidade afro-brasileira configurando-se como um movimento negro ou um Quilombo contemporâneo. Uma das estratégias de luta do *Ilê Aiyê* foi utilizar a música para imprimir uma identidade negra, reaproximando seus descendentes brasileiros da África, logrando um sentimento de pertença. O *Ilê Aiyê*

traz outro viés e retrata a africanidade² de forma positivada, no qual não se encontra nada que seus descendentes possam se envergonhar.

O capítulo seguinte, **Musicalizando o Currículo de História para Implementação da Lei 10.639/03** discorre sobre a potencialidade enquanto metodologia de ensino o uso de fonte de conhecimento histórico a música do Bloco afro *Ilê Aiyê* no processo de ensino e aprendizagem em História e para a efetivação da Educação Etnicorracial. A epistemologia em Educação Histórica incentiva a realizar situações de aprendizagens reais nos ambientes educativos. Então, buscou-se não só prescrever uma sequência didática, mais aplicá-la em sala de aula, construindo uma pesquisa participativa com a escola, universidade e alunos(as).

Já o quinto capítulo, intitulado **O Produto: Canto Negro na Diáspora** mostra que o programa de Mestrado em Ensino de História-Profhistória orienta que se faça um produto como disseminador do conhecimento. Para esse fim, desenvolvi um portal digital onde estão depositadas informações sobre a dissertação, as legislações sobre a temática etnicorracial, as músicas catalogadas, sugestões de vídeo, áudio, a proposta de intervenção didática da aula-oficina aplicada e a produção da história em quadrinhos realizada pelos alunos como resultado da aula-oficina. E o último capítulo, **Considerações Finais** discorro sobre os resultados da pesquisa.

Nesta perspectiva, o presente estudo inscreve-se na linha de pesquisa Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão pois busca a construção de uma ferramenta didática –Portal Digital– O recurso digital estará disponível em meio eletrônico no *site* www.cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro para os(as) alunos(as) e professores(as) da rede básica de ensino e que este sirva como instrumento didático viabilizador da inclusão da história negra no ensino de História, corroborando para aplicabilidade da lei 10.693.

² O conceito de africanidade a qual o trabalho opera está alicerçado no pensamento de Carlos Gadea. O autor exprime que: "A africanidade é um espaço de elaboração discursiva e política que pretende sintetizar a pertença coletiva de um grupo humano a uma comunidade presumivelmente fundamentada em determinadas especificidades históricas e culturais referenciadas no continente africano" (GADEA, 2013, p. 87)

2. AQUECENDO OS TAMBORES: ENSINO DE HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ANTIRRACISTA

2.1 CURRÍCULO E IDENTIDADE: POR UM CURRÍCULO ENREDADO NO SEU TEMPO

A palavra currículo, vem do latim curriculum, na sematologia significa caminho. De acordo com o contexto que for empregado pode adquirir vários significados, ou seja, profusos caminhos. No âmbito escolar existem inúmeras definições do que seja currículo, a depender da abordagem, objetivo ou concepção de Educação que cada sistema de ensino adote. Ribeiro (apud MATTOS:2012:14), declara que esse termo “não possui um sentido único, pois existem uma diversidade de definições e conceitos em função das linhas de pesquisas e das percepções dos seus pensadores”. Entretanto, entre as distintas teorias curriculares acha-se uma paridade em sua significação, “a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo”. (LOPES&MACEDO:2011:19). Assim, o currículo tem grande importância no processo de ensino e aprendizagem apresentando-se como um elemento fundamental para o processo educacional.

O currículo no contexto escolar assume a função de abalizar o trajeto percorrido por todos os estudantes no percurso de sua escolarização. Consiste em um documento no qual estão sinalizados os conteúdos/ conhecimentos a serem estudados e as atividades a serem empreendidas pelos educandos, conforme salienta Mattos (2012:15), “currículo é o conjunto de experiências educativas oportunizadas pela escola, resultante de intenções explícitas da própria organização e de ingredientes da vida escolar”.

Para além de sua função prescritiva, o currículo consiste em um documento que foi concebido por alguém e para alguém em uma determinada conjuntura histórica. Lopes&Macedo (2011), baseando sua análise nas teorias pós-críticas, chama atenção para o caráter discursivo do currículo e sua produção de sentido dissimulados em relações de poder. Conclui que:

Assim como as tradições que definem o que é currículo, o currículo é, ele mesmo, uma prática discursiva. Isso significa que é uma prática de significação, de atribuição de sentidos. Ele constrói a realidade, nos governa, constrange nosso comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos. Trata-se, portanto, de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos e os recria. Claro que, como essa recriação está envolta em relações de poder, na interseção e que ela se torna possível, nem tudo pode ser dito. (LOPES&MACEDO:2011:41).

Neste sentido, o currículo não é neutro, possui intencionalidades, está articulado com outras instâncias imbricados por relações de poder presentes em nossa sociedade, que impõem os conhecimentos que devem ser ensinados, estabelecendo como objetivo definir o tipo de pessoa ideal para determinadas sociedades. Semanticamente, a palavra currículo, está atrelada ao que somos ou ao que nos tornamos, ou seja, está relacionado a nossa identidade e a nossa subjetividade como nos diz Tadeu Tomaz Silva ao enfatizar que os currículos são documentos de identidade:

Nas discussões cotidianas, quando falamos de currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade. (SILVA:2015:15).

Dessa maneira, o currículo é entendido como uma construção social, cultural e histórica com intencionalidades que por muito tempo silenciou ou negou algumas identidades com o objetivo único de manter a ordem social centrada em uma única cultura como protagonista e as outras somente como coadjuvantes. Mas, essas culturas coadjuvantes não estavam em parâmetro de igualdade ou não concorriam para um objetivo comum, embora os discursos civilizatórios pregassem a informação de sujeitos conformados com a ordem social vigente. Isso faziam parte de um plano de dominação imposta pelos colonizadores para auxiliá-los na manutenção de um sistema de dominação e exploração de uns em detrimento dos outros.

Os currículos escolares sempre foram determinados por essa lógica homogeneizante, privilegiando a cultura branca, masculina e heterossexual europeia. Ou seja, desconsidera as características dos grupos dominados, fazendo com que estes percam sua identidade para seguir o que foi determinado pelas classes dominantes. Segundo Quijano (2005:117), isso é reflexo do processo de colonização que se perpetua pela colonialidade que se apresenta na contemporaneidade como um elemento material de exploração, mas também uma formatação ideacional e identitária que tem em seu eixo principal a classificação social, que foi difundida através da ideia de raça, utilizada como uma forma de dominação colonial eurocêntrica. Portanto, excluiu outros saberes e outras formas de interpretar o mundo.

No âmbito educacional, isso pode ser modificado se pensarmos propostas pedagógicas além da perspectiva colonial e excludente que tinham como parâmetro

teórico a hierarquização das raças. Segundo Lopes&Macedo (2011), o currículo é entendido como produto da seleção de saberes e disputas entre os considerados legítimos e os deslegitimados. Mas propõem que essa disputa não seja pela seleção de conteúdos e sim pelo significado que ele terá na escola.

Neste contexto, é importante trabalhar o conceito de identidade, já que a escola se configura como um espaço privilegiado de interação social de produção, compartilhamentos de saberes e práticas culturais, onde o indivíduo constrói conhecimento de si e do outro, em um processo de contínua aprendizagem, de modo que possa construir sentido e influenciar as suas ações. Hall (2008) defende que a identidade não é algo pronto e acabado inerente ao sujeito, mas que é uma construção social e histórica, nesse sentido, o indivíduo pode transformar-se ao longo do tempo reformulando sua identidade e como é visto pelo outro, conforme defende Hall:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. (HALL:2015:24-25).

Ou seja, ele nos alerta para a compreensão da incompletude do sujeito pois o indivíduo não é, ele se torna e ao mesmo tempo, esse ser não é fixo ou imutável. Portanto, a identidade não faz parte da essência humana e sim faz parte de um processo histórico de significação e ressignificações simbólicas subjetivadas (HALL:2008).

É nesse sentido que o ensino de História se torna importante, pois o nexos que a sociedade possui com as formas de registros de seu passado gera uma identidade, uma vez que, mediados por vestígios documentais, os indivíduos podem rememorar sua história. Rüsen (2001:66) assevera que a “a narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana”. Logo, as aulas de História contribuem para esse processo identitário. A formação das identidades é um dos objetivos principais dos currículos de História. De modo geral, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica direcionam para tal, ao ditar que:

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto

em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo e emocionais, sócio emocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional. (BRASIL:2013:17).

No entanto, Jacques Le Goff (1990), nos lembra que a memória social está imbricada em tensões sociais e por conta disso pode-se acarretar no indivíduo uma falta ou perda, intencional ou não, da memória coletiva nas comunidades, ele pode escolher ou ser influenciado por diversos fatores sociais a lembrá-los ou esquecê-los, já que a memória coletiva envolve relações de poder. Ou seja, toda memória tem sua parte de *amnésia social* e que pode provocar graves problemas de identidade social. E por essa razão, é necessário recorrer à memória em um processo que envolve reconstituição de um passado, ritualizações e esquecimentos de algumas imagens do pretérito, incluindo proposições coloniais ainda presentes e enviesadas pela colonialidade.

O Brasil por ser um país multicultural³ deve ter suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional e, portanto, no seu objeto definidor que é o currículo. Isso nos permite ver a Educação de uma nova perspectiva de valorização de todos os saberes provenientes da realidade social e histórica que nos cercam, numa perspectiva de tratar a diferença com empatia e alteridade no sentido de procurar compreender o outro de forma positiva e respeitosa, ou seja, ver os outros do ponto de vista deles mesmos, haja vista que o comum e natural é sermos diferentes. Ana Célia da Silva (2010:16), discutindo sobre formas práticas de desconstruir a discriminação do negro reforça a importância de “ênfatar que existem diferenças e que elas não são nem boas nem más, são diferenças”. Já Hall (2014:108), nos lembra que as identidades não são unificadas e estão em constante transformação, fragmentação e ressignificação, sendo construídas a partir da diferença e da relação com o outro.

Assim, não cabe na sociedade contemporânea privilégios em nenhum espaço de poder, incluindo aí a escola e seus currículos. Nessa perspectiva, surge a preocupação com a identidade étnica e racial embutidos nos currículos que privilegiavam uma única cultura dissociada da realidade do educando pois “o conhecimento sobre raça e etnia incorporado no currículo não pode ser separado daquilo que as crianças e os jovens se tornarão como seres sociais”. (SILVA:2015:102). Muitas vezes esse processo corrobora com uma não identificação com o assunto estudado e, conseqüentemente, um

³ Devo salientar que multiculturalismo no Brasil é fruto dessa relação de poder oriundo do processo colonizador que acarretou efêmeras problemáticas sociais incluindo o racismo e profundos desníveis sociais.

desestímulo ao prosseguimento dos estudos, principalmente, dos sujeitos considerados subalternizados, acentuando ainda mais as desigualdades sociais.

Como o currículo é um mecanismo mutável de construção de identidades nacionais, podemos colocar em evidência culturas outrora marginalizadas, fruto da herança colonial, não com informações simplicistas e folclorizadas, como por exemplo fantasiar os alunos(as) de negros(as) ou índios em datas festivas sem uma devida problematização da vida em sociedade desses grupos. Prática pedagógica que Santomé (1995:173) denomina de *currículo turístico* que se caracteriza em propostas de trabalho em unidades didáticas isoladas, nas quais, esporadicamente, se pretende estudar a diversidade cultural”.

Antes, devemos priorizar construir práticas pedagógicas que desconstruam visões dicotômicas de superioridade versus inferioridades, que tanto contribuíram para as hierarquizações e desigualdades sociais. Que se voltem para os sujeitos suas diferenças e problemáticas dentre elas as questões das relações étnico-raciais.

O texto curricular, entendido aqui de forma ampla - o livro didático e paradidático, as lições orais, as orientações curriculares oficiais, os rituais escolares, as datas festivas e comemorativas - está recheado de narrativas nacionais, étnicas e raciais. Em geral, essas narrativas celebram os mitos da origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas. Em termos de representação racial o texto curricular conserva, de forma evidente, as marcas da herança colonial. O currículo é, sem dúvida, entre outras coisas, um texto racial. (SILVA: 2015:101-102).

Apresenta-se como alternativa de rompimento com um ensino excludente, em busca de um ensino mais democrático, que corresponda às demandas da contemporaneidade que visam a equidade de direitos, diálogo, reconhecimento das diferenças. Surge como uma abordagem interessante a interculturalidade apresentada por Vera Candau, para ela a educação deveria ser dialeticamente inclusiva:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU: 2008:23).

A escola como espaço de interação e socialização e todo seu aparato desempenha um importante papel de inclusão das diferentes culturas.

[...] uma perspectiva crítica e intercultural, neste sentido, a centralidade da educação estaria na cultura e demandaria a necessidade de compreender a escola como [...] um espaço de cruzamento de culturas, fluido e complexo, atravessado por tensões e conflitos. (CANDAU: 2012b:65-70).

Ainda, a autora pontua qual deve ser o objetivo de currículo pautado nos moldes intercultural:

[...] **questionar as diferenças** e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, religioso, entre outros. Parte-se da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que **assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias** entre os diferentes grupos socioculturais, **o que supõe empoderar** aqueles que foram historicamente inferiorizados (CANDAU:2012a:127).

Esta concepção de currículo é muito importante para o desenvolvimento deste trabalho, pois trata-se de uma proposta de inserir no currículo a História e Cultura Africana e Afro-brasileira, afim de promover relações étnicos raciais sem hierarquizações. Porém, numa perspectiva de desconstrução de conceitos e pré/conceitos, de enfrentamento a desigualdade, de combate ao racismo, de cooperação para que outros saberes possam ser construídos e as outras culturas até então negadas e silenciadas possam ser significadas/ressignificadas no território/tempo escola. Devemos e podemos utilizar esse território para conferir e validar vozes outrora subjugadas.

Walsh (2007) propõe a perspectiva da interculturalidade crítica como a forma da pedagogia decolonial:

A interculturalidade crítica (...) é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma experiência histórica de submissão e subalternização. Uma proposta e um projeto político que também poderia expandir-se e abarcar uma aliança com pessoas que também buscam construir alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental, e que lutam tanto pela transformação social como pela criação de condições de poder, saber e ser muito diferentes. Pensada desta maneira, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si. [...], é um projeto de existência, de vida. (WALSH:2007: 8)

Na perspectiva do currículo decolonial, podemos fazer um enfrentamento de todo e qualquer tipo de discriminação. *Walsh (2001:41) define a interculturalidade como “[...] conceito e prática, processo e projeto [...] que significa, em sua forma mais geral, o contato e **intercâmbio entre culturas em termos equitativos, em condições de igualdade**”.*

Através de uma prática pedagógica descolonizadora desconstruir a visão estereotipada, pejorativa e simplificada da África que ainda escravizam nossas mentes, prejudicando aos negros em sua imagem e perspectiva de vida, sendo este povo relegado à subalternidade como vítimas de um sistema persistente que visa a subordinação. Por meio do currículo escolar podemos assumir essa tarefa como incentiva Walsh:

“Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial dirigido a tirar as correntes e **superar a escravização das mentes** (como diziam Zapata Olivella y Malcolm X); a desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade”. (2007:9).

A partir desta escolha transgressora podemos incluir o ‘Outro’ (HALL:2008), neste caso, os descendentes da diáspora africana, seus profícuos saberes do legado nos territórios ancestrais que nos aproxima e os faz pertencer com base no que é próprio das vivências dos(as) negros(as), visando tornar mais audíveis as vozes de grupos e de sujeitos alocados nas fronteiras das estruturas educacionais. Um grande avanço nesse direcionamento curricular foi a promulgação da Lei 10.639/2003⁴ que rege sobre a obrigação de se incluir no Currículo a História e cultura Africana e Afro-brasileira resultado do agenciamento constante do povo negro e da conscientização do seu papel enquanto cidadão. O que permite ao profissional de educação um novo olhar a essas culturas dando um protagonismo a esses sujeitos de forma positivada impulsionando a implementação da lei no cotidiano escolar.

Um dos objetivos apresentados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foi a incorporação da temática História e Culturas Afro-Brasileiras nos currículos escolares que consistem em:

[...] oferecer uma resposta, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Trata o parecer de política curricular, fundada em dimensões históricas, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros (BRASIL:2004:18).

⁴Essa lei foi modificada em 2008 pela lei 11.645/08 que inclui a cultura indígena. Entretanto, embora reconheça a importância dos indígenas na formação da sociedade brasileira neste trabalho usarei a lei 10.639/03 por especificar a temática africana e afro-brasileira.

Busquei neste trabalho a inclusão da temática africana no currículo escolar da escola Municipal Pirajá da Silva partindo da necessidade dos(as) alunos(as) em lidar com a insistente inferiorização da África e da sua população.

Conforme pesquisa realizada, observações das aulas e conversas informais com os(as) alunos(as) notou-se que o que era exposto referente a história e cultura deste povo era traduzido pelas crianças como algo de pouca relevância e muitas demonstraram sentimentos de vergonha e negação em serem negras rejeitando sua ancestralidade e seus pares. Já para os grupos dos não negros, constatamos a continuação de atitude de desinteresse e omissão em relação as problemáticas que afligem a população negra por acharem que não diz respeito a eles, como expresso por uma aluna branca participante da aula- oficina ao ser questionada sobre o que conhecia do trabalho realizado pelo *Iê Aiyê*, a mesma respondeu: “Nada, pois nunca me interessei sobre o racismo e a importância do negro”⁵ (Sm. 8º ano). Demonstração clara, consciente ou não, de racismo que invisibiliza o outro.

O ser humano necessita pensar e refletir para a compreensão do seu próprio tempo, de forma a possibilitar que o mesmo possa posicionar-se diante dos acontecimentos e informações que invadem seu cotidiano, esse diálogo deve acontecer nas escolas que é um importantíssimo centro de formação e sociabilização.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Há aproximadamente uns quinze anos, quando observávamos os currículos e os livros didáticos tendo como referência o negro, percebíamos que existia uma invisibilidade ou um silenciamento dessa população no percurso da História, deixando subentender que o povo negro não é atuante ou não fazia parte do processo histórico. O papel desempenhado pelos povos de origem africana na História do Brasil era contado a partir do processo escravagista, qual o negro era visto como coitadinho, sem cultura, menosprezado e inferiorizado. Os vestígios dessas estereotipagens raciais persistem até os dias atuais, Hall (2016:175) chama de “regime racializado da representação”.

Esta configuração educacional ocorre por conta do currículo escolar que sempre esteve imbricado pela ótica da cultura europeia, como parâmetro ideal que deveria ser imitado pela população brasileira, incluindo os dogmas católicos como influenciadores

⁵ A fonte diferenciada tem o objetivo de valorizar e evidenciar as vozes dos sujeitos participantes da pesquisa.

da moral, alijando todas as outras culturas. Esta visão de educação se consolida quando o processo de ensino e aprendizagem somente se baseia em livros didáticos alimentados de temas europeus e com poucos conteúdos em relação a outras identidades, sobretudo, a africana que deveria ser a mais estudada, pois sua influência está visivelmente presente nas características físicas, históricas e culturais da maioria da população brasileira.

Mas, essa história vem mudando com a célebre contribuição do movimento negro que reivindica a inclusão destes indivíduos na sociedade brasileira por meio de uma educação de qualidade e por um currículo que contemple a identidade negra preconizando a lei 10.639/03 que discorre sobre a obrigatoriedade de se incluir no currículo o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, especificando que se inclua no conteúdo a História da África e as lutas do negro no Brasil, conforme dirime o artigo:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da **História da África e dos Africanos**, a **luta dos negros no Brasil**, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

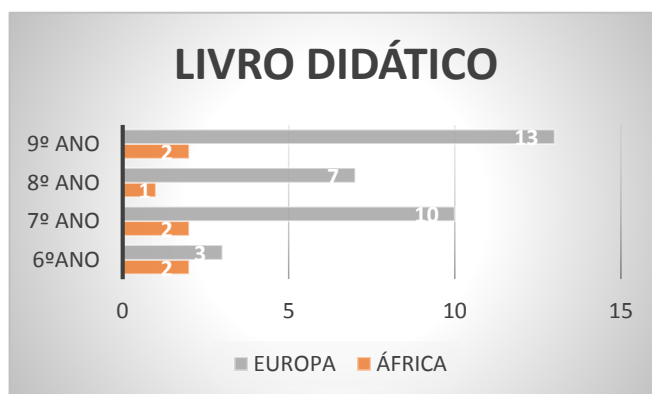
§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

O advento desta lei, assim como as diretrizes que as sucedem, auxilia na mudança de olhar em relação ao negro(a), concebendo visibilidade através da inclusão da cultura Africana e afro-brasileira no ensino. Entretanto, deve-se sublinhar que com o advento da lei 10.639/03 e a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana os conteúdos dos livros vêm atender as determinações legais, ainda assim, a história do africanos e afrodescendentes aparecem de forma incipiente com conteúdo superficiais articulada a História europeia e não a nossa como a norma determina ao ditar que a História da África deve ser tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, mas nos tópicos

pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil (SECADI:2013:142).

Para exemplificar esse estágio de incipiência em relação aos conteúdos selecionados do livro didático⁶, analisei a coleção Projeto *Araribá História*, editora moderna do 6º ao 9º ano, do ensino fundamental II, avaliado pelo PNLD, liberado para utilização (2014-2017), escolhido em conjunto pelos professores de História da unidade escolar que atuo. Nesse exame, busquei fazer um comparativo com a quantidade de conteúdos referentes a História da Europa em relação a África. O resultado que alcancei foi que apesar dos livros já trazerem uma nova abordagem de forma positivada da África ainda se percebe que a História de todas as outras culturas, incluindo a africana, estão vinculadas a História da Europa e a quantidade de conteúdo é bastante inferior conforme gráfico abaixo:

Figura 1: Gráfico do resultado da análise do livro didático Araribá História



Fonte: Coleção Projeto Araribá História, 2014

Isso pode ser consequência do papel que a escola vem desempenhando como um centro cultural que dissemina essa ideologia da subalternidade⁷, elegendo a cultura

⁶Cabe salientar que esta pesquisa não tem como prioridade fazer um estudo sobre o livro didático, entretanto, considero pertinente citá-lo brevemente por ser um material utilizado cotidianamente pelos professores e alunos.

⁷ Anita Helena Schlesener em seu livro *Grilhões Invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci* traz a contribuição de Gramsci para pensar a ideologia e a condição do subalterno e enfatiza que a partir da visão do autor “amplia-se o significado de subalterno a todas as classes oprimidas da história da civilização moderna, a todos os marginalizados do processo histórico, tanto os que resistem à dominação demonstrando alguma consciência de classe, quanto os que se encontram completamente à margem, sem uma consciência clara de sua condição de classe, ou mesmo da dominação à qual estão submetidos”(2016:135).

branca, europeia, patriarcal e burguesa como ideal para todas as sociedades, negligenciando todas as outras culturas. Por exemplo, nesse mesmo livro didático do 8º ano que abrange assuntos da Idade Moderna, os africanos só aparecem na dinâmica do processo escravagista, o que contribui para a sua estigmatização. O que os africanos estavam fazendo neste período da história em seu território de origem? Não aparece neste compêndio cabendo ao professor buscar novas fontes e metodologias pedagógicas para preencher essas lacunas.

Torna-se então, fundamental e urgente uma (re)contextualização na perspectiva do ensino. Isso se tornou possível com Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de história da África e culturas Afro-brasileiras nas etapas e nas modalidades da educação básica, implicando a necessidade de trazer uma nova abordagem para o desenvolvimento de práticas pedagógicas pautadas pelo reconhecimento e valorização da diversidade etnicorracial e uma posituação da África, cabendo ao profissional de Educação a sua efetiva implementação.

A orientação prescrita no documento que norteia a prática do professor denominada de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana é que em nossas atividades educativas procura-se oferecer uma resposta à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade, buscando combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros, propondo atividades pedagógicas que divulguem e respeitem os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas.

A Secretaria Municipal da Educação e Cultura de Salvador (SMED), Bahia foi o primeiro a fomentar um documento de políticas educacionais de valorização da diversidade que orientam para a estruturação curricular das escolas municipais com base na temática consubstanciada pela Lei 10.639/03. Em consonância as Diretrizes Curriculares para a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador incentiva os seus educadores a acrescentar essa temática em sua prática pedagógica para além do que está previsto neste documento ao dizer que:

É válido salientar que os conteúdos e metodologias elencadas não esgotam as imensas possibilidades de trabalho pedagógico, ou seja do tema, seja da área em questão. Deste modo, não há qualquer pretensão de estabelecer todos os itens de estudo em cada área, mas de recomendar onde a história e a cultura negra podem ser estudadas, a partir de tópicos que, em geral, são tratados no Ensino Fundamental. Espera-se, inclusive que cada professora ou professor, com sua classe de alunos e alunas, acrescente, faça adequações substituições, no intuito de atender as especificações de sua prática pedagógica. (SMED:2005:13).

Ainda orienta:

Para introduzir a história e cultura afro-brasileira e africana no Currículo é necessário repensar o ensino-aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, para que a inclusão ocorra de modo articulado, preferencialmente, a partir da transdisciplinaridade. (SMED: 2005:26)

As Diretrizes Curriculares para a Inclusão da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador traz um avanço em relação a Lei 10.639/03. Enquanto a legislação Federal tipifica que os conteúdos referentes à História devem ser ministrados, em especial, nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras o documento Sistema Municipal de Ensino de Salvador enfatiza a importância da inclusão dos conteúdos referentes à África e à sua diáspora, perpassando por todas as disciplinas durante o ano letivo e não somente durante datas comemorativas, além de apontar possibilidades para inserção da temática etnicorracial no Projeto Político e Pedagógico da escola.

Como a lei é um papel, precisamos que o mesmo tome vida através das ações dos professores e que estes assumam a tarefa da reparação, de combate ao racismo e de uma educação para diversidade. Pensando nesta questão, resolvi inquirir meus colegas da Escola Pirajá da Silva, a qual leciono a disciplina de História sobre a importância da Lei e sua implementação. Os entrevistados salientaram a importância de se envolver essa temática e que a escola como um todo aborda essa questão em datas pontuais como a celebração do “Dia da Consciência Negra” conforme cita alguns professores(as):

São extremamente importantes, pois contribuem para a formação de um cidadão menos preconceituoso e mais consciente. (História)

Através de músicas que abordam a questão racial, algumas vezes realização de pesquisas sobre personalidades negras importantes, ou quando a escola propõe uma atividade coletiva em ocasião do mês da Consciência Negra. (Inglês)

Ao indagar aos professores(as) das disciplinas que de acordo com a legislação teria prioridade em promover as discussões em torno da diversidade e inclusão da Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas responderam:

Sim, através dos conteúdos de Arte e Cultura africana e afro – brasileira, empoderamento feminino, o papel da mulher negra, música, beleza negra etc.(Artes).

Através da implementação de projetos que desenvolvem o tema Utilizando textos, imagens e estimulando reflexões sobre o tema. (História).

Não abordo. Na verdade, imaginava que este assunto ficaria melhor trabalhado nas disciplinas de História e Cultura Baiana. Visto que a disciplina de Língua Portuguesa já é muito cobrada em vários outros conteúdos. (Língua Portuguesa).

Ficou claro que alguns professores(as) ainda negligenciam a lei evitando essa temática, não dando a devida importância a sua aplicação no cotidiano escolar e para uma educação antirracista. Munanga (2005) aponta alguns fatores que levam os professores(as) a terem essa atitude, como o despreparo para lidar com essa temática, o preconceito introjetado implícito e explícito, como reflexo do mito da democracia racial, e possivelmente da cultura do branqueamento.

Por outro lado, observei que na escola investigada a maioria dos profissionais atuam na perspectiva da prática efetiva da lei, aproveitando seus conteúdos para imprimir a História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas diversas disciplinas, como o professor de Educação Física que associa as competições de esportes com reflexões sobre gênero, violência contra a juventude negra, violência contra a mulher negra, exploração do trabalho. Já o professor de Ciências destaca a importância que se tem de aproximar o conteúdo da realidade do aluno, já que escola tem a maioria de alunos negros:

A história da espécie humana e das ciências estão bastante associadas ao continente africano, por exemplo, Ao tratar de evolução da espécie humana, resalto a origem africana, lembro da contribuição egípcia para a história das ciências, além de exemplos de negros na ciência. Não tenho conhecimento da lei, mas procuro aproximar o

conteúdo das aulas ao meu público, que mora em sua maioria na região da liberdade. Sempre entendi ser necessário que os estudantes sintam-se representados na história do que tratamos no currículo. (Ciências)

Ivanildes Guedes Mattos (2010) em sua tese aponta a necessidade de outras matérias escolares trabalharem essa temática de forma interdisciplinar. Ela escolhe as músicas de pagode baiano como possibilidades de implantação da Lei 10639/03 nas escolas da educação básica inter-relacionando com os conteúdos de Educação Física. Iniciativas como estas são imprescindíveis tematizar, pois por muito tempo os livros e o próprio currículo escolar não falavam da contribuição africana para além da escravidão, e sobretudo, para que os estudantes negros(as) vejam os saberes de seu povo representados e assim se sintam acolhidos de forma valorativa.

Nesse processo de “violência simbólica” (HALL:2016:193) engendrado pelo campo da Educação e suas políticas de branqueamento da população brasileira, do mito da democracia racial o negro é sempre visto pela ótica da escravidão, logo, tudo referente a esta etnicidade era considerada indesejada, menos importante e marginalizada. Isso acarretou um problema patente na vida do povo brasileiro que é o racismo implícito e explícito em nossas relações sociais. Embora, este racismo esteja presente em nosso cotidiano, muitas vezes este não é percebido tão facilmente, sobretudo, por crianças em formação escolar que estavam protegidos pelo seio familiar ou religioso e a partir da escolarização passa a pertencer a outros campos relacionais tensos. Além disso, uma história do povo negro com uma abordagem ligada ao viés da colonização e da escravidão se tornou desestimulante, no sentido de que seus entes se identifiquem como tal.

A discriminação na escola traz consequências para crianças negras que subjetiva o sentimento de inferioridade, promove a inadequação social, na estética, no potencial intelectual, no fracasso escolar, um sentimento de vergonha, medo ou raiva de ser negro, ou pior, a aceitação disso como uma condição natural e não como um processo de subordinação forjado por uma sociedade marcada pelas diferenças hierárquicas. Nesse processo as crianças brancas também são atingidas, reforçando neles o sentimento de privilégios e superioridade baseada na cor da pele, prejudicando os relacionamentos sociais, reproduzindo em gestos, falas e atitudes racistas de forma intencional ou como uma reprodução banalizada em forma de brincadeiras.

Pensar uma educação antirracista envolve conceber visibilidade para as questões etnicorracial na escola de modo que tanto o branco opressor assuma essa responsabilidade e não só ache que é “coisa de preto” quanto o negro, que ambos tomem uma posição de luta por emancipação de todos os sujeitos. Sobre essa realidade, o pesquisador Cardoso (2010) distingue as ações dos sujeitos em atitudes de branquitude acrítica e branquitude crítica. Ele denomina de branquitude acrítica a que deseja a conservação da superioridade branca, quando diz que “apesar do apoio as práticas racistas ou da inação diante delas, a branquitude acrítica pode não se considerar racista porque, segundo sua concepção, a superioridade racial branca seria uma realidade inquestionável” (CARDOSO:2010:63). Na escola nos confrontamos diariamente com atitudes de branquitude quando um professor ignora atitudes racistas de alunos que se auto identificam brancos baseados na cor da pele somente e este não reserva um momento da sua aula para desmistificar essa ideia, ampliando o discurso para falar de colorismo, fenótipo, genótipo por exemplo. Ou, quando escolhe para protagonismo em certos eventos alunos brancos, ou quando presencia e deixa passar supostas brincadeiras inocentes em sala de aula, como por exemplo, de aluno chamar o outro colega de *macaco ou burro*, mas que carrega as marcas da colonialidade de rebaixar o sujeito negro a condição de animal irracional. (QUIJANO:2010). O mais triste é que essas atitudes inaceitáveis são reproduzidas por educandos negros, principalmente, por aqueles que se acham menos negros –se é que isso é possível – ou não negros por terem a pele mais clara. Também pode-se caracterizar uma atitude de branquitude quando o educador omite, desvaloriza e menospreza toda ou qualquer manifestação cultural de qualquer outro povo que não seja o branco. Hall (2008), explica isto citando Gramsci ao falar sobre o ‘indivíduo contraditório’ que em vez de ter uma atitude de repúdio acaba reforçando o racismo e submetendo-se. Nos lembra que “uma das características mais comuns e menos explicadas do “racismo”: a “submissão” das vítimas do racismo aos embustes das próprias ideologias racistas que as aprisionam e definem”. (HALL:2008:333).

Na contramão disso, Cardoso (2010) propõe uma atitude diferenciada que ele chama de “a branquitude crítica, referindo-se ao indivíduo que desaprova publicamente o racismo” e que tem consciência de sua condição enquanto sujeito privilegiado em uma sociedade racista. Logo, posicionando-se quando ocorrem atitudes de racismo em qualquer ambiente, principalmente, na escola. E principalmente, aceitando e permitindo

que os negros ocupem espaços de poder na sociedade e possam usufruir com equidade sua cidadania.

Na escola devemos ter um papel ativo de militância contra qualquer forma de preconceito que tenta invisibilizar e não respeitar o outro, criar e/ou implementar estratégias antirracistas, mostrando que a diversidade é um fator de enriquecimento da humanidade em geral, ao invés de fazer a política de avestruz, conforme diz Munanga:

Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos "coitadinhos", em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetado em detrimento de sua própria natureza humana.(2005:16).

Infelizmente, muitos professores se posicionam como descrito acima por Munanga (2005) em decorrência da nossa relação com os europeus e por terem sido educados com base no eurocentrismo, no qual a representação que se tem da África foi sempre de forma distorcida, estereotipada e pejorativa. Também, algumas dessas ideias são propagadas pela mídia, pela escola através de seus currículos e livros didáticos, filmes, novelas dentre outras fontes culturais, perpassando no imaginário de seus interlocutores noções de Áfricas como sendo um "continente de negros", ideia de unidade territorial, cultural e histórica, de um continente selvagem, tribal, primitivo, local de escravidão, pessoas subnutridas, enfermidades diversas, pobreza. Isso foi evidenciado na fala de alguns alunos(as) da supracitada escola quando indagados sobre o que pensavam da África responderam:

Eu penso que a África tem negros escuros que passam fome, bebem água suja, moram em casas de madeira, vivem comendo água com pão cheio de inseto. A África é cheia de areia, tomam banho em um lago de água suja cheio de lixo fedendo, crianças morrem de fome, as mulheres não têm mama para dar aos filhos. São negros que não tem o que comer, não tem lugar para as crianças brincarem ficam só na água suja. Eles acham que podem ter tudo, mas não tem merenda, comida, bebidas, sucos, guaraná, chuteiras, não tem escola, cadernos, livros, lápis de cor e amigos. (G.L.S. 6ºano).

A África é um país que há mais pessoas negras de que brancas. Este país é muito pobre existe pessoas que morrem de fome, podemos ver em algumas fotos pessoas que já amostra o esqueleto por falta de alimentação. Não existe pessoas de condições boas para tirá-los deste sofrimento (que são de lá). África país de animais? Digamos que sim, a

África é o país que existe mais animais selvagens do mundo então é bem visitado, mas existem certos perigos num país deste...porque é um país com muitas doenças como o ebola e etc. País que eu não vejo tanta política também não sei sobre isto prefiro não comentar muito. (H.D.S, 9ºano).

As narrativas analisadas são de alunos(as) de séries distintas, sendo um da primeira série e o outro da última série do ensino Fundamental II, ambos apresentaram conhecimento da África de forma superficial e estereotipada. O depoente do 9º ano mesmo com mais tempo de estudo e contato com a história da África de forma positivada através do livro didático revisado de acordo com a Lei 10.639/03, ainda se verifica que ali não existe algo importante que se possa comentar quando diz: “[...]País que eu não vejo tanta política também não sei sobre isto prefiro não comentar muito”, fruto de uma educação racista que incentivava o silenciamento e a anulação da história africana. Isso evidencia que é relevante se estudar África de forma a ressignificá-la positivamente, a fim de extirpar o preconceito que a aflige.

Esses preconceitos são frutos de um desconhecimento proposital que atribuem ao outro, o diferente, o antagônico sempre algo negativo, isso está relacionado às relações de poder, como nos lembra Albuquerque Jr (2012:11), ao dizer que “estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo dos costumes e das ideias”.

Isso infere que mesmo com a Lei 10.639/03 completando 15 anos não foi alcançado o efeito desejado, então precisamos militar e modificar a postura excludente de ensino, caminhando rumo a uma educação para diversidade, vislumbrando a redefinição positivada da África, dos africanos e dos afrodescendentes na educação e sociedade brasileira. A luta contra o racismo e todo tipo de intolerância ainda é latente, então é importante que os alunos tenham acesso a informações que valorizem os Africanos, que façam sincronia com os ancestrais através de sua História e Cultura.

Entretanto, ser afrodescendente significa conceber uma atitude de pertencimento, numa perspectiva de busca por uma igualdade social, sem portanto, mascarar, silenciar e invisibilizar o padrão opressivo de preconceito e discriminação racial das relações

étnicas no Brasil. Essa ideologia pautada na chamada de “*Democracia racial*”⁸, que tão cara foi aos povos negros no Brasil, desvelando-se como uma tentativa de neutralizar a luta do povo negro por direitos cidadãos, de fingir que as oportunidades econômicas e sociais eram iguais para todos sustentada pela ideia de meritocracia, prologando ainda mais a reparação social e uma recusa em aceitar que o país é racista, cabendo ao negro a luta de resistência a esse sistema opressivo. Enfim, precisamos de uma mudança de mentalidade que retifique o que os racistas tentaram implantar na mentalidade das pessoas conforme nos ensina Fanon (1979) quando incentiva a *descolonizar a mente* ou seja, precisamos ir em busca de uma construção de identidade descolonizada.

O racista acredita piamente que é superior ao outro, concebendo qualquer subterfúgio para justificar seu posicionamento perante o outro, tornando muito difícil a mudança. Logo, se não pudermos modificar um racista, que possamos ajudar as pessoas a não aceitarem atitudes racistas. A primeira forma é negando a ideologia colonizadora, aceitando a si mesmo como sujeito negro. E ao não negro, a aceitação de que vivemos em uma sociedade que tem como principal característica a diversidade.

Precisamos desconstruir ou descolonizar essa mentalidade racista implementando a lei 10.639/03 no contexto escolar de forma consistente, a começar por evidenciar a identidade e a História negra pelos seus empreendimentos, pois abordam o negro(a) em uma posição de mais prestígio social, que foi e ainda é usurpada na sociedade devido há anos de negação da sua própria identidade para se aproximar da sociedade branca:

O negro foi constituído a partir de um referencial que não é o seu, ou seja, ele foi forjando uma identidade sua identidade na perspectiva, grupo cultural, social e economicamente valorizado. Para tentar ver-se como ser incluído numa sociedade racista, adquire valores da cultura branca e tenta escamotear o preconceito e a discriminação negando, muitas vezes a cor de sua pele e, assim negando a si mesmo. (MORAES:2006:47).

Concordo que isso possa ser modificado a partir da própria escola, pois é um dos espaços de interação social onde ocorrem as relações humanas e onde se pode articular formação identitária de forma valorativa e não segregacionista. E que contribua para o combate ou redução das injustiças para que os jovens tomem consciência dessa

⁸ Conceito operado por Gilberto Freyre na obra “Casa Grande & Senzala” (1933) onde fala sobre a formação do povo brasileiro durante o período colonial salientando que a miscigenação construiu a base sólida para a democracia social. Hoje sabemos que nunca no Brasil houve uma democracia racial e sim uma hierarquização social onde o homem branco europeizado sempre esteve no topo. Ainda hoje os negros e indígenas sofrem discriminação e exclusão social.

realidade, pois como afirma Santomé (1995), a escola não vem se importando com esses assuntos, fazendo com que o aluno tenha a falsa ideia de que essas injustiças não existem. Enfim, precisamos continuar lutando pela inserção do negro na sociedade, na contemporaneidade essa luta se concretiza por meio de uma boa educação.

No âmbito escolar essas discussões devem ser constantes, principalmente a que eu leciono, pois atuo nesta unidade escolar como professora de História, como cidadã e mulher que carrega em meu ser as marcas da etnia africana, exercendo um papel de referência para meus alunos, como alguém que ocupa uma posição não subalterna na escola. Importante ressaltar, que a Escola Municipal Pirajá da Silva, de acordo com informações do seu Projeto Político Pedagógico, em relação ao seu recurso humano abriga um grande contingente de afro-brasileiros, cerca de aproximadamente 90%.

Além disso, a escola está localizada na Liberdade, um bairro da cidade de Salvador que abriga uma população majoritariamente negra, cerca de 35.704 pessoas se declararam negras numa proporção de 89,87%, segundo dados do IBGE (2012), que carrega em si uma historicidade por ter sido palco das lutas pela Independência da Bahia e resistência negra. É importante que o(a) professor(a) e a escola como um todo estejam atentos a esta especificidade para que se possa desenvolver um trabalho que atente para noção de identidade e pertencimento, sempre associada à ancestralidade africana, reconhecendo-a como matriz fundadora do povo brasileiro.

Diante disso, precisamos incluir a cultura negra nos territórios escolares de forma diferenciada, agora pela perspectiva do próprio negro, contribuindo para a superação do preconceito e discriminação para que os alunos e professores possam desenvolver um outro olhar referente a África e seus descendentes. Por isso, escolhi trabalhar com a linguagem musical que estivesse relacionado com o cotidiano do meu aluno, optando por analisar o patrimônio cultural *Ilê Aiyê* e suas ações mobilizadoras, incluindo as músicas temas do carnaval para fazer uma intervenção pedagógica nesta escola e como proposta para a implementação da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

2.3 A MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Ainda criança em minha casa, lembro-me que todo sábado acordava ao som da radiola tocando as músicas de Alcione, Roberto Carlos, Agêpê, Djavan, Edson Gomes, *Ilê Aiyê*, Olodum dentre outras. Os discos iam se revezando durante todo dia, servindo como trilha sonora para os afazeres domésticos. Ao mesmo tempo, essas músicas eram acompanhadas de longas narrativas, estimulando a rememoração de experiências de vida que deixavam emergirem dissemelhantes emoções. Para as famílias negras, a

relação com a música remete a ancestralidade dos povos da diáspora negra que tinham na música a forma de expressarem e transmitirem sua herança cultural, saberes e práticas cotidianas conforme exprime Hall:

Existem aqui questões profundas de transmissão e herança cultural, de relações complexas entre as origens africanas e as dispersões irreversíveis da diáspora; questões que não vou aprofundar aqui. Mas acredito que esses repertórios da cultura popular negra — uma vez que fomos excluídos da corrente cultural dominante — eram frequentemente os únicos espaços performáticos que nos restavam e que foram sobre determinados de duas formas: parcialmente por suas heranças, e também determinados criticamente pelas conduções diaspóricas nas quais as conexões foram forjadas. A apropriação, cooptação e rearticulação seletiva de ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano — cito novamente Cornel West —, conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade. (2008:343).

Isso é prova de que a música tem o poder de influenciar nossas vidas, seja pessoalmente ou na coletividade social, conforme exposto por Marcos Napolitano (2002:77), o qual salienta que a canção ocupa um lugar muito importante na produção cultural, “ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas”.

A música sempre fez parte do cotidiano de quase todas as culturas, é uma fonte preciosa de informações sobre os seres humanos e suas relações sociais, através delas podemos perceber aspectos subjetivos de quem interage com ela, assim como representações simbólicas (re)produzidas na sociedade. Logo, é uma construção social e histórica que serve para comunicação e para transmissão de conhecimentos, técnicas, valores e crença de um povo. Moraes (2000:204) argumenta que “a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação, principalmente quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social”.

Sendo a música um documento histórico⁹ repleto de historicidade, torna-se possível utilizá-la como fonte de pesquisa historiográfica:

[...] as canções poderiam constituir-se em um acervo importante para se conhecer melhor ou revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano dos segmentos subalternos. Ou seja, a canção e a música popular poderiam ser encaradas como uma rica fonte para compreender certas realidades da cultura

⁹Entende-se por documento histórico como sendo tudo o que o ser humano produziu ao longo de sua História, o mesmo explicitado por Lucien Febvre: “Tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e a maneira de ser do homem”. (FEBVRE apud Le GOLF: 1990:540).

popular e desvendar a história de setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia. (MORAES:2000:204).

E logicamente, como recurso pedagógico em sala de aula, possibilitando a construção do conhecimento histórico de forma diferenciada do convencional, que está sobretudo, pautada em aulas expositivas, auxiliadas por livros didáticos e o uso das representações culturais (filmes, fotografias, jornais, revistas, músicas) meramente de forma ilustrativa de acontecimentos históricos. A linguagem musical abre espaço como recurso didático diferenciado para se abordar os conteúdos, como expressado por Abud ao salientar que:

A linguagem expressa das canções foge ao convencional em sala de aula. Seu propósito é auxiliar o aluno a construir o conhecimento histórico a partir de documentos diferenciados dos costumeiramente presente nas aulas e, por isso, sua utilização está relacionada a proposta alternativas de organização dos conteúdos. (ABUD: 2005:315).

Recordar algo do passado fica mais fácil quando associamos o conteúdo com algo construído pela sociedade, as representações históricas, nesse caso, a música serve como mediadora nesse processo de aprendizagem, articulado com a consciência musical e histórica:

Imagens, sentimentos e pensamentos resultantes dos diversos ambientes sociais de que fizemos e fazemos parte em nossa vida são significativos na consciência individual. Determinada trilha sonora que compõe a história de cada um vai balizar o nosso gosto e a nossa audição até o final de nossas vidas. Assim, a consciência musical tem uma função prática que confere à realidade direção temporal, orientação que pode guiar intencionalmente a ação por meio da mediação da linguagem musical, auxiliando na construção da consciência histórica. (DUARTE:2012:263).

Nesse sentido, proponho o uso da linguagem musical por intermédio de uma metodologia investigativa que se aproxime do trabalho dos historiadores, a fim de que os(as) alunos(as) adquiram experiências e uma consciência treinada pelos moldes da Educação Histórica. A partir dos pressupostos da consciência histórica é possível explorar as ideias dos alunos sobre: evidências, temporalidades, significação, explicações, multi-perspectiva, e narrativas históricas. Nesta perspectiva, passa-se a ensinar ao aluno métodos de análise e pesquisa histórica, principalmente, a de evidência histórica, pois é o cerne do trabalho de pesquisa de um(a) historiador(a) conforme argumenta Ashby:

[...] os professores de História estão convencidos de que a Educação Histórica deve assegurar a compreensão do aluno de que o conhecimento assenta na interpretação do material que o passado deixou para trás, que isso foi reconstruído com base na evidência, não sendo uma simples cópia do passado. (2003:20).

Essa iniciativa está ancorada na epistemologia da Educação Histórica, as perscrutações nesse campo têm como objetivo averiguação dos processos de aprendizagem histórica dos sujeitos em distintos níveis de escolaridade, tendo como pressupostos intervenções apropriadas que possibilitem essa análise. Suas reflexões balizadas na teoria de John Rüsen (2001:12), na qual procura saber “se a história possui um sentido cognoscível”, ou seja, se a aprendizagem histórica auxilia os indivíduos a se situar no tempo através de sua consciência. Dentro da perspectiva de John Rüsen, depreende-se por consciência histórica “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (2001:57).

Pressupõe-se que a aprendizagem histórica ocorre quando o educando passa a pensar e agir historicamente. Embora não se tencione formar mini historiadores, mas objetiva-se que o ensino de História direcione o educando a utilizar-se da cognição histórica para agir no mundo, conforme nos ensina Cerri:

Agir, enfim, é um processo em que continuamente o passado é interpretado à luz do presente e na perspectiva do futuro, seja ele distante ou imediato. Assim, a diferença entre tempo como intenção e tempo como experiência compõe uma tensão dinâmica que por sua vez movimenta o grupo. (CERRI:2011:29).

Nesse sentido, busquei construir uma prática docente que valorizasse as experiências dos(as) estudantes em que tanto o investigado, quanto o investigador pudessem se ver como partícipe da história e assim (re)significá-la, como salienta Rüsen:

O sujeito não se constituiria somente se aprendesse a história objetiva. Ele nem precisa disso, pois já está constituído nela previamente (concretamente: todo sujeito nasce na história e cresce nela). O que precisa é assenhorear-se de si a partir dela. Ele necessita, por uma apropriação mais ou menos consciente dessa história, construir sua subjetividade e torná-la a forma de sua identidade histórica. Em outras palavras: precisa aprendê-la, ou seja, aprender a si mesmo. (2010:107).

Para que isso ocorra é necessário aproximar o processo de ensino aprendizagem ao contexto do educando. A potencialidade educativa através das análises das músicas também buscam romper com o conhecimento tradicional e criar estratégias didáticas que possibilitem a superação, dessa forma, articulando o saber escolar com a ciência histórica. Além de possibilitar ao aluno(a) a percepção de que as evidências históricas são informações do passado que ele pode utilizar em busca de resposta para problemas do presente. Como asseveram Cainelli e Schmidt (2009:s/p):

Nessa perspectiva, os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder as indagações e as problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado.

Os Parâmetros Nacionais Curriculares de História (1998) sugerem como um dos objetivos do ensino de História para o ensino fundamental que capacitem os(as) alunos(as) para:

1. Utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
2. Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos

Célia Maria David em seu artigo *Música e ensino de História: uma proposta* (2012), nos lembra que na música brasileira contempla um grande repertório musical para ser explorado em sala de aula, revelando posturas que alinhadas aos diversos contextos, histórico, político-social, econômico e cultural manifestam posicionamentos ideológico-partidários: uns, nas canções de protesto e de denúncia; outros, fazendo ressoar os encadeamentos harmônicos do ufanismo engajado: letras e melodias que exaltam a terra, o sol, o mar, a fauna e a flora por outro, e às manifestações de resistência, de denúncia e de protesto.

É importante ressaltar que o trabalho com a música e a História pautada na cognição histórica deve ser feito de forma contextualizada e com a mediação do professor que coordenará as interpretações e produções de narrativas por parte dos(as) alunos(as) a fim de que estes possam refigurar os conhecimentos adquiridos, acentuando o protagonismo no processo de ensino aprendizagem.

História é uma ciência narrativa e o pensamento histórico é regido por uma lógica narrativa. Rüsen (2001) diz que as narrativas históricas apresentam três características específicas: a) mobilizam experiências passadas; b) possuem organização através das três dimensões temporais – passado, presente e futuro; c) possuem a ideia de continuidade. O(A) aluno(a) também pode expressar o conhecimento adquirido através de narrativas em um processo de ensino aprendizagem mediado pelo professor, que por meio de um trabalho planejado pode possibilitar a análise e interpretação de uma fonte documental, podendo fazer uma comunicação final.

Neste trabalho, proponho uma atividade em aula-oficina (BARCA:2010) para a análise e interpretação das músicas do *Ilê Aiyê* que falam de África. Ancorado em Célia David (2012) utilizamos a técnica chamada de centro-gerador, na qual a partir da letra da música retira-se termos como vetor para novas pesquisas referentes a África. No final, Barca sugere que o aluno faça sua comunicação através de uma narrativa, neste caso, eles farão em formato de história em quadrinhos.

Portanto, o uso da narrativa em âmbito escolar atrelado as análises interpretativas das evidências históricas, nesse caso a música, oferece aos alunos um contributo importante de desenvolvimento escrito e intelectual. A partir dessa prática os alunos podem ser protagonistas do seu processo de aprendizagem ampliando-o e reelaborando-o seu conhecimento para utilizá-lo na vida.

3. ILÊ DE LUZ: A FORÇA DE UM MOVIMENTO NEGRO COMO INFLUENCIADORA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

3.1 O QUILOMBISMO DO ILÊ AIYÊ

Uma vez eu estava falando com o pessoal: “Eu não estudei para ser negro, nasci negro. Nasci numa família negra.” É diferente de muitos negros que eu ajudei a **ter consciência, a começar a ter orgulho de ser negro, a se assumir como negro**, o que é complicado aqui na Bahia, aqui no Brasil. (Antônio Carlos dos Santos-Vovô do Ilê)¹⁰

Segundo Steve Biko (1971 apud GELEDÉS), “Consciência Negra é a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – negritude de sua pele – e agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua”. Portanto, libertar-se das amarras do racismo requer um posicionamento dos(as) negros(as) quanto a assumirem sua identidade e questionarem cotidianamente o lugar que os(as) negros(as) ocupam nesta sociedade.

Essa tomada de consciência e, conseqüentemente, a luta contra qualquer forma de discriminação não é algo fácil, pois a sociedade brasileira foi estruturada com base na hierarquização das raças. Embora saibamos que essa categorização em escala de valores entre as chamadas raças não seja possível biologicamente, ela persiste no imaginário e na representação coletiva de diversas populações contemporâneas. Existem, ainda, raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA 2015).

O racismo introjetado nas sociedades capitalistas nos últimos anos do século XV por meio da expansão colonial, mais tarde com a difusão das ideias Iluministas e pelas epistemologias a partir do século XIX e XX que tornava o ocidente como paradigma de desenvolvimento e superioridade cultural categorizando as outras sociedades em escala geopolítica favorecendo a fabricação de “uma ciência histórica ou humana que ajudou a desumanização dos africanos e seus descendentes para servir os interesses dos opressores eurocentrista”. (NASCIMENTO: 2002:270). Essa estruturação psicossocial e cultural racista ainda se faz presente na contemporaneidade através do que Quijano

¹⁰Fundador da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê em depoimento a Amílcar Araújo Pereira sobre como os militantes do movimento negro brasileiro iniciaram o processo de construção de sua identidade racial negra e de sua militância política. (PERREIRA 2010:70).

(1997) denomina de *colonialidade* ou, seja, algo que transcende as particularidades do colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou descolonização. Uma das coisas são as estruturas de dominação, poder e subordinação que são materializadas de diversas formas na cultura, no comportamento, nos valores dos indivíduos e nas instituições, perpetuando assim, uma estrutura desigual de oportunidades sociais.

No Brasil, o racismo é o estruturante das relações sociais, para comprovar basta olhar as estatísticas. O censo (2016-2017) do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE) demonstra que Salvador é a capital com maior ancestralidade africana onde 82% da população se auto declaram negros(as) (pretos e pardos). Porém, os(as) negros(as) não ocupam espaços de poder acarretando numa segregação racial em diversificadas ambiências. Isso fica mais evidente quando analisamos os números, por exemplo, se compararmos o espaço de poder ocupado pelo(a) negro(a) como a universidade e o sistema prisional vamos perceber a disparidade e a discriminação que afligem os(as) negros(as). Segundo os dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2016), no Brasil 64% das pessoas encarceradas são de negros(as) e na Bahia esse número corresponde a 84%. Já nos centros universitários a presença de negros(as) correspondem a somente 34% considerando a totalidade da população brasileira, segundo os dados do IBGE (2015).

Ângela Davis em entrevista ao Pragmatismo Político (2014) fez uma excelente observação em relação ao Brasil e falta de representatividade em alguns espaços de poder como em cargos políticos e de destaque ao dizer: “Não posso falar com autoridade no Brasil, mas às vezes não é preciso ser especialista para perceber que alguma coisa está errada em um país cuja maioria é negra e a representação é majoritariamente branca”.

A ausência de representatividade negra e a segregação racial que existe na sociedade soteropolitana foi percebida ainda na década de 1970, por Antônio Carlos dos Santos (Vovô do Ilê), que no fervor da Ditadura Militar no Brasil as liberdades eram tolhidas por um aparato de repressão das manifestações de livres expressões e controle das instituições, a norma era o silêncio dos indivíduos. Neste contexto, emerge o protagonismo negro(a) de forma sutil, mas politizado, influenciado por movimentos de contestação dos Estados Unidos como o Pantera Negra e *Black Power* e pelas lutas emancipatórias dos(as) africanos(as) com coragem de denunciar o racismo na sociedade baiana através do carnaval. O conceito de Diáspora(GILROY:1997), nos ajuda

a compreender essa influência externa que o *Ilê Aiyê* agregou ao seu repertório de ações políticas afirmativas, tal como o *Black is Beautiful*¹¹, pois é um conceito que nos ensina que a identidade cultural não é atribuída a uma única fonte.

Eclode na Ladeira do Curuzu, bairro da Liberdade, Salvador/ Bahia no ano 1974, a Associação Cultural Bloco Carnavalesco *Ilê Aiyê*, primeiro bloco Afro do Brasil aparelhado de consciência histórico-política. Inicia-se um movimento que tem como pressuposto preservar, valorizar e expandir a Cultura Afro-brasileira através de seu trabalho político-educacional. Além disso, é uma entidade preocupada em combater o racismo, trazendo em suas abordagens elementos que fortalecem a identidade negra e a autoestima dessa população. Essa noção de identidade e pertencimento vem sempre associada à ancestralidade africana reconhecendo-a como matriz fundadora do povo brasileiro.

A partir da década de 1970, as pessoas negras retomam em todo o Brasil a agenda para o enfrentamento das injustiças cometidas contra a população negra e para isso são fundados grupos com diferentes meios de atuações, sejam elas culturais, políticos, religiosos ou sociais, que se consolidaram com o Movimento Negro. Dentre estes, o *Ilê Aiyê* se organiza em torno de seu sentido político e estético ressignificando a estratégia de luta. Como aponta Guerreiro:

A principal arma das entidades afro ligadas ao movimento negro era a sua produção musical, que agregava grandes parcelas da comunidade negro-mestiça de Salvador. Através de uma série de estratégias, a produção musical dos blocos afro extrapola os limites da expressão cultural e ganha proporções de movimento social. Nesse contexto, o samba-reggae aparece como uma nova intervenção política. (2000:103).

O *Ilê Aiyê* enquanto movimento negro que de forma corajosa e determinada trouxe aos holofotes a realidade do problema racial, até então negada pela ideia da democracia racial brasileira, mas o negro nunca foi tratado como iguais em relação ao branco que tem mantido a exclusividade do poder, bem-estar e da renda, sobretudo, isso era bem significativo durante a maior festa baiana, o carnaval. Mesmo nas manifestações populares tudo o que se referia ao negro era considerado feio, ruim ou primitivo. A questão do racismo, a segregação espacial no carnaval baiano era tão silenciada na sociedade, mas vista e sentidas pelo povo negro, que na sua primeira aparição o *Ilê* foi

¹¹ Movimento Negro Cultural oriundo dos Estados Unidos em 1960 que tinha como fundamento a valorização do fenótipo natural do negro pela percepção positivada do corpo negro e consequentemente encadeamento de luta por direitos civis.

considerado um bloco racista pelos críticos do carnaval baiano, que divulgaram uma nota no jornal A Tarde em 12 de fevereiro de 1975, sem assinatura, intitulado: “Bloco racista, nota destoante” na qual acusava o *Ilê Aiyê* de separatista por trazer para avenida carnavalesca um “feio espetáculo” e por trazer um problema racial que não fazia parte das relações sociais da nossa sociedade brasileira.

O que aconteceu com *Ilê Aiyê* é reflexo de uma postura constante de pessoas que não estavam dispostas a superar o racismo e incluir os africanos e seus descendentes como cidadãos brasileiros. Infelizmente essa postura perdura até os dias atuais, percebe-se isto quando presenciamos ou somos vítimas de atitudes que tentam desqualificar a luta por cidadania com discursos distorcidos, tais como quando acusam os próprios negros(as) de serem racistas com os outros(as) negros(as), de serem vitimistas, *de verem racismo em tudo* ou de cometerem racismo reverso. Nesse caso, realmente o *Ilê Aiyê* é um bloco destoante, pois não se curvou as ideologias homogeneizantes da época, resistiu de forma consciente em assumir sua negritude, em ancorar suas raízes africanas em territórios diaspóricos, em reivindicar um lugar ao sol nesta sociedade.

Tenho ciência que nenhuma mudança na estrutura da sociedade brasileira que seja benéfica a população negra se dará de forma espontânea. Por isso, é necessário que todo cidadão negro e não negro que se incomoda com injustiças tome uma posição de luta. É desta necessidade de defender a sustentabilidade negra que surge o Quilombismo que Abdias Nascimento assim define:

[...] rede de associações, irmandade, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês (sic), escola de samba, gafieira, foram e são quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os “ilegais” formam uma unidade, uma única afirmação humana, étnica, e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. (2002:264-265).

Beatriz Nascimento, mulher negra e militante, nos lembra que a partir da década de 1970 a instituição quilombo recebe o significado de prática ideológicas de resistência étnica e política, ampliando as estratégias de luta e resistência negra, ao afirmar:

Como antes tinha servido de manifestação reativa ao colonialismo de fato, em 70 o quilombo volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo capaz de reforçar a identidade étnica. (NASCIMENTO apud RATTS: 2006:124).

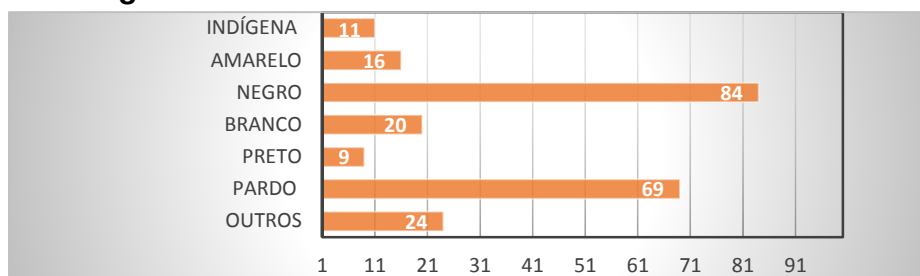
Nesse sentido, considerando o Ilê Aiyê um Quilombo Contemporâneo, termo usado por Jonas C Silva (2004:75) “simbolicamente, pelo tipo de trabalho que realiza, o Ilê Aiyê é considerado um quilombo contemporâneo e urbano”. O Quilombismo requer que organizemos nossa luta por nós mesmos e o Ilê Aiyê faz isso brilhantemente, por isso, o escolhi como objeto de análise, pois é empreendimento do negro para o negro.

Todo trabalho desenvolvido pelo Ilê Aiyê tem sido dedicado à redenção do seu povo objetivando o fomento do orgulho da origem negra nos baianos num discurso embasado na necessidade de autoafirmação e recuperação da identidade cultural. Como estratégia quilombista, o Ilê Aiyê só permite a entrada de negros em seu bloco para que se tenham uma unidade e marque a diferença étnica de forma positiva. Em um país como o Brasil multicultural, mas dominada política e culturalmente por pessoas de descendência branca que imprime a cultura do branqueamento, ter essa atitude de autoafirmação da identidade negra é de extrema importância, tornando ação um ato político, tanto individualmente, quanto na coletividade dos movimentos sociais como enfatiza por Kathryn Woodward ao dizer:

A política de identidade era o que definia esses movimentos sociais, marcados por uma preocupação profunda pela identidade: o que ela significa, como ela é produzida e como é contestada. A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica. (2007:33-34)

Diante do exposto, achei importante saber se os alunos, sujeitos desta pesquisa, tinham noção de qual identidade etnicorracial pertencem. Seguindo o padrão do formulário de pesquisa etnicorracial do IBGE, pedi que os alunos marcassem a etnia a qual julgavam pertencer, lembrando que o IBGE limita a identificação às cores/raça: Preto, Branco, Pardo, Amarelo, *Negro*, *Indígena*, *Afrodescendente* e *Outros*¹² a categoria outros, conforme gráfico abaixo:

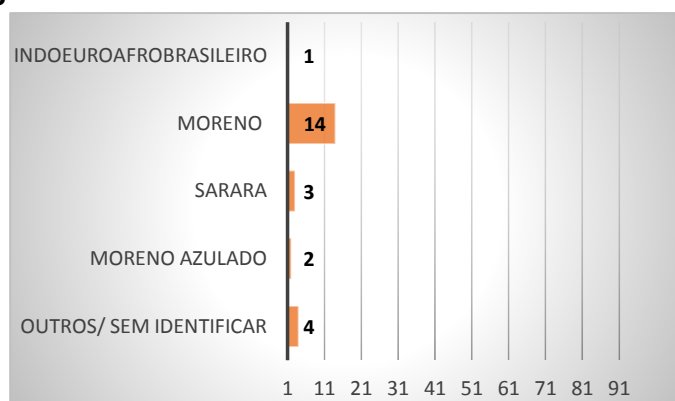
¹² Na tabela que consta no formulário do IBGE não consta *outros* como opção para auto identificação étnica, porém achei necessário acrescentar dando a oportunidade dos alunos manifestarem a sua opinião, já que a identificação é pessoal, e talvez a classificação do IBGE não contemplasse o desejo de cada participante da pesquisa

Figura 2- Gráfico sobre Identidade etnicorracial

Fonte: Autora (2018)

Ao analisar o gráfico 2, percebe-se que no universo de 233 alunos, a maioria se auto- identificaram como negros(as) considerando também os que se auto declararam pretos e pardos. Entendo que isso, sobretudo, esteja relacionado com o processo de ascensão social dos negros(as) que vivenciamos nos últimos tempos, estes passaram a inspirar auspiciosamente, não só nos esportes e na música, mas em outros locais de poder, a exemplo de Barack Obama assumindo a presidência da maior potência política, e logicamente, em âmbito local destacamos o trabalho de elevação da alta estima do povo negro realizado pelo Ilê Aiyê que vem influenciando gerações.

Já a opção Outros do gráfico 2 conseguimos os seguintes resultados conforme abaixo:

Figura 3- Gráfico sobre Identidade etnicorracial/ Outros

Fonte: Autora (2018)

Na categoria outros responderam coisas curiosas como “sou indoeuroafrobrasileiro”, “moreno azulado “sarará” e 4 alunos marcaram outros, sem se identificar como pertencente a nenhuma classificação (2). Entretanto, a análise da figura 2 e 3 deixa transparecer que existe ainda uma necessidade de esconder, disfarçar seus traços fenótipos que marcam suas características negras. Ao observar as características fenótipos dos(as) alunos(as) e a comunidade que vivem no entorno da escola não se vê asiáticos para que se tenha uma quantidade de alunos amarelos, tampouco

comunidades indígenas que sejam frequentadores desta escola. É claramente perceptível no cotidiano as opressões que os(as) negros(as) sofrem em uma sociedade racista, ainda hoje é mantido o padrão de estética do branco, vemos isso nas escolhas dos atores das novelas e filmes, os âncoras dos telejornais, os músicos, os influenciadores digitais de sucesso são em sua maioria brancos(as). Isso para uma pessoa negra pode causar baixa estima e um processo sistêmico de anulação do ser.

Na contramão dessa ideologia, o Quilombismo do *Ilê Aiyê* nos trouxe uma referência de pertencimento a uma descendência negra, resgatando valores étnico-raciais, incentivando os negros a buscarem suas raízes africanas de forma a valorizar os padrões culturais negros na forma de se vestir, de arrumar o cabelo, nas cores, símbolos e indumentárias. As representações incluem as práticas de significações e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD:2007:17).

O *Ilê Aiyê* gere suas ações através do campo simbólico em que suas práticas, saberes e valores são fortalecidos proporcionando uma prefiguração, se outrora tudo relacionado ao negro era tido como ruim ou feio, o *Ilê Aiyê* promove a valorização da estética negra como ideal de beleza através do evento *Noite da Beleza Negra*. Um concurso de exaltação da beleza da mulher negra, no qual é escolhida a *Deusa do Ébano* que desfila seus motivos africanos no turbante, '*blacks*' (penteados afros) e vestuários.

É um momento de grande representatividade pois produz ao povo negro um empoderamento e afirmação da identidade e protagonismo negro de forma positivada, sobretudo, mostrando que o negro é lindo e pode ocupar qualquer espaço na sociedade que desejar.

Figura 4- Fotografia e Jessica Santos, eleita Deusa do Ébano 2018



Fonte: Odú Comunicação/Divulgação, 2018

Um outro enfoque de resistência negra dado pela *Ilê Aiyê* é o combate às desigualdades sociais e educacionais. Segundo os dados mais recentes divulgados pelo IBGE, o Brasil possui 11,8 milhões de analfabetos, sendo a maior parte entre os negros (pretos e pardos), cuja incidência é mais que o dobro em relação ao branco. Situação que já vem sendo denunciada a anos pelo movimento negro. Diante desse quadro persistente, muitas entidades negras cunham como objetivo o trabalho com a Educação com o intuito de estimular a ascensão social do negro através do estudo.

O *Ilê Aiyê* vem atacando esta problemática através de intervenção educacional com o Projeto de Extensão Pedagógica (PEP), criado em 1995, que contempla a Escola Mãe Hilda com um currículo formal acrescido dos saberes produzidos pelo *Ilê Aiyê* que ressaltam aspectos da cultura afro-brasileira alinhados à textos literários com a temática anual do carnaval que são divulgadas através dos Cadernos de Educação. A Lei 10.639/03 é resultado de articulações de ações direta do movimento negro contemporâneo e como podemos notar tem o *Ilê Aiyê* como um dos seus percussores.

A partir do 2012, o bloco passou a oferecer curso profissionalizantes de estética afro, arte com tecidos, informática e eletricitista predial. Além disso, promove a resistência cultural, oferecendo aos alunos, no turno oposto, a oportunidade de aperfeiçoar os dons artístico, através da musicalidade com a Banda *Erê*, com aulas de canto, dança e percussão, aperfeiçoamento corporal com aulas de capoeira.

Até aqui busquei retratar o *Quilombismo* do *Ilê Aiyê* e sua luta por questões emancipatórias do povo negro agenciadas pela educação, renda e lazer. Cheguei à conclusão de que a história do *Ilê Aiyê* é composta de várias nuances que configuram a etnicidade afro-brasileira e cada uma merece um estudo específico. Entretanto, não podemos deixar de destacar que o *Ilê Aiyê* organiza sua resistência, a partir da valorização de aspectos da cultura negra na diáspora buscando a aproximação com a África. Então, nesse trabalho nos atemos a analisar a concepção de África que o *Ilê Aiyê* traz através de sua musicalidade devido à grande importância que tem conforme expresso por Moreira (2013:98), “é a musicalidade a via discursiva de maior impacto que tem o *Ilê Aiyê*. Aliado ao componente performático do bloco, afirmo que a musicalidade se constitui um fato valorativo de sua posição política de enfrentamento”.

3.2 A REPRESENTAÇÃO DE ÁFRICA CONTIDA NA MÚSICA DO *ILÊ AIYÊ*

Para Stuart Hall (2016), representar tem a ver com a forma que usamos a linguagem com o objetivo de enunciar algo investido de significado. Assim, para o autor, a forma que interagimos com as coisas e as representamos em um círculo social estabelece o significado que atribuímos a essas representações. Esses significados são compartilhados através das representações que regulam o cotidiano da sociedade, fazendo nos sentirmos pertencentes a uma determinada cultura auxiliando na formação da identidade.

Muitas vezes essa prática representacional produz estereótipos que “tem efeitos essencializadores, reducionista e neutralizadores da estereotipagem, que reduzem as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixa por natureza”. (HALL:2016:190).

Geralmente são usadas como estratégia por grupos de pessoas que muitas vezes se consideram superiores aos outros na tentativa de se diferenciarem e assim, dominar ou manter a hegemonia, isso se configura como um “poder simbólico” (*Ibidem*:191) em relação ao outro. Muitos desses estereótipos não correspondem à realidade, mas uma interpretação simplicista em relação ao outro de quem se fala. A partir disso, tudo que é considerado fora da normalidade cultural fixada é expelido da sociedade, considerado algo negativo. Isso ocorreu com o *Ilê Aiyê* ao lança-se no carnaval baiano em 1974 e levar para este espaço a cultura negra africanizada, sendo acusado de racismo reverso e não sendo aceito naquela ambiência.

Por anos, a história e cultura da África vem sendo retratada e difundida por culturas dominantes sempre de forma simplicistas e estereotipadas, prejudicando a imagem e vida dos africanos e dos seus descendentes na contemporaneidade. Nesse sentido, precisamos modificar a postura excludente e caminhar para aceitação da diversidade, vislumbrando a redefinição positivada da África, dos africanos e dos afrodescendentes na sociedade brasileira.

Nesse contexto, como nos diz o educador Rubens Alves “as palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor”. Por isso, nesse trabalho busquei outros olhares, vozes e saberes sobre a África, ou seja, além do tradicional. A linguagem musical do bloco *Ilê Aiyê* de raiz negra retrata a cultura de um povo que é avassalado a várias formas de violência, mas que na expressão de sua identidade se configura como mecanismos de resistência social.

Stuart Hall (2008), aborda noções de identidade cultural, raça e etnia no âmbito de criação da política de identidade da diáspora negra e enfoca a música como meio que esse sujeito usou para expressar sua voz em um contexto de negação e opressão, sendo, portanto, um legado da sua identidade cultural. Conceitua que a identidade faz parte de um processo histórico e cultural, dessa maneira não sendo fixa, essencial ou permanente, porque o sujeito pode assumir diferentes identidades a depender do contexto e sua necessidade. Isso é relevante, pois abre possibilidade de valorizar diferentes saberes e culturas.

Paul Gilroy (2001), ao discutir sobre identidade negra, diz que ela é marcada por trocas culturais, fruto do processo diaspórico que ele denomina metaforicamente de cultura do Atlântico Negro, de caráter híbrido, cujos limites não se encontram nas fronteiras étnicas ou nacionais, além disso, seus estudos possibilitaram conceber visibilidades a cultura subalternizadas, sobretudo pela expressão musical.

A música é muito importante na cultura negra, principalmente, em território diaspórico como forma de expressão e resistência do negro em uma sociedade escravista e, até hoje, representa uma importante aliada nos processos de lutas rumo à emancipação, à cidadania e à autonomia negra. Conforme nos diz Paul Gilroy em:

As expressões artísticas que emergiram da cultura dos escravos encontraram na música e na dança um substituto para as liberdades políticas formais que lhes eram negadas, a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e da sua história cultural. (2001:129).

Hall enfatiza a música como forma de expressão do negro em um mundo que desvalorizava sua voz:

[...] deslocado de um mundo logocêntrico — onde o domínio direto das modalidades culturais significou o domínio da escrita e, daí, a crítica da escrita (crítica logocêntrica) e a desconstrução da escrita —, o povo da diáspora negra tem, em oposição a tudo isso, encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música. (2008: 342)

De acordo com Mukuna:

A presença de africanos e seus descendentes, durante quase cinco séculos, no cenário brasileiro, deixou valiosos elementos culturais do velho mundo, cujas marcas persistem em várias facetas da expressão artística. Na música, esses elementos, juntamente com elementos de fontes indígenas e europeias, forneceram um solo fértil para o crescimento de várias formas religiosas e profanas[...]. (2000: 87).

Logo, escolher a música negra como objeto de estudo e como fonte para o processo de ensino e aprendizagem é uma ação de valorização das heranças africanas. Salvador, em especial, o bairro da Liberdade onde fica o *Ilê Aiyê* possuem uma identificação muito grande com a sua ancestralidade africana. Goli Guerreiro (2000:29) diz que os pretos deste bairro foram os primeiros a manifestarem sinais de consciência de negritude, sobretudo, pela musicalidade percussiva. O *ilê Aiyê* utiliza a música para aproximar a realidade do negro da diáspora na Bahia com a História da África, construindo uma identidade a partir da origem. De acordo com o site oficial do bloco, o *Ilê Aiyê* contribuiu para a reafirmação do carnaval da Bahia, conforme destaca o texto:

Pode-se dizer que, naquele ano de 1974, quando o *Ilê* saiu pela primeira vez nas ruas, o bloco foi responsável pela revolução do Carnaval baiano. A partir desse movimento, a musicalidade da festa ganhou novos ritmos oriundos da tradição africana. Hoje, o *Ilê Aiyê* é patrimônio da cultura baiana, um marco no processo de reafirmação do Carnaval da Bahia. A batida do *Ilê* resgatou o elo que une a Bahia à África e despertou a Salvador Negra. (*ILÊ AIYÊ*).¹³

O termo “Reafirmação” cunhado por Antônio Risério (1981) assinala a participação do negro no carnaval através dos blocos afros, vestimentas, música, dialogando com a matriz africana de acordo com a perspectiva das questões das relações raciais, reivindicando a participação em um espaço antes ocupado apenas pelas elites brancas. A partir desse deslocamento, as festividades baianas incorporam novos ritmos das gênesis africanas, ou seja, a movimentação dos blocos afros estão sedimentados nas “raízes africanas” (GUERREIRO:2000:49).

O *Ilê Aiyê* nos seus temas de carnavais, e consequentemente, nas escolhas do repertório musical passa a homenagear os países africanos, revoltas e personalidades negras que cooperaram para o encadeamento da construção da identidade étnica e para elevação do auto estima do negro. As músicas são escolhidas através de concurso dividido em duas categorias. A primeira música tema, o compositor é motivado a escrever o enredo do carnaval de acordo com a temática escolhida pela entidade, que fornece uma cartilha sobre o tema que será abordado do carnaval para subsidiar na composição da música. Como afirma Guerreiro (2000:51), “tal como nas narrativas míticas, a história do povo africano é contada nas letras das canções. Todos os blocos afro realizam

¹³Disponível em: <<http://www.ileaiyeoficial.com/o-bloco/>> Acesso em: 25.06.2017.

pesquisas sobre a história da África”. A segunda categoria é a música poesia onde os compositores(as) narram suas experiências cotidianas.

Para esse trabalho, interessam as músicas que trazem informações sobre a história e cultura africana. Dentre elas, foram selecionadas 19 canções (anexo) que fazem referências a vários países africanos, a nossa ancestralidade, a influência na cultura brasileira, personalidades africanas que lutaram contra o racismo. Distribuí as músicas em cinco temáticas **Africanidade na Diáspora, Quilombismo, Identidade e Diversidade étnica e cultural, Personalidades Negras-Representatividade Importa, África Hoje** para serem analisadas.

A África é revisitada em busca das raízes ou marcas culturais ou africanidade que não foram relegadas devido ao processo da diáspora, mas graças ao trabalho do Ilê Aiyê, esses aspectos culturais resistiram ao tempo e foram incorporadas às novas gerações:

Sob a chave da **diáspora** nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (GILROY:2001:22).

Com base nesta temática Africanidade na Diáspora, separei as músicas que reivindicam a aproximação com África de forma positivada, tais como **Cordão Umbilical** e **Majestade África** suas letras retomam a ideia da África como berço da Humanidade, destacam as riquezas africanas exploradas pelos colonizadores europeus, exaltam de forma saudosa a África antes do contato com os europeus e todo conhecimento científico por ela produzido que foram apropriados por outros povos sem o devido reconhecimento. Isso nos conduzem ao florescimento de um sentimento de reparação, conforme trechos destacados das duas músicas:

Majestade África

África berço da cultura, ciência, arquitetura
Ouro refinado pó, Gênesis da sociedade
Forte ancestralidade, paciência de Jô
Tapete persa emoldurado.
(Majestade África-Paulo Vaz e Cissa:2001)

Cordão Umbilical

Da escuridão surge a Luz
Útero negro, prosperidade
Do negrume africano a humanidade
Senhora Ébano, DNA do mundo, célula
Materna.
Primeira maternidade na terra
Foi lá onde o homem começou na África
Ilê Aiyê, África Fértil Salvador
Ventre fértil, sentimento profundo
Mãe natural, fio inicial
África do mundo eterno cordão umbilical.

Ainda nesta temática ligada a africanidade na diáspora, analisei as músicas ***Evolução da Raça, Havemos de Voltar, Heranças Bantos que*** mostram a magnitude dos Reinos africanos que antes da colonização europeia eram territórios com estrutura organizacional sólida, com governabilidade, economia, produção cultural e conhecimento científico, também destacam a luta de resistência a esse processo exploratório pela independência em diferentes momentos. Essas músicas são importantíssimas em situação pedagógica, pois elas trazem informações que não estão no livro didático comumente utilizado nas escolas, pois estas preenchem as lacunas da falta de informações, aprofundam questões sobre resistência negra, além desconstruir visões estereotipadas de que o negro era passivo. Por exemplo, a letra da canção ***Evolução da Raça*** diz: “*Ilê Aiyê canto de evolução, Centro de Culto Africano, Origem negra dos bantos Machona, Zulu, Suasses chamou de Zimbabwe região*”. Ela fala sobre o Império Zulu que habitavam a região sul da África, eles tinham um exército poderosíssimo que conseguiu resistir por um tempo a dominação Britânica, impondo uma das maiores derrotas aos Britânicos durante a Guerra Zulu-Anglo 1878-79. Nesse exemplo, o *Ilê Aiyê* chama seu povo a lutar por direitos e a não esperar por tutela de nenhum senhor, tomando por referência as lutas empreendidas pelo próprio negro.

O discurso mais eloquente do *Ilê Aiyê* é sua luta por uma sociedade antirracista, na qual o povo negro possa usufruir plenamente de sua liberdade de acordo com as leis vigentes em nosso país. Esse desejo encontramos em várias letras das suas músicas, então agrupamos na temática **Quilombismo- diversas frentes de resistências negra**, ancorada no conceito de Abdias Nascimento (2002) que define o ideal de resistência quilombola para o campo da práxis política ideológica:

(...) tanto os permitidos quanto os "ilegais" foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de Quilombismo. (2002:265-266).

A música ***Referência Quilombolas*** composta por Adailton Poesia e Valter Farias, traz essa ideia de Quilombismo, proposto por Abdias. Tem um trecho da música que diz: “*Mãe África que saudade de você pra não sofrer fiz o levante malê!*” Ela poetiza sobre a Revolta dos Malês, no século XIX, organizadas pelos negros africanos de origem Yorubá da África Ocidental na cidade de Salvador, os negros

nascidos na terra não participaram, este movimento objetivava acabar com a escravidão e formar uma república negra Islâmica. O que mostra que o negro tinha consciência de sua condição enquanto escravizado, mas sem deixar escravizar a mente, assumindo a postura de luta ousada em prol de sua liberdade e promovendo ações revolucionárias no sistema político da época.

No trecho “*Ao sol da madrugada Licutan Ahuna Calafati entre outro por Alá o tempo faz a força na memória Referência quilombolas numa vitória singular*”. Cita o nome dos personagens líderes do levante que pretendiam ascensão social, mas o sistema escravista era um empecilho. Ótima oportunidade que o professor de História tem para trabalhar, a partir da música, as lutas negras contra o regime colonial e empreendedorismo do negro alforriado ou com aqueles que tinham certa liberdade para comercializar em busca de mobilidade social sem dependência dos brancos. Ao utilizar o recurso didático citado o professor será conduzido a adotar uma postura pedagógica de desconstrução de estereótipos que tanto atrapalham as relações étnicos raciais.

Ainda nessa temática, a música ***Ilê Aiyê nos cinco Continentes*** canta: “*A economia era administrada com influências de Portugal. O nosso grito ecoou pelos cinco continentes. Coragem a clamar por liberdade e igualdade*”. Chama atenção para a tomada de consciência negra do povo de Moçambique que lutou contra o domínio português, servindo assim, de referência para os povos da diáspora africana.

No tema chamado de **Personalidades- Representatividade Importa**, ancorei a análise na argumentação defendida por Hall (2015), de que a identidade do sujeito se constrói a partir da interação com outros sujeitos sociais e sua história.

O fato de projetarmos a “nós mesmo” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL:2015:11)

Embora saibamos que as identidades são descentradas e que o sujeito moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, podemos eleger alguns modelos de comportamentos do “ser sujeitos” como referência de representatividade, conforme nos diz Canclini:

Hoje, imaginamos o que significa ser sujeito não só a partir da cultura em que nascemos, mas também de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los. (CANCLINI, 2005: 200 apud PAGANI 2012).

Então, neste bloco temático, escolhemos algumas músicas que citam personalidades negras que servem de referência para construção identitária do povo negro, que através das suas ações e protagonismo lutaram contra o racismo e toda forma de opressão e exploração. Várias músicas servem para esta temática, destacamos aqui três delas: a canção **Poesia Moçambicana** composta por Adailton Poesia e Valter Farias no verso “*Numa singela homenagem. A Moçambique e o ideal de identidade. Mais uma coisa, eu canto com muito prazer. Josina Muthemba e a FRELIMO correm em veias do Ilê*”. Elas falam sobre a luta dos moçambicanos no processo de emancipação, cita o nome de um dos líderes do movimento, Samora Machel e sua esposa Josina Muthemba como símbolos de resistência e da entidade Frelimo.

Já a música **O movimento** traz o verso: “*Para o povo negro então viver melhor Thabo Mbeki recorda que Steve Biko ficou na história, Nelson Mandela está na memória*”. Faz referência as várias personalidades negras que tornaram as demandas negras visíveis no mundo, como Mandela e Steve Biko que lutaram contra o regime segregacionista *Apartheid* na África do Sul. Assunto próximo da realidade da maioria dos alunos negros de Salvador, que vivem uma segregação espacial velada chamada de favela, e portanto, tema interessante a ser discutido nas aulas.

A música **Havemos de Voltar** salienta a participação de várias mulheres negras em posição de combate para defenderem seus povos, como destacado nos trechos das músicas abaixo:

Havemos de Voltar
(Edson De Carvalho e Augusto Daltro)

Coanza, Congo, Matamba e Angola de Ilê
As batalhas foram travadas
Ao querer fundar sua cidade
Ver seu povo em liberdade
Amava o traje e a riqueza
Soberana sua beleza
Ginga Deusa de Angola

A Rainha Ginga monarca de Ndongo e do Matamba (1624-1663), atual Angola, se destaca por sua habilidade de negociadora diplomática, ela consegue o recuo do domínio português se servindo de várias estratégias, como por exemplo a troca de

prisioneiros portugueses de guerra pela paz, acordos comerciais e irrompendo guerra e quando necessário, mantendo seu mandato por 40 anos.

Conforme mostra o trecho da música **Levante de Sabres Africanos** que diz: “O poder era o fim e a rainha esquecida Luiza Mahin temperou a revolta no tempo da memória”. Rememora a história de Luiza Mahin que foi uma importante estrategista e líder na luta contra o domínio português aqui na Bahia ao participar na organização do Levante dos Malês em 1835, que tinha como objetivo principal tornar a cidade de Salvador uma República de negros livres.

Esses dois exemplos trazidos pelo *Ilê Aiyê* mostram a resistência negra contra a dominação portuguesa negociada com maestria por mulheres negras que lideraram o movimento. A análise desta música pode possibilitar discussões referentes em contraposição a ideologia racista que tentava desumanizar os africanos estereotipando-os de ferozes, incapazes de usar as faculdades mentais e força para governar a si mesmo e que eram povos sem história. Além disso, traz uma forte mensagem para as mulheres negras que assumem papel de liderança em suas famílias, formando núcleos familiares de preponderância matrifocais (PACHECO:2008). Especialistas na temática apontam como fator motivador para esta realidade das famílias negras como estando relacionada ao período escravista no Brasil e no pós- abolição, quando os homens negros não foram absorvidos pelo mercado de trabalho e por vários motivos os homens eram excluídos do núcleo familiar, conforme assevera:

Essa condição excludente e de marginalização ao qual o negro foi relegado imprimi um novo contorno a configuração familiar existente, fazendo surgir famílias matrifocais. Típicas do Novo Mundo, ao contrário das famílias poligênicas da África, sua característica básica é ser chefiada por mulheres, o que outorga ao feminino a condição de centralidade e autoridade na assunção da permanência e da guarda do lar, em contraposição a ausência definitiva ou flutuante da figura paterna - considerada também como itinerante - o que confere ao masculino uma total fragilidade no papel de provedor, seja por exclusão socioeconômica, pobreza ou migração (SOUZA:2008:42).

São várias as canções que podem ser utilizadas para essa temática dependendo do enfoque que o professor queira dar a aula, sugerimos **Cerca de Bakel** que fala sobre a experiência pela emancipação e personalidades em Senegal:

Ilê compara o Senegal com a beleza
do brilho do sol
Contemplando com méritos

Thies koalak, Rufiske e Zinguichour
 A essa grande nação
 Que é simbolizada pelo Baobê
 Reino de Tekrour ocidental
 Cerca de Bakel Senegal
 Ikini Indilê faya balê Ikini Indilê faya balê Oso

Já música ***Cordão Umbilical***,¹⁴ além de falar sobre a África como origem da humanidade, suas riquezas minerais, também cita importantes personalidades para História da África e do mundo como Steve Biko e Mandela, conforme trecho abaixo:

África do mundo eterno cordão umbilical
 Rebentos da mãe preta
 Europa, Oceania, Ásia, América
 Zumbi, **Mandela**, Egito
 Tecnologia de ferro, ilê Aiyê, **Steve Biko**
 Foi lá onde o homem começou na África
 Ilê Aiyê, África Fértil Salvador
 Colo de Ouro, Diamante, Marfim,
 Berço Gigante ... oralidade - veia essencial.

Um outro enunciado que merece atenção é sobre a questão de unidade cultural étnica do continente africano. Ainda ouço pessoas fazendo referência a África como se fosse um país, incluindo meus alunos, como pude demonstrar no capítulo anterior. Então, com base na ideia de Appiah (1997), sobre a invenção da África pelo processo de colonialismo em contraposição da ideia de unidade política natural, colocamos o bloco **Identidade e Diversidade étnica e cultural** que podem ser trabalhadas pedagogicamente para desfazer essa impressão fruto ainda da colonialidade.

O *Ilê Aiyê* também se contrapõe a essa ideologia fazendo conhecer através de suas músicas e a história de vários países africanos, como podemos ver nas composições ***Negrite Cristal*** que fala sobre o império de Gana que hoje corresponde aos países Mali, Mauritânia, Senegal e Guiné. Várias que falam sobre a história e cultura de Moçambique como ***Poesia Moçambicana, Vozes Da Floresta Macua***. Sobre Senegal também, temos a música ***Cerca de Bakel*** exalta as belezas das cidades senegalesas. Angola é representada por sua potencialidade devido as riquezas naturais na música ***Civilização do Congo***.

Segundo Hall (2016), é através de como representamos-significante que damos significados ou interpretações as coisas e como nos relacionamos com elas. Portanto,

¹⁴Letras das músicas em anexo

ao analisar as músicas do *Ilê Aiyê* percebo que a África e seus países são revisitados sem estereótipos herdados pela colonialidade, no sentido de serem um referencial para construção da identidade do povo negro. Observa-se que o *Ilê Aiyê* contesta um regime racializado de representação, utilizando como estratégia a reversão de estereótipos, o que Hall chama de “*transcodificação*, que visa trazer novos significados para imagens negativas” (2015:224).

Ao analisar as letras das músicas é possível perceber que o *ilê Aiyê* “se volta para uma África tradicional em busca de seus sinais de identificação. Pinça seus elementos estéticos em pequenas comunidades africanas que representam uma África tribal, anterior as lutas de independência dos anos 1970, e constrói sua ancestralidade” (GUEEREIRO:2000:32). A África é vista por sua história e conquistas sempre de forma positivada reconfigurando a ideia de um continente primitivo sem civilidade.

Percebe-se também que as escolhas dos países africanos para serem homenageados através da música está relacionada com a História do Brasil da época colonial, dos africanos, priorizando as origens dos que vieram para Bahia e foram escravizados, sinalizando toda influência cultural que temos com a África e o resgate de nossa identidade a partir da origem, mas hibridizada pelo processo diaspórico.

As músicas falam da realidade africana e sua luta pela emancipação e igualdade, trazendo uma mensagem explícita do desejo de vincular com a nossa realidade, chamando o povo negro para buscar melhorar a sua condição de vida, isso fica evidente na letra da música *Ilê Aiyê* nos cinco continentes no trecho: **“Moçambique meu eu é você sua história o mundo marcou”**.

Verifica-se que as letras da música não são poesias, pois trazem uma abordagem mais realista com informações pontuais sobre a história do continente africano, podendo ser um centro gerador de novas pesquisas enriquecendo assim, o conhecimento.

Até aqui pontuei alguns aspectos e estratégias que os professores podem utilizar ao trabalhar essa proposta. No próximo capítulo, vamos descrever e relatar a experiência de utilizar as músicas do *Ilê Aiyê* que representa a África como intervenção pedagógica, com o objetivo de implementar a Lei 10.639/03.

4 MUSICALIZANDO O CURRÍCULO DE HISTÓRIA PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03

4.1 AULA-OFICINA: QUE ÁFRICA É ESSA REPRESENTADA PELA MÚSICA DO ILÊ AIYÊ?

A epistemologia em Educação Histórica incentiva a realizar situações de aprendizagem reais nos ambientes educativos. Por isso, esse trabalho tem como prioridade, não só prescrever uma sequência didática, mas aplicá-la em sala de aula. Para isso, utilizarei da metodologia de aula-oficina, difundida por Isabel Barca (2004), que para ela consiste na “exploração e análise de ideias prévias dos alunos e do consequente processo de conceptualização em aula situa-se num ambiente de aula construtivista, que em Portugal se convencionou designar “aula oficina”.

Essa metodologia de ensino permite que se trabalhe com fontes/evidências históricas em sala de aula, ajudando aos alunos perceberem que as narrativas históricas são feitas através de provas concretas. E que elas podem servir para uma análise interpretativa de um fato ou como centro gerador de pesquisa mais aprofundada.

Isabel Barca (2004) sugere o trabalho com as evidências históricas através das aulas oficinas que permite o cruzamento de diversas fontes, incluindo a análise do conhecimento prévio do aluno sobre o tema estudado. A partir dessa prática, os alunos podem ser protagonistas do seu processo de aprendizagem, ampliando-o reelaborando-o seu conhecimento para agir de forma exitosa no mundo.

O que é ensinado deve-se ter um valor prático para quem o utiliza, priorizando assuntos que o educando se interesse e sirva para o seu cotidiano. Com essa intenção, percebe-se que a História local é um excelente ponto de partida para construção de identidades pessoais e sociais vinculada a um contexto mais global. Segundo Neves a História Local consiste:

[...] numa proposta de estudo de atividades de determinado grupo social historicamente constituído conectando numa base territorial com vínculos de afinidades, como manifestações culturais, organização comunitária, práticas económicas, identificando-se suas interações internas e articulações exteriores mantendo-se a perspectiva de totalidade histórica. (2002:45).

A opção pela análise de um Patrimônio cultural local e seu acervo musical se dá em função de que, por orientações legais (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs) que sugerem priorizar, nesta etapa da educação básica, a abordagem da

História Local, notadamente como estratégia pedagógica para o ensino de História, possibilitando a compreensão do entorno do aluno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência.

O aprender, significativamente, ocorre quando o sujeito atribui significado ao que se aprende, para isso torna-se imprescindível aproximar o ensino de História a realidade do aluno. Conforme especificados nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História (1998) o ensino de História pode ajudar a fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno a reflexão sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial.

Os alunos já trazem um conhecimento prévio baseado em suas experiências de vida que, quando conseguem relacioná-los com os conhecimentos escolares apresenta um ganho extraordinário para sua aprendizagem. Circe Bittencourt (2008:168), nos ensina que a História do Cotidiano deve ser utilizada como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação. É uma estratégia que tem como base a história de todas as pessoas, além de permitir a construção por parte do aluno de sua identidade e resgate de sua herança cultura.

Como sabemos vivemos em contexto histórico-social, no qual persiste o racismo estrutural e institucional, acarretando acentuados problemas nas relações étnicas cotidianas. A trajetória do *Ilê Aiyê* não só denuncia, mas ensina como lidar com essa problemática. Então, todos devem ter acesso de forma ampla e didática a esse trabalho desenvolvido para que este possa servir de referência no seu modo de agir em sociedade, tomando assim, uma posição de luta e ocupando os espaços de poder.

Então, escolhi trabalhar com as músicas do *Ilê Aiyê* (1975-2014), buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras, visando inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03.

A proposta de intervenção foi apresentada aos alunos com faixa etária entre 11 e 16 anos pertencentes as oitos turmas do matutino, do 6º ao 9º do ensino fundamental II da Escola Municipal Pirajá da Silva, que está localizado no bairro da Liberdade em Salvador, Bahia. As aulas-oficinas ocorreram no turno oposto (vespertino), uma vez por semana (as segundas-feiras) com duração de três horas na

sala de multimídia e biblioteca. Os encontros tiveram a participação de 16 (dezesesseis) alunos(as) inscritos voluntariamente. Foram selecionados os que preencherem os pré-requisitos básicos: disponibilidade de horário, interesse na pesquisa, acesso à internet e entrevistas com os candidatos para saberem se estão de acordo com os critérios estabelecidos, principalmente, para elucidar se realmente existia o interesse por parte aluno em participar em consonância com um dos objetivos específicos do projeto, que é desenvolver uma educação antirracista.

É sabido que coexiste o currículo oculto que Tomas Tadeu Silva define como: “O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA:2010:78). São os saberes que os alunos trazem consigo oriundos de diversos ambientes de aprendizagem, esses conhecimentos são importantes e devem ser valorizados. Nesse sentido, é imprescindível que a aula-oficina inicie por saber o que os alunos carregam, pensam, sabem sobre África. A partir disso, a aula passa a ser configurada visando a construção do conhecimento histórico dos alunos com base em evidências históricas.

4.2 DESCRIÇÕES DA PROPOSTA DAS AULAS-OFICINAS

Tema: Que África é essa representada pela música do Bloco Ilê Aiyê?

Objetivo:

Promover a reversão de estereótipos negativos, possibilitando aos alunos negros a construção de sua identidade e representação de sua ancestralidade de forma positivada, bem como aos não-negros reconhecer e respeitar as marcas das culturas africanas que, independente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu cotidiano¹⁵.

Incentivar aos alunos a tornarem-se disseminadores de valores e atitudes antirracistas.

Justificativa:

Foi escolhido a música do Bloco Afro Ilê Aiyê como um meio de pesquisa sobre o tema, pois este contempla essa visão positivada e reivindica uma aproximação com o continente africano. Essa atividade serviu tanto para nortear a implementação da

¹⁵ Sirvo-me neste trabalho do mesmo objetivo proposto pelo curso de História da África e afro-brasileira a Universidade de Londrina-UEL. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/historiadaafrica/pages/objetivos.php>. Acessado em 21.10.2017

intervenção na escola quanto para averiguar se havia real necessidade de abordar um tema que se tornou obrigatório a 15 anos e que ao longo desse tempo houve uma adequação no currículo para que realmente ocorresse sua efetiva aplicação por parte da escola e professores. Ao mesmo tempo, percebemos que é tarefa árdua romper com algumas ideologias, mas que devemos tomar uma posição de luta se queremos um mundo mais igualitário.

Visão geral do tema da aula:

Que África é essa, presente na música do bloco *Ilê Aiyê*? Esse é o tema geral que perpassará por todas as aulas-oficinas, estando interligada ao objetivo que desejamos que o aluno desenvolva.

O *Ilê Aiyê*, com seu histórico de lutas para uma sociedade mais democrática, propõe divulgar através de sua musicalidade aspectos positivos de África que desconstrói a visão simplista e irrelevantes abordadas em uma educação moldadas em parâmetros eurocêntricos. A música apresenta aspectos como a participação e luta dos negros em processo de libertação e independência de sua nação africana e no Brasil, alude para a iniciativa, criatividade e inventividade das pessoas oriundas da África e das diásporas, desmistifica a ideia de unidade territorial, contemplando a diversidade cultural, histórica, econômica e social de vários países, contrapõe a ideia de atraso tecnológico e reivindica a nossa ancestralidade. Isto será apresentado ao aluno no decorrer das oficinas.

Desenvolvimento:

Aula-Oficina 1

Instrumentalização a focalizar:

Levantamento das ideias tácitas dos alunos.

Análise da narrativa dos alunos.

Neste primeiro momento, será apresentado ao aluno a proposta de aula-oficina e os procedimentos. A aula- oficina proposta por Isabel Barca se justifica pela análise dos conceitos trazidos pelos alunos investigados a partir do levantamento das ideias prévias destes educandos. Então, nesse trabalho a primeira atividade foi colher as informações que os alunos trazem consigo sobre a África, oriundas do contato com vários meios de informações. Os(As) alunos(as) da escola foram orientados(as) a escreverem uma redação livre sobre suas impressões acerca da África, tendo como base os conhecimentos que eles adquiriram em diversos meios sociais, como a

família, os meios de comunicações, na escola, nos centros religiosos e outros. Como estratégia foi colocado o tema na lousa: O que você pensa/sabe sobre África?

Em consonância com o objetivo da pesquisa, que propõe uma intervenção no currículo escolar, objetivando a implementação da Lei 10.639/2003, foi importante saber o conceito prévio sobre o tema da oficina de todos os(as) alunos(as) que fazem parte da escola Pirajá da Silva, que cursam o ensino fundamental II, correspondendo do 6º ao 9º ano. Foram analisadas narrativas e delas foram identificadas e listadas os conceitos que mais apareceram conforme descrito abaixo:

Figura 5- Quadro Catalogação dos conceitos de África

- Um “continente de negros”
- Ideia de unidade cultural e histórica,
- Continente selvagem, tribal, primitivo
- Local de escravidão, pessoas subnutridas, enfermidades, pobreza
- Animais selvagens
- Guerra
- Influência cultural com a Bahia
- Tutela

Fonte: Autora ,2018

Foram a partir dos relatos narrados pelos(as) alunos(as) que as outras aulas-oficinas foram montadas, levando em consideração a desconstrução ou afirmação de alguns conceitos expressos por eles conforme orientação de Barca (2004:1):

Ora se o professor estiver empenhado em participar em uma educação para o desenvolvimento terá que assumir-se como um investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual do aluno, mas não de imediato o classificar como certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.

A partir desta constatação, realizei aulas-oficinas que contemplaram esses conceitos, objetivando (re)significá-los a partir de outra perspectiva orientadora como a sugerida por Munanga, de olhar a História do continente de forma positivada.

AULA OFICINA 2

Instrumentalização a focalizar:

Analisar e interpretar fontes históricas (letras das músicas do bloco Afro *Ilê Aiyê*). Instruir o(a) aluno(a) na leitura dessas fontes, a partir da sua realidade, do seu tempo e do seu espaço, levando-os a identificarem os aspectos relevantes ao tema estudado nas linguagens dos documentos.

Principais conceitos e questões orientadoras:

Que África é essa contida na música do Bloco *Ilê Aiyê*?

De que forma a diversidade econômica, social, política e cultura é abordada na letra da música?

Experiências de aprendizagem:

Dialogar sobre a trajetória do Bloco Afro *Ilê Aiyê* e conhecer sua estratégia de luta por cidadania do povo negro.

Conhecer e refletir sobre as experiências históricas e produções culturais dos(as) negros(as) na diáspora fornecendo base para serem entendidas como matriz da sociedade e identidade brasileira.

Estratégia:

1º momento:

Apresentação da pesquisadora e um breve resumo proposta do projeto.

2º momento:

Levantamento do conhecimento prévio dos(as) alunos(as) acerca da História Bloco *Ilê Aiyê* com a seguinte indagação: O que vocês conhecem da história do *Ilê Aiyê*? Que importância tem para comunidade do bairro da Liberdade e para o mundo?

Anotar na lousa a opinião dos alunos.

Apresentar ao aluno a trajetória do Bloco *Ilê Aiyê* e sua importância para comunidade negra, como este utiliza a música como estratégia de luta por cidadania e reivindica a aproximação com os ancestrais africanos.

Dialogar sobre a percepção do aluno quanto a forma que o *Ilê Aiyê* auxilia as pessoas no combate contra o racismo. Sistematizar essa ação orientando os alunos a fazerem um registro pois este conhecimento poderá ser útil para apresentação final.

3º momento:

Apresentar as músicas separadas por conceito a serem trabalhadas durante a oficina¹⁶, conforme tabela (01) abaixo:

Tabela 1- Lista de Músicas Utilizadas e Conceitos Trabalhados

CONCEITO	REFERENCIAL TEÓRICO	PERGUNTA NORTEADORA	MÚSICA
Identidade e Diversidade étnica e cultural	A invenção da África(Appiah:1997) contraposição da ideia de unidade política natural.	Afinal, África é um continente ou um país?	- Poesia Moçambicana - Caminho (Compositor: De Alberto Luiz Santos Carvalho "buziga") - Havemos de Voltar (Compositor: De Edson De Carvalho "xuxo E Augusto Moreira Daltro "cuiuba") - Cerca de Bakel - Civilização do Congo - CORDÃO UMBILICAL - Negrice Cristal - Laço Fraterno
Quilombismo-diversas fretes de resistências negra.	"(...) tanto os permitidos quanto os "ilegais" foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história . A este complexo de significações, a esta praxis afro-brasileira, eu denomino de Quilombismo". (NASCIMENTO:2002:264-265)	Por que e como devemos lutar por uma sociedade antirracista?	- Referência Quilombolas (Compositor: Adailton Poesia & Valter Farias) - Ilê Aiyê nos cinco Continentes - o movimento
PERSONALIDADES -Representatividade importa!	O fato de projetarmos a "nós mesmo" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL:2015:11)	De que forma as experiências vividas por africanos e afro-brasileiros podem influenciar o protagonismo negro na atualidade?	- Poesia Moçambicana (Compositor: Adailton Poesia e Valter Farias). - Levante de Sabres Africanos - Cerca de Bakel - Cordão Umbilical - Voices da Floresta Macua - O movimento Negrice Cristal
Influencia Cultural oriundo da Diáspora	"Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem " (GILROY:2001:22)	O quanto de africanidade temos no nosso cotidiano?	- Majestade África - Evolução da Raça - Havemos de Voltar (Compositor: De Edson De Carvalho "xuxo E Augusto Moreira Daltro "cuiúba") - Levante de Sabres Africanos - CORDÃO UMBILICAL - HERANÇAS BANTOS

Fonte: Autora, 2018

¹⁶Esses conceitos foram discutidos no capítulo anterior e foram definidos para este trabalho de acordo com o objetivo do projeto.

Dividir a turma em grupo de até 4 pessoas. Cada grupo ficou responsável por desenvolver a análise e o trabalho de pesquisa com uma fonte histórica (música). Apresentar mais de uma música produzida pelo bloco *Ilê Aiyê* para cada conceito trabalhado, porém cada equipe escolherá uma música para fazer a atividade.

Mediar o processo de interpretação da letra da música, juntamente com a turma. Para isso, uma das estratégias é interrogar a fonte relacionada com o conceito a ser apreendido e com o objetivo conforme explicitado no Tabela 1.

De modo geral, orientar para que os alunos façam perguntas pertinentes a fonte estudada, a fim de fazerem exploração, análise e reflexão das mesmas, conforme sugestões abaixo:

Quem, quando, onde, para quem e por que escreveu?

Qual a mensagem que o autor/compositor deseja expressar (posicionamento político, sua visão de mundo) nessa música?

Orientar para extração de nomes de lugares, personalidades e vocabulário para auxiliá-los a descobrirem seus significados utilizando-as como centro gerador (DAVID,2012), para aprofundamento da pesquisa e cruzamento de fontes (BARCA,2010). No decorrer da oficina, recorreremos a esses dois procedimentos, fazendo o entrecruzamento de fontes onde os alunos, através do exposto na música geracionais, fizeram outras pesquisas sobre a cultura africana. Essa prática está referenciada na perspectiva de Célia Maria David que sugere que a música no ensino de história seja trabalhada, em pelo menos dois procedimentos, o primeiro a análise da música como documento histórico e o segundo como centro gerador. Essa metodologia de ensino, além de proporcionar uma aula mais dinâmica, coloca o aluno em contato com o fazer do historiador, permitindo que este expresse sua interpretação através de sua narrativa, conforme nos diz Schmidt e Cainelli:

Ao professor de história cabe ensinar ao aluno como levantar problemas procurando transformar em cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas. Ensinar história passa a ser então, dar condições ao aluno poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico de construí-lo. (2009:s/p).

Gestão do tempo: 100 minutos

Avaliação:

A avaliação deve permear toda a atividade pedagógica do professor. Desta forma, ao longo das propostas apresentadas, o professor poderá avaliar o aluno e fornecer as devidas orientações, simultaneamente, com base em sua participação nas atividades realizadas: pesquisa na internet, leitura, interpretação e produção de texto.

AULA OFICINA 3

Instrumentalização a focalizar:

O cruzamento de fontes: os alunos irão, a partir do que foi analisado na letra da música direcionado a, ampliar o conhecimento, realizando uma pesquisa sobre o tema abordado.

Visão geral do tema da aula:

Analisando a narrativas dos alunos, percebi que ainda persiste uma visão de África estereotipada, oriunda de uma ideologia colonizada que influenciou a visão do outro de modo a inferiorizar ou minimizar a importância que tem para a nossa nação e para as pessoas de descendência diaspórica. Essa perspectiva de África não contempla a realidade que nos encontramos, então precisamos ressignificá-la para que as relações étnicas raciais e sociais ocorram de forma respeitosa e igualitária, nesse sentido, é importante que a pesquisa na internet parta de princípios norteadores para que os alunos não se percam do objetivo proposto.

Principais conceitos e questões orientadoras:

Se a África é um continente quais países fazem parte?

No continente africano só existe países pobres e na miséria?

No continente todas pessoas vivem ou são iguais ou existe uma diversidade cultural e histórica?

Será que existe cidades desenvolvidas nos países africanos?

De que forma os africanos lutaram pela sua independência?

Que ensinamentos os protagonistas negros e negras deixam de legado para as próximas gerações?

De que forma a diversidade econômica, social, política e cultura é abordada na letra da música?

Experiências de aprendizagem:

Proporciona aos alunos condições de apropriarem-se do conhecimento, percorrendo os caminhos da sua construção e a associação entre ensino e pesquisa.

Realizar pesquisa em site de busca na internet relacionado ao tema da pesquisa de cada grupo.

Estratégia

1º momento:

Orientar sobre o processo de pesquisa na internet, indicando como site de busca o www.google.com.br. Em seguida, solicitar que digitem as palavras chaves de cada tema de pesquisa.

Sugerir que deem preferência a site de instituições oficiais, a exemplo dos mantidos por universidades, organizações museus, bibliotecas e revistas de divulgações científicas¹⁷.

2º momento:

Os alunos serão distribuídos em grupos de acordo com a temática escolhida, devem realizar a pesquisa, ler os materiais encontrados e fazer o registro das informações de acordo com o tema proposto para cada equipe. Lembrar de colher informações que deem uma visão geral sobre o tema de cada grupo e que respondam à pergunta que motivou a pesquisa.

3º momento:

Sistematizar o conteúdo em uma produção de narrativa escrita, respeitando as normas de estruturação do texto, balizando sua argumentação em conhecimentos históricos. (Rusen:2010).

4º momento:

Compartilhar as descobertas feitas durante a pesquisa com os outros grupos de pesquisa, expondo oralmente sua produção narrativa.

Gestão do tempo: 100 minutos

Avaliação:

Será observada a capacidade do aluno de analisar o problema dentro do contexto trazido pelo professor e como este utilizou-se do conhecimento histórico para balizar sua argumentação. (Rusen: 2010).

A coerência com as normas de escrita do texto base (introdução, desenvolvimento e conclusão com opinião do aluno).

¹⁷Sugestões de site para pesquisas neles são encontrados artigos, dissertações e teses sobre a temática: www.unilab.edu.br, www.uel.br, www.revistas.usp.br, www.historiahoje.com, www.museuafrodigital.ufba.br, www.museuafro.ufma.br, www.museuafrobrasil.org.br e www.geledes.org.br.

AULA OFICINA 4

Instrumentalização a focalizar:

Compreensão da sua realidade em uma dimensão histórica, identificando semelhanças e diferenças, mudanças, permanências, resistências e que, no seu reconhecimento de sujeito da história possa posicionar-se. (BARCA:2010).

Visão geral do tema da aula:

A aula-oficina propõem que o aluno possa fazer a comunicação da sua aprendizagem, balizando sua narrativa no conhecimento aprendido durante a atividade proposta. Nesta aula-oficina, os alunos farão isso através da produção de História em Quadrinhos (HQs).

Principais conceitos e questões orientadoras:

Qual seu significado/importância das músicas do Bloco *Ilê Aiyê* para o contexto da época que foi composta, divulgada e para os dias atuais?

Como podemos conviver e relaciona-se com as diferenças étnicos raciais em nossa sociedade?

Como devemos posiciona-nos em relação às atitudes racistas e discriminatórias que estereotipa o outro?

Experiências de aprendizagem:

Perceber que ainda persiste em nosso cotidiano uma visão estereotipada da África e do outro como reflexo da dominação colonialista;

Criar uma história em quadrinho relacionada à pesquisa realizada pelo aluno durante as oficinas, contextualizando com a realidade vivenciada em seu cotidiano.

Valorizar a interpretação e narrativa dos alunos.

Desenvolvimento

1º momento:

Ler para a turma alguns registros feitos durante a sondagem do conhecimento prévio do aluno, em que eles foram convidados a escrever uma redação inicial, expressando o que eles pensam/conhecem sobre África.

Escolher relatos de alunos em série diversificadas entre o 6º e o 9º ano, respeitando sempre a integridade do aluno inibindo a sua identificação.

Pedir que os alunos comentem de forma oral o que eles descobriram de novo sobre a África, relacionando com a pesquisa realizada.

2º momento:

Propor a produção de Histórias em Quadrinhos que explorem os conteúdos específicos pertinentes ao assunto da aula, relacionando os fatos estudados com as questões do presente, questionando-os e procurando resoluções dos problemas.

Orientar o aluno a produzir História em quadrinhos. Para isso, expor em slides cada etapa de produção de HQ: roteiro, enredo, tipos de balões, diagramação. Nesse momento, seria interessante um trabalho interdisciplinar com professores de Português e Artes.

Pode-se utilizar o vídeo: “Como fazer quadrinhos” que explica o passo a passo de como produzir quadrinhos disponível na internet no endereço <https://youtu.be/SNCENmUccsc>. Trabalhar o texto de Evelyn Heine: “Como fazer uma história em quadrinhos” disponível em: <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>. Orientar os alunos da importância e de como fazer um roteiro, como diagramar, possibilidades de desenho, o significado de cada recurso, dentre outros conforme mostra algumas imagens abaixo:

Tipos de balões e onomatopeias¹⁸:

Figura 6- Exemplo de balões e Onomatopeias



Fonte: <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>

3º momento:

Propor que o aluno sintetize os conhecimentos adquiridos ou aprofundados durante a pesquisa e oficinas em uma narrativa em quadrinhos, relacionando a história cultura da África com as questões do presente, incluindo a trajetória do Bloco *Ilê Aiyê* e do negro no Brasil.

4º momento:

O professor deverá, depois de corrigida cada história, organizar uma exposição de todas as histórias produzidas para incentivar a leitura. No caso desse trabalho, será exposto em um site: <https://cantonadiaspورا.wixsite.com/cantonegro>.

¹⁸Onomatopeia segundo Câmara Jr (1978) é a representação do ruído de algo, através de um vocábulo.

Gestão do tempo: 100 minutos

Avaliação

Será analisado a capacidade de o aluno contextualizar os fatos do passado com questões do presente e o embasamento (em conhecimento histórico) para sustentar sua argumentação.

4.3 RELATOS E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

O modelo de aula- oficina parte do pressuposto de que o(a) aluno(a) constrói seu próprio conhecimento, sendo mediado pelo(a) professor(a) através da utilização das ferramentas utilizadas pelo(a) historiador(a), tais como análise de documentos iconográficos, escritos e sonoros, e assim, possa explorar as diversas informações contidas num documento e posteriormente utilizá-las nas suas argumentações.

Para Cainelli e Schmidt (2009:33) “a sala de aula não é o espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos”. As aulas foram pensadas a partir de problematizações da realidade e a busca de soluções dos problemas detectados, no caso, o racismo que existe na escola por parte dos alunos investigados e estereótipos sobre África.

As aulas-oficinas foram desenvolvidas em (4) dias distintos, todas as segundas-feiras do mês de julho de 2018. Tivemos a adesão inicial de dezesseis alunos, que no decorrer do projeto foram evadindo, alegando dificuldades particulares. Além disso, um outro aspecto que possa ter impactado na pequena adesão as oficinas e as consequentes desistências por parte de alguns(mas) alunos(as) no percurso do projeto podem estarem relacionadas ao fato das escolas municipais de Salvador participarem de vários projetos propostos tanto pelos(as) professores(as) da unidade escolar quanto aos ditados pela Secretaria Municipal de Educação, a Escola Municipal Pirajá da Silva não é diferente. Eu, enquanto professora da unidade escolar, estava envolvida em três projetos da escola no mesmo período e mais as obrigações de fechamento das unidades das oitos (8) turmas as quais sou regente, o que acarreta uma sobrecarga tanto nos alunos(as) quanto nos professores(as).

Na primeira aula-oficina foi apresentado aos aluno(as) a proposta das aulas oficinas e os procedimentos. Utilizando do diagnóstico realizado com os(as) alunos(as) sobre o que eles pensam/sabem sobre África foi colocado em slides as categorias (Figura 5) que mais apareceram após minha análise das narrativas dos

alunos. Então, para ampliar as discussões, coloquei na lousa a imagem (Figura 7) sem identificar o local perguntei aos alunos quem conhecia aquele lugar e qual o nome da cidade? Os alunos deram como resposta o nome de várias cidades brasileiras menos das africanas.

Figura 7- Imagem da Marginal de Luanda, Angola



Fonte: SkyscraperCity. Disponível em www.angolabelezabel.com

Essa estratégia de *cruzamento de fontes* (Barca:2004) tinha como objetivo principal desvelar e contrapor as primeiras opiniões dos alunos sobre a África e fazê-los perceberem que as nações africanas são vítimas de um preconceito que nos impede de conhecermos mais profundamente as pessoas, seus saberes e seus lugares. Essa estratégia foi feita de forma oral, nesse momento os alunos ficaram um comentando com o outro coisas do tipo: “jamaís ia imaginar que fosse na África”, “tem prédios e carros lá, pensei que só tinha animais e barro”.

Esse exercício de problematização de uma temática serviu também como motivador para a continuação dos trabalhos referentes ao projeto, pois todos sentimos a necessidade de conhecer mais a África de forma diferenciada do que é a anos apresentada pelas mídias, escolas e outros locais de informações. Nesse momento, foi apresentada a música do *Ilê Aiyê* **Caminho** do Compositor Alberto Luiz Santos Carvalho “buziga” onde o bloco canta a história de Angola e a relação cultural que tem a Bahia com esse país. Ouvimos a música acompanhando a letra. Perguntei a eles de que se tratava a música e eles disseram de Angola. A partir daí informei que a produção estava relacionada ao tema do carnaval do *Ilê Aiyê* e que eu tinha escolhido as músicas do bloco para falar sobre África. Celia David, salienta que “o raciocínio do aluno deverá ser direcionado sempre a partir da problematização da canção apresentada”. (DAVID:20012:s/n).

Barca nos ensina que o professor de História deve ser um investigador no seu local de trabalho com o objetivo de “aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos não para de imediato classificar como certo/errado, completo/incompleto, mas que essa sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização do seu aluno”. (BARCA:2004:133). Então, é sempre importante fazer o *Levantamento do conhecimento tácito* (Barca:2004) dos alunos acerca da História Bloco *Ilê Aiyê* com a seguinte indagação: O que vocês conhecem da história do *Ilê Aiyê*? Os alunos responderam coisas como: “*eu conheço pouco sobre o Ilê Aiyê, sei que é um bloco carnavalesco*”, *que “é um bloco e que ajuda o movimento negro”* e outro disse, “*é formado por pessoas que lutam pelo seu direito e foi formado por pessoas do candomblé*”. Observou-se nesse momento, que os alunos conhecem a história do bloco e seus objetivos. Prova contundente que o aluno não é uma tábua rasa que vai para escola se encher de conteúdo, eles já trazem para escola um conhecimento que está no seu cotidiano e que deve ser apropriado pela escola e potencializado.

Entretanto, dos 12 (doze) alunos que participaram da oficina reconheceram o papel do *Ilê Aiyê* como patrimônio cultural e como movimento negro de luta e resistência para o empoderamento do negro. Nenhum deles frequentam a instituição. Ao perguntar o motivo de não frequentarem, responderam que são menores de idade e precisam da aprovação dos pais e os mesmos também não tem aproximação com o bloco. Também, 5 (cinco) dos alunos apontaram que não se aproxima do bloco por causa de sua ligação com a religião de matriz africana.

Para Freire (1996:135), “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”, ainda que pontual, aproveitei a oportunidade para falar de tolerância religiosa e explicar de forma a convencê-los a participar da oficina, que embora o *Ilê Aiyê* fosse fundado na matriz religiosa africana eles desenvolveram um trabalho que deveria ser o papel de todas as religiões que é a busca e união dos povos baseada em valores, saberes e princípios de igualdade. E que esse importantíssimo trabalho não deveria ser esquecido por conta das escolhas religiosas de cada um, afinal de contas o preconceito parte da falta de conhecimento. Vemos que o modelo de aula-oficina tem como característica a exposição dialogada que oportuniza, sobretudo, de acordo com opinião dos alunos, intervir de imediato em algumas questões que os levem a fazer uma reflexão crítica sobre sua vivência e conceitos que já trazem de suas experiências.

Para Lopes (2012:30) aula dialogada é:

[...] uma exposição de conceitos, com a participação ativa dos alunos, onde o conhecimento prévio é extremamente importante, devendo ser considerado este o ponto de partida. O professor leva os alunos a questionarem, discutirem, interpretarem o objeto de estudo com as situações das realidades que podem ser levantadas pelos alunos. O diálogo deve ser ferramenta desta estratégia, favorecendo a análise crítica, a produção de novos conhecimentos e propondo aos alunos a superação da passividade e da falta de mobilidade intelectual.

Em seguida, apresentei ao aluno a trajetória do Bloco *Ilê Aiyê* e sua importância para comunidade negra, como este utiliza a música como estratégia de luta por cidadania e reivindica a aproximação com os ancestrais africanos. Assistimos um minidocumentário do projeto 'Que Bloco é esse?', produzido pela Petrobras disponibilizado na mídia através do *Youtube* em 08 de fevereiro de 2012 que conta a história do bloco. Foi importante a visualização para que os alunos se aproximassem mais ainda do objeto de pesquisa. Neste momento, foram apresentadas as letras das músicas de acordo com o quadro dos conceitos (Tabela 1) e explicado cada um. Os alunos escolheram qual bloco de conceitos gostaria de ficar e a música que ia trabalhar. As escolhas ficaram assim:

Tabela 2- Escolhas dos Conceitos e Músicas pelos Alunos

Alunos	Conceito	Música escolhida	História em quadrinho
A e E, I	Identidade e Diversidade étnica e cultural	Laço Fraterno, Negrice Cristal, Havemos de voltar e Cerca de Bakel	Figura 11, 13, 15,16,17 e 18
B e F, J	Quilombismo- diversas fretes de resistências negra	Poesia Moçambicana	Figura 14,

C e G, L	PERSONALIDADES- Representatividade importa	Cordão Umbilical, Levantes de saberes africanos	Figura 13,19 e 20
D e H, M	Influencia Cultural oriundo da Diáspora	Heranças bantos	Figura 12

Fonte: Autora (2018)

Além do procedimento de interrogação das fontes Celia David propõem que ocorra o desdobramento do trabalho a partir do que ela chama de *centro gerador* pois:

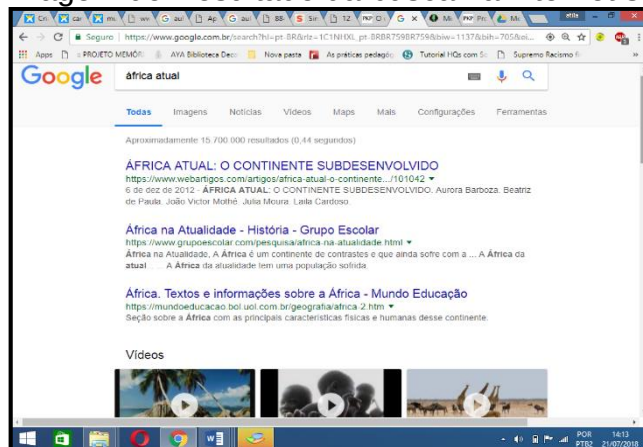
O centro gerador facilita a condução metodológica do trabalho, porque permite a reflexão a partir do agora, do imediato e, por essa razão, abre-se para o arrolamento e seleção de temas, inerentes a proposta inicial, mas que corresponde aos interesses mais imediatos da sala de aula. Um procedimento que se abre para o alargamento de tempos e espaços, ademais dos referenciais teóricos. (DAVID:2012:s/n).

Na terceira aula-oficina os alunos(as) foram convidados(as) a alargar seus conhecimentos fazendo pesquisas na *internet*, a partir de conceitos selecionados das músicas escolhidas por eles, de acordo com a temática a ser trabalhada. O tema principal da aula-oficina é África, mas a partir da utilização do documento (as músicas do *Ilê Aiyê*) pode-se retirar e explorar vários subtemas ou centro gerador. Escolhemos utilizar como recurso a pesquisa via internet para construção do conhecimento histórico, haja vista o amplo acesso desta tecnologia no Brasil por diversos dispositivos.

É importante esse direcionamento na pesquisa via internet, pois apesar de ser extensivo o acesso por professores e alunos aos meios digitais ainda há muita dificuldade para utilizá-la enquanto recurso pedagógico. Um dos problemas está relacionado ao fato dos(as) aluno(as) terem acesso as informações de forma rápida e por encará-las como verdades absolutas fazendo com que estereótipos racistas se perpetuem no imaginário destes educandos(as). Por exemplo, se eu simplesmente pedisse ao meu aluno para pesquisar sobre África atual aparece como resultado de pesquisa no *Google* de imediato os mesmos estereótipos de uma África subdesenvolvida, de misérias, fome que se mal interpretada pode em vez desmitificar,

difundir ideias preconceituosa, difamatórias e conservadoras, conforme podemos ver na imagem abaixo:

Figura 8- Imagem do Resultado da busca na internet sobre África



Fonte: Autora (2018)¹⁹

Com base nesta constatação, percebi que o uso da internet na aprendizagem precisa da intermediação do professor, já que reter informação nem sempre tem como resultado o aprendizado, ele só ocorre quando o conhecimento adquirido leva o aluno ao avanço que o condicione a uma ação competente no mundo, como no caso desta pesquisa que o direcionou para uma educação antirracista.

Com esse pensamento de empregarmos a internet como meio de informação de forma consciente continuamos os trabalhos. Para aplicação desta proposta pedagógica nos deparamos com uma problemática, a escola não é equipada com computadores e com internet para os alunos e professores. Embora seja uma difícil situação não se configurou como um empecilho para o andamento do projeto. O problema foi solucionado com o uso dos dispositivos móveis dos alunos e 1 *notebook* disponibilizados pela escola. A internet roteada do meu pacote de dados e do auxiliar da coordenação que gentilmente se solidarizou com a situação, proporcionando a realização dos trabalhos conforme pode ser visto na imagem abaixo.

Figura 9-Imagem da Segunda aula-oficina

¹⁹Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=africa+atual&oq=africa+atual>>. Acesso em: 20.07.2018.



Fonte: Autora (2018)

Notamos que muitos alunos(as) apresentam ainda dificuldades para fazerem pesquisas direcionadas de forma autônoma, tentando colher qualquer tipo de informação apresentada pelo site de busca sem operarem uma reflexão sobre o que está lendo. Então, foi feita uma orientação personalizada (Figura 10) de como interrogar ou analisar o documento, realizar a pesquisa de acordo com as perguntas norteadoras e o conceito²⁰ a qual se enquadra o documento (as músicas do *Ilê Aiyê* sobre África) selecionado pelo aluno e de como apresentar a pesquisa. A aprendizagem deste procedimento foi de relevância tanto para o projeto quanto para as outras disciplinas.

Figura 10-Imagem da Terceira aula-oficina-pesquisando com os alunos



Fonte: Autora (2018)

²⁰Conceitos apresentados no quadro 2.

Barca sugere que o projeto de aula-oficina seja projetado visando uma avaliação sistemática das aprendizagens, afim de convalidar se houve “à evolução das ideias dos(as) alunos(as) entre o momento inicial e o momento final da intervenção educativa em foco[.]” (2004:144). A quarta aula-oficina tinha como objetivo verificar através das narrativas dos(as) alunos(as) se houve uma refiguração sobre o conceito de África. Para esta proposta de intervenção didática escolhi como comunicação interpretativa dos educandos a produção de história em quadrinhos (HQ).

Para John Rüsen (2011), a narrativa é a face da História, sendo assim, é importante que os(as) alunos(as) possam expressar suas ideias através de narrativas, a fim desenvolverem e demonstrarem aprendizagem histórica. Para o autor, a aprendizagem histórica consiste em:

[...] como um processo de mudança estrutural na consciência histórica. A aprendizagem histórica implica mais que um simples adquirir de conhecimento do passado e da expansão do mesmo. Visto como um processo pelo qual as competências são adquiridas progressivamente, emerge como um processo de mudança de formas estruturais pelas quais tratamos e utilizamos a experiência e conhecimento da realidade passada, passando de formas tradicionais de pensamento aos modos genéticos. (RÜSEN:2011:75).

Através destas narrativas podemos constatar a ideia dos(as) alunos(as) sobre África e perceber se eles(as) assentem que os fatos do presente têm inferências do passado e que podem servir como guias para orientar as nossas deliberações na busca por solucionar demandas cotidianas e atuais, como a questão perene do racismo que precisa ser combatido com veemência perspectivando a erradicação.

Para isso, vou analisar as produções dos alunos servindo-me da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin:2009). Este método consiste em analisar a ideia do sujeito através da decomposição do discurso podendo assim, o pesquisador fazer sua interpretação sobre o objeto.

Um relevante aspecto observado é que houve a reversão de estereótipos negativos sobre a África, que passou a ser representada de forma positivada pelos alunos, nos onze (11) trabalhos entregues, conforme podemos ver em um dos trabalhos selecionados (Figura 11). Aqui a aluna baseou sua pesquisa e produção do HQ na cidade de Abidjan cidade da Costa do Marfim, destacando a modernidade desta cidade como centro industrial, universidades e urbanização. Ela começa a

história relacionando os aspectos que as cidades africanas são estigmatizadas, em seguida descontrói esse preconceito, incentivando as pessoas a pesquisarem antes de proferirem juízo de valor de forma negativa. Aponta uma forma viável de como cessar o preconceito, convertendo-o em conhecimento embasado por pesquisa.

Figura 11- HQ sobre Abidjan com base na música Laço Fraternal (Ilê Aiyê)



Fonte: Produção de HS²¹(2018)

²¹Por uma questão de ética os nomes dos alunos foram preservados e colocados siglas ou codinomes.

Neste HQ também se reconhecem as marcas das culturas africanas que, independente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu cotidiano. Nos últimos quadrinhos percebe-se que a aluna quis fazer uma comparação com a cidade de Salvador na Bahia, mostrando quanto as construções e a orla são parecidas com as da cidade Abidjan. Esta perspectiva foi evidenciada também na produção seguinte (Figura 12):

Figura 12- HQ sobre o povo Banto com base na música Heranças bantos (Ilê Aiyê)



Fonte: Produção de Lúiel(2018)

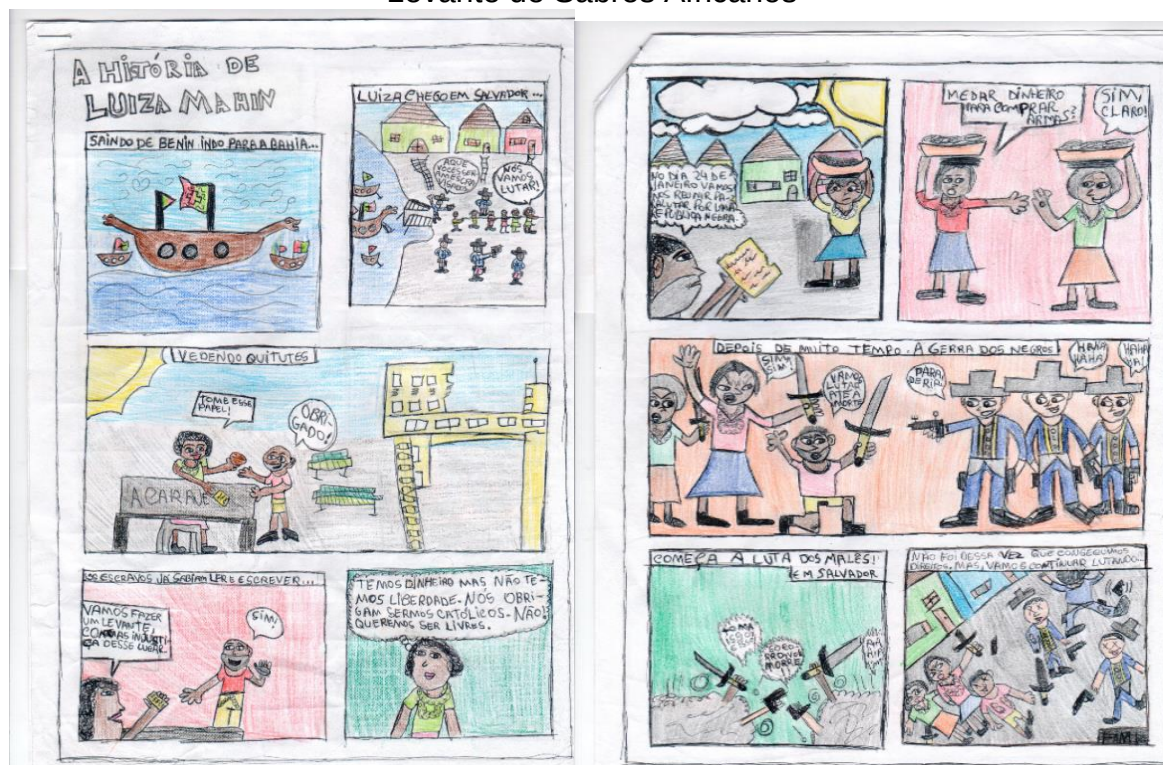
É digno de nota que houve uma mudança nos olhares dos(as) educandos(as) sobre a forma que a África era representada, como um território selvagem primitivo sem tecnologia. Pela influência da música do *Ilê Aiyê* eles(as) puderam observar outros aspectos outrora negligenciados, como o desenvolvimento econômico, social, político e a cultura. Como no HQ (Figura 13) em que ela apresenta alguns aspectos peculiares da cultura do Senegal, destacando que não encontrou animais selvagens na cidade visitada, desconstruindo a ideia rotulada de que se encontra animais selvagens a todo instante e em qualquer lugar.

Figura 13-HQ sobre Senegal com base na música Cerca de Bakel (*Ilê Aiyê*)



Foi oportunizado ao aluno, com essa atividade pedagógica, conhecer e refletir sobre as experiências históricas do negro na diáspora fornecendo base para serem entendidas como matriz da sociedade e identidades brasileiras. Como foi o caso do aluno(a) que produziu o HQ (Figura 14) com a história de luta e resistência de Luiza Mahin, uma africana que no período colonial ajudou a articular um levante negro, que teria como objetivo fundar uma República Negra em Salvador, Bahia para que pudesse exercer sua religiosidade mulçumana de forma livre, sem as amarras do eurocentrismo que impunham as pessoas a professarem, compulsoriamente, a fé católica. O trabalho foi produzido com base na música Levante de saberes africanos, composta por Guellwaar & Moa Catendê²² o saber africano elucidado na música mostra que os negros nunca foram passivos, sempre lutaram por seus ideais de liberdade e equidade social. O aluno deixa claro no último quadrinho da Figura 14 que, embora o objetivo desta luta não tenha sido efetivado, deixou como saber/legado a experiência combativa do povo negro que vai permear toda a história do povo da diáspora africana.

Figura 14- HQ produzido sobre a História de Luiza Mahin baseado na música Levante de Sabres Africanos

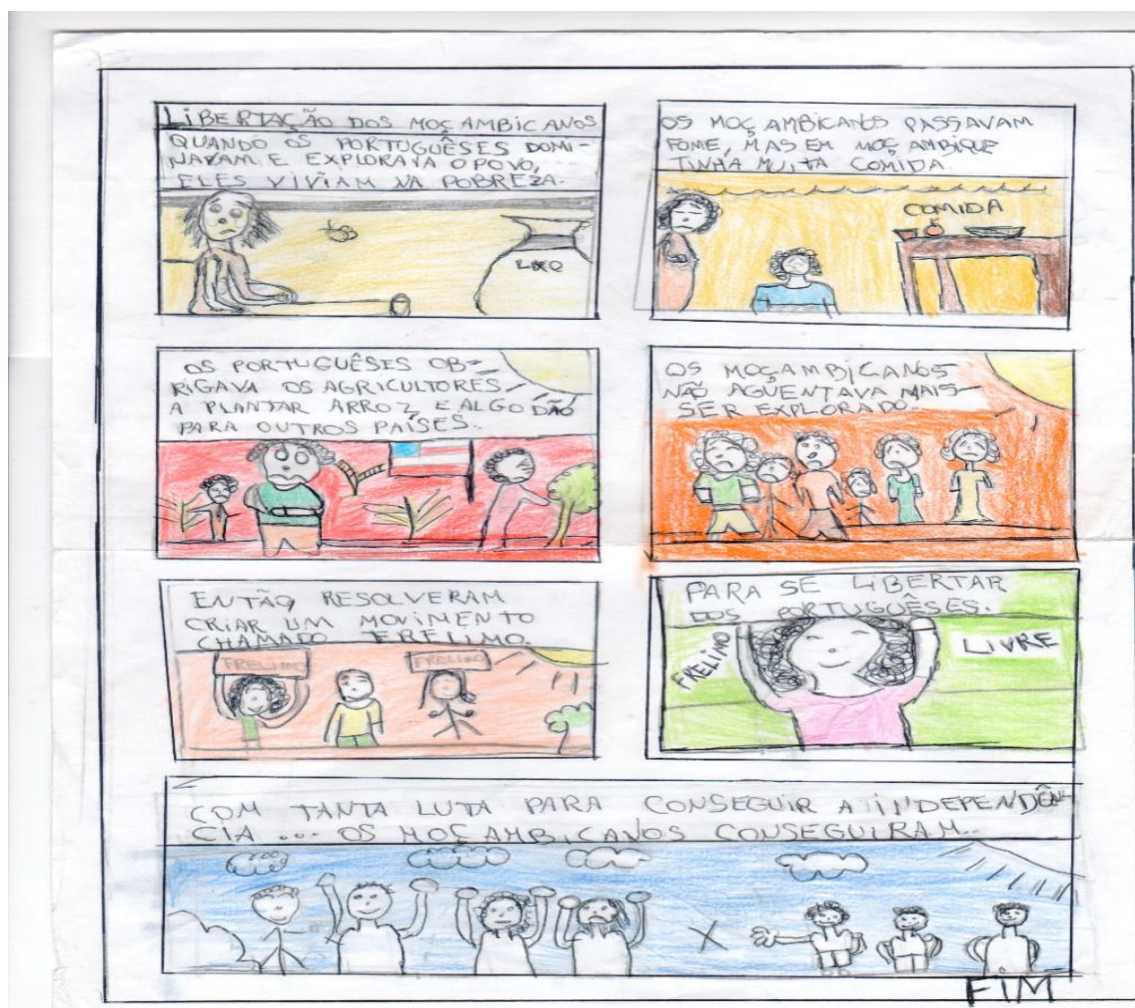


Fonte: HQ de Peoh (2018)

²²No momento que estava escrevendo esta dissertação Moa do Catendê foi brutalmente assassinado devido a intolerância política, fica aqui minha homenagem ao artista.

Em combate com a história única que nos negou o conhecimento mais aprofundado da história africana, o *Ilê Aiyê* em várias de suas músicas evidenciam o quanto os africanos em diversos países, principalmente, dos que foram colônia de Portugal, que assim como o Brasil lutaram pela sua independência, mostrando, dessa forma, que a África tem História sim – contrapondo Hegel – e que seus saberes e práticas precisam ser visibilizados. O/A aluno(a) ao analisar a música **Poesia Moçambicana** retirou da letra da música o termo FRELIMO como centro gerador para realização de sua pesquisa, descobrindo que foi uma associação de resistência que lutou pela emancipação em relação à Portugal. Na produção do HQ (Figura 15) verificamos que o(a) aluno(a) ressalta a dificuldade econômica e possível causa da fome do povo de Moçambique, a exploração de Portugal.

Figura 15-HQ sobre FRELIMO²³



Fonte: Produção de Br (2018)

²³Com base na música Poesia Moçambicana (*Ilê Aiyê*)

A HQ intitulado *A Mulher Guerreira* (Figura 16) narra a história da Rainha de Ashanti, Yaa Asantewaa líder de guerra que esteve à frente da resistência na luta contra os dominadores ingleses, tornando-se assim, exemplo de determinação no que diz respeito a busca dos seus ideais, independente do apoio masculino. A história contada no HQ teve como centro gerador a música *Negrice Cristal* que fala sobre o povo Ashanti. Ao se embrear pela pesquisa sobre a história desse povo, o(a) educando(a) foi seduzido(a) pela história desta mulher guerreira e quis colocá-la em destaque. No decorrer da aula-oficina e da pesquisa, perguntei o motivo da escolha, obtive como resposta “por se tratar da história de uma rainha africana poderosa, não vemos isso todos os dias”. (TDRP:2018). Este trabalho conseguiu trazer à tona uma história escamoteada pelos locais de estudo e outras poucas informações e, sobretudo, demonstra o interesse do aluno(a) em conhecer melhor sua história. Além disso, a metodologia de aula oficina traz a possibilidade de instrumentalizar os/as estudantes para procurar, pesquisar sua própria história com as facilidades encontradas na internet.

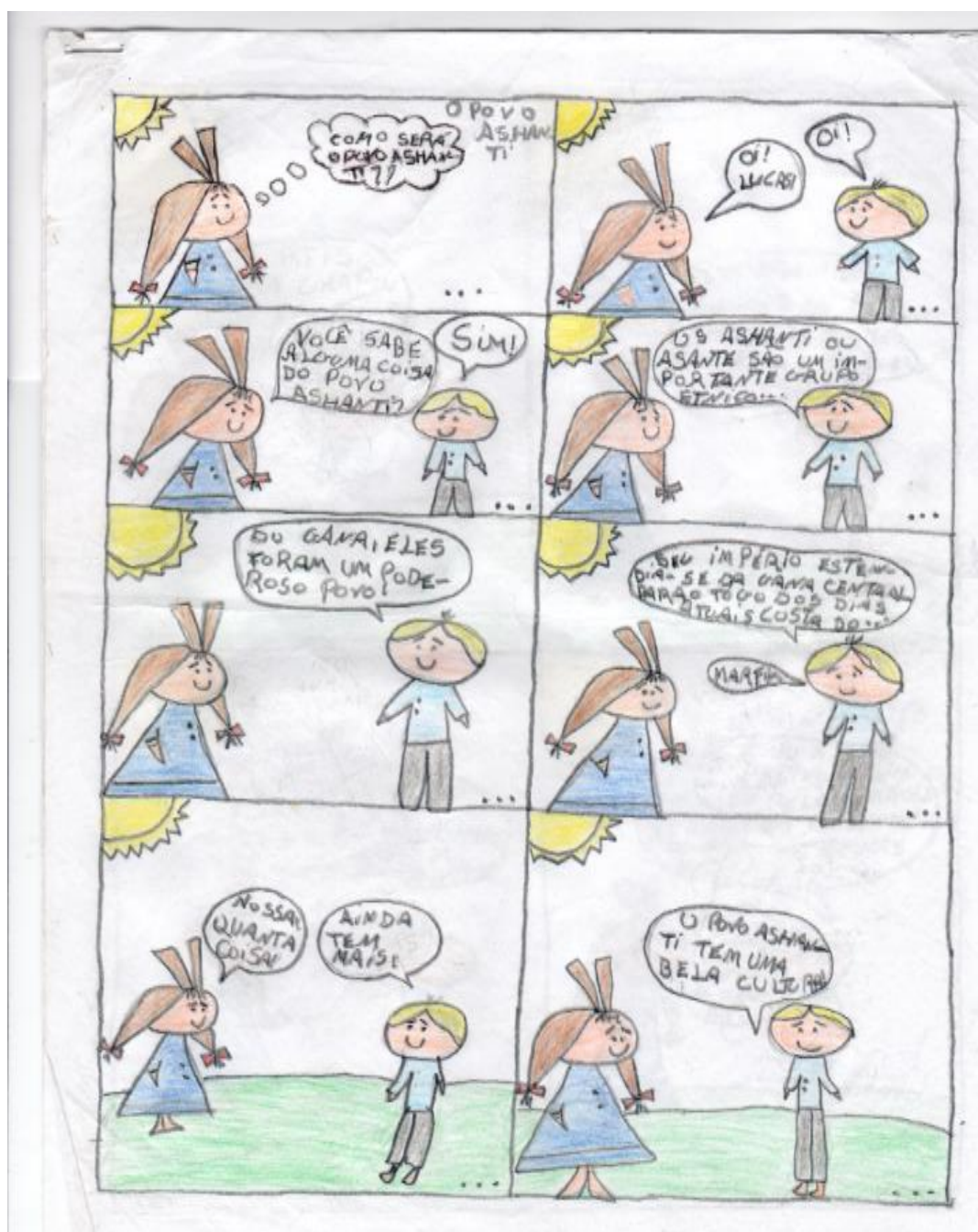
Figura 16- HQ sobre a Rainha de Ashanti baseada na música *Negrice Cristal*



Fonte: Produção de TBRP (2018)

Esta mesma música foi trabalhada por outro(a) estudante que preferiu fazer uma história em quadrinhos, porém conforme a narrativa tradicional, descrevendo o fato de acordo com a pesquisa que tinha realizado, reproduzindo em sua história em quadrinhos o conhecimento que já estava elaborado por outros(as) historiadores, inclusive a que aparece nos livros didático utilizados na escola, como podemos observar na imagem abaixo:

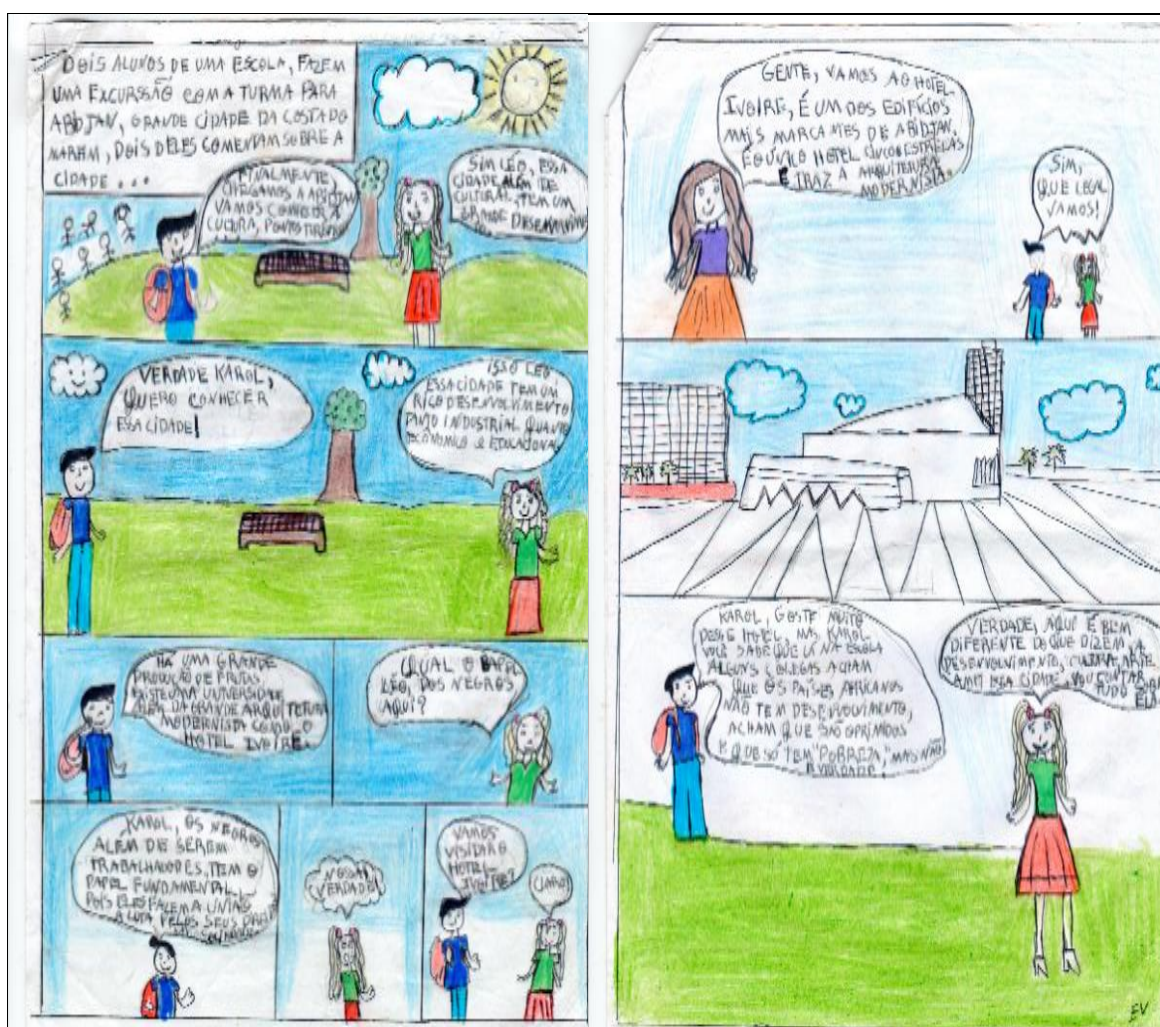
Figura 17- HQ sobre o povo Ashanti baseada na música *Negrice Cristal*



Fonte: Produção de M (2018)

Esta intervenção didática com metodologia de aula-oficina é conduzida de forma a promover uma mudança conceitual dos alunos acerca de determinados temas, utilizando-se para esse fim o aparato que os alunos já trazem consigo, articulado com as instruções que recebem das aprendizagens. As narrativas produzidas pelos alunos nos permitem avaliar as refigurações das aprendizagens. Como podemos verificar na análise do conhecimento prévios dos alunos acerca da temática estudada neste projeto categorizamos o conceito de uma África única que desconsiderava-a como um continente de múltiplas culturas. No que se refere a este aspecto podemos notar que após as aulas-oficinas de análise das músicas do *Ilê Aiyê* e nas produções dos HQ dos alunos, principalmente nas (Figura 11,13,18 e 19), houve essa reelaboração, pois, os alunos pesquisaram a História específica da cidade Abidjan e Angola, destacando suas peculiaridades.

Figura 18- HQ sobre Abidjan com base na música Laço Fraternal (*Ilê Aiyê*)



Fonte: Produção de EV(2018)

Figura 19-HQ sobre Angola com base na música Havemos de Voltar (Ilê Aiyê)

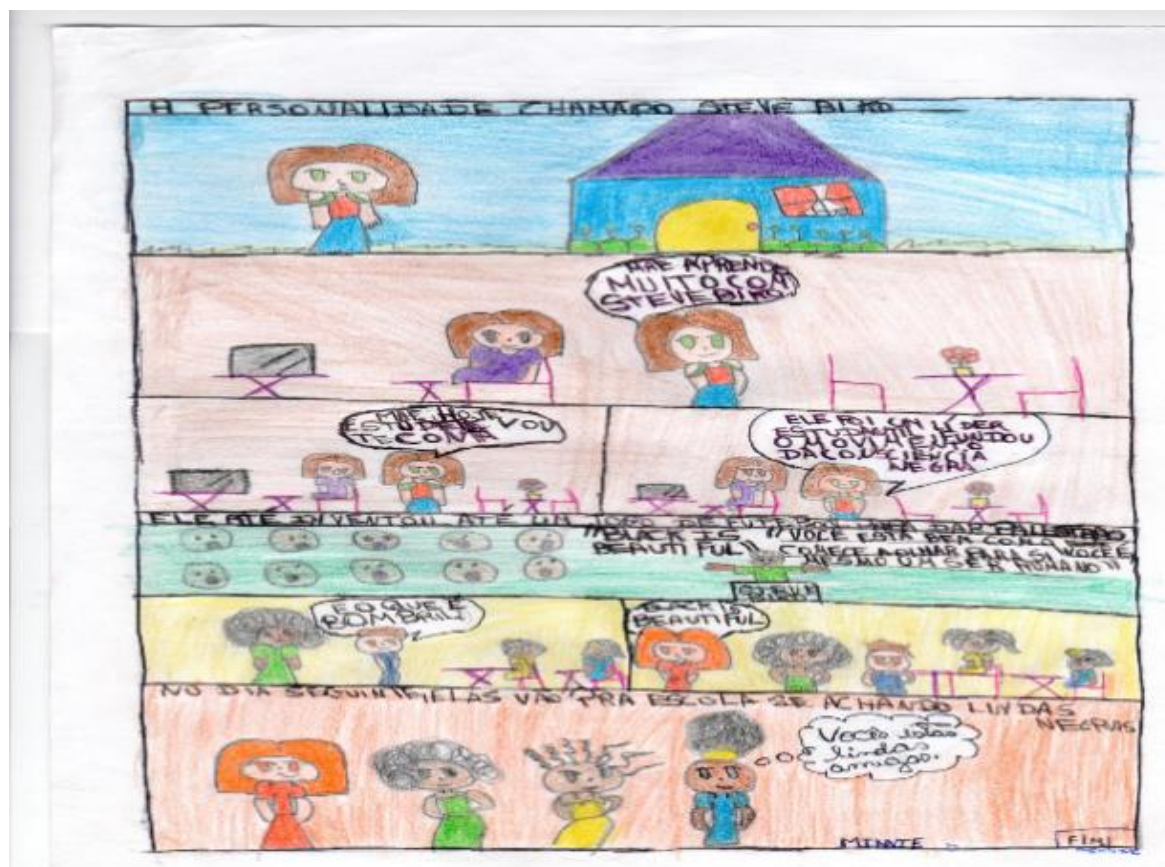


Fonte: Produção de Samoa(2018)

Para Rusen (2001:156), a narrativa histórica é decisiva, por conseguinte, que sua constituição de sentido se vincule a experiência do tempo de maneira que o passado possa torna-se presente no quadro cultural de orientação da vida prática contemporânea. Analisando a HQ (Figura 20) vimos que os alunos tiraram da experiência com as fontes sua própria interpretação, vinculando a sua vivência cotidiana, assim, dando sentido ao que aprendeu ao longo da aplicação das aulas-oficinas, gerando aprendizagem histórica. Barca (2007) ressalta que a leitura consubstanciada do passado, em forma de narrativas, expressa a consciência histórica.

Barca (2007:28-29) citando Rusen afirma que existem quatro tipos de narrativa histórica: a tradicional (afirmação de determinadas orientações temporais); a exemplar (regularidade de padrões culturais); a crítica (desses padrões); e a genética (transformações desses padrões em orientações específicas). A HQ abaixo mostra que aluno(a) demonstra o tipo de narrativa genética, pois a música traz como informação as personalidades da história negra, como Steve Biko. O aluno utilizou como centro gerador de sua pesquisa e na sua interpretação da fonte se apropriando de uma das falas de Biko sobre “*Black Beautiful*” para a personagem do HQ se defender de um ataque racista relacionado ao cabelo negro. Neste caso, vimos que ele se baseou em uma história do passado para orientar sua prática no presente, relacionando a sua experiência de vida prática, além disso, vincula ao aspecto de sua identidade negra que é a estética do uso do cabelo natural como símbolo de resistência da mulher negra, uma luta da contemporaneidade. Sobre esse aspecto, Rüsen (2010:125) afirma que um dos sentidos do ensino de História é a ‘consolidação de identidades’ mediante consciência histórica.

Figura 20- HQ sobre Steve Biko com base na música Cordão Umbilical (Ilê Aiyê)



Fonte: Produção de MINNIE(2018)

Para abordagem da Educação histórica, o melhor ponto de partida para os estudos em História seria a consciência histórica dos alunos, ou seja, fazer com que o aluno se perceba como participe da história e que ela se faz no cotidiano, atrelada a uma história mais geral de outras pessoas e lugares. Sobretudo, fez com que o ensino de História tivesse significado para a vida prática dos alunos.

Percebi que o fato desta metodologia exigir do aluno pro-atividade no processo ensino –aprendizagem em História tornou a aula mais dinâmica e motivadora, pois o aluno é o gestor do seu conhecimento. Os(As) alunos(as) foram incentivados(as) a criarem uma história em quadrinhos relacionada à pesquisa realizada durante as oficinas, contextualizando com a realidade vivenciada no seu cotidiano mostrando que eles podem utilizar diferentes linguagens para se expressarem e que também produzem interpretação histórica. Isso é importante para mostrar que a história se baseia no ponto de vista de quem escreve e não na realidade efetiva.

O uso das novas tecnologias para pesquisa em sala de aula foi muito eficiente para o andamento da aula-oficina, principalmente, o uso do celular que para muitos professores e a escola, locus da pesquisa, sua presença tem se tornado uma problemática, a ponto de ser proibido o uso em sala, mas ainda assim, os jovens estão constantemente utilizando o dispositivo, então foi uma boa maneira de mostrar como ele pode ser utilizado para fins pedagógicos, principalmente na aula de História para proporcionar uma aprendizagem significativa.

Um dos objetivos alcançados foi fazer com que os alunos percebessem que ainda persiste em nosso cotidiano uma visão estereotipada da África, mas que uma boa didática como esta pode fazer com que os alunos façam uma reflexão, e conseqüentemente uma inflexão, reajustando seu olhar na busca por uma sociedade antirracista, proporcionando uma relação etnicorracial de mais alteridade com o próximo.

5 CANTO NEGRO NA DIÁSPORA: A CONSTRUÇÃO DO PORTAL DIGITAL E SUA EFICÁCIA PEDAGÓGICA

Como resultado da pesquisa, foi criado o Portal Canto Negro na Diáspora, optou-se por construir um site de domínio gratuito como o *wix*²⁴ para que fosse exposto o conhecimento produzido nesta pesquisa, com o intuito de servir como recurso para ser usado por professores(as) e alunos(as) da educação básica na aplicação no ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira. O portal funcionará como repositório de práticas pedagógicas exitosas sobre a temática, contribuindo para fomentar a qualidade no Ensino de História e implementação da Lei 10639/03.

Este Portal propiciará acesso rápido aos professores, sobretudo os de História, a inserção desta metodologia em sua prática e/ou incorporá-la de acordo com sua realidade, haja vista que a opção foi trabalhar o tema a partir do cotidiano e da necessidade dos alunos. O professor poderá notar que através das músicas do *Ilê Aiyê* catalogadas e expostas no site há a possibilidade de falar não só da África, mas de ampliar as discussões para trabalhar assuntos relacionados à identidade e a cultura negra, tais como a religiosidade, a estética, a linguagem africana, etc. Ademais, pode-se fazer um trabalho a partir da leitura, interpretação e ampliação da história em quadrinhos produzidas pelos alunos.

O Portal pode ser acessado pela URL cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro, nele estão depositadas informações sobre o tema, as músicas catalogadas, fórum, áudio, vídeo e letra das músicas do *Ilê Aiyê* catalogas e utilizadas no trabalho e o resultado prático da aula-oficina aplicada por mim junto aos alunos da Escola Municipal Pirajá da Silva que foi a sequência didática projetada da aula-oficina: 'Que África é essa?' e a Revista de história em quadrinhos com as narrativas dos alunos, que tem o mesmo nome. Este material está exposto no espaço desenvolvido no site nas seguintes seções: O que é, Orientações pedagógicas (Plano da aula-oficina, revista HQ), Mídias (áudios, vídeos, letra das músicas), Contatos do responsável pelo portal, Comentários (local de inscrição para acesso ao portal).

Este produto foi fruto de pesquisa científica atrelada a minha prática enquanto professora da Educação básica. Penso que contribuirá para uma educação

²⁴Wix.com é uma plataforma online de criação e edição de sites, que permite aos usuários criar sites em HTML5 e sites Mobile. Wikipédia

antirracista, além da disseminação e valorização da cultura africana e das demandas atuais dos povos em territórios diaspórico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de história enquanto formadora de identidade pode contribuir para construção de um currículo antirracista quando nele estão incluídos os saberes de povos distintos, dando visibilidade e importância científica a esses conhecimentos. Neste trabalho, optei por encaminhá-lo pelas veredas da interculturalidade que nos permite valorizar gnosés outrora rejeitadas por se originarem de sujeitos subalternizados e, portanto, falas desqualificadas por uma educação colonizada.

Em rejeição a um currículo escolar colonizado, racializado e homogeneizante que invisibiliza algumas culturas e, com o intuito de contribuir para a efetivação da Lei 10.639/03, assim como para uma Educação das relações Étnico-raciais concebemos uma abordagem para o desenvolvimento de práticas pedagógicas pautadas pelo reconhecimento e valorização da diversidade etnicorracial e uma positivação da África em outros locais de saberes que não fossem o tradicional livro didático recheado de conteúdos sobre a história da Europa.

Para esse fim, o Quilombismo do *Ilê Aiyê* se mostrou uma excelente escolha enquanto movimento negro que divulga e respeita os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. Impossível trabalhar todas as abordagens do *Ilê Aiyê* em um único projeto, por isso, focalizamos nossa atenção em sua sonoplastia, mais precisamente, nas letras de suas canções que representassem a África. Na análise das letras concluímos a reafirmação da identidade negra e a reaproximação da ancestralidade africana de forma profícua, mostrando uma África com organização política, insubordinada a dominação colonial, personalidades negras importantes e apontando para diversidade cultural do continente.

Munanga (2011) nos orienta a ensinar a História da África nas escolas e a história do negro no Brasil para romper a visão depreciativa. Por isso, escolher a música negra como objeto de estudo e como fonte para o processo de ensino e aprendizagem é uma ação valorativa das heranças africanas.

Nesse sentido, este trabalho, fruto de uma pesquisa de Mestrado em Ensino de História, torna-se relevante por evidenciar a identidade e a História negra pelos seus empreendimentos, pois aborda o negro em uma posição de mais prestígio e protagonismo social. Além de dar visibilidade ao negro, este tem a intenção de auxiliar no processo de construção da identidade e do empoderamento dos estudantes da

escola básicas, e assim, possam encontrar algo ou alguém como representante positivo numa perspectiva de sensibilizar e desconstruir o olhar preconceituoso para um olhar mais altero.

Priorizamos aproximar o ensino ao cotidiano do aluno para que este sinta que a história não é alheia a sua vida e que faz parte da realidade que o circunda. Neste tipo de metodologia de aula-oficina, o aluno foi protagonista do seu próprio estudo, desenvolvendo a habilidade de pesquisador, cabendo ao professor a mediação. E como aluno-pesquisador elaborou sua interpretação da história pesquisada através de uma narrativa em história em quadrinhos. Nas histórias em quadrinhos pudemos observar que os alunos desconstruíram a visão estereotipada, pejorativa e simplificada da África, ampliando suas perspectivas de como o *Ilê Aiyê* de forma positiva representa a África. Podemos notar que nas narrativas, os alunos falaram de uma África diversa, histórica e cultural, desfazendo, por exemplo, a ideia de que na África só tem pobreza e miséria.

Entendemos que um ensino significativo acontece quando sujeito consegue aplicar o que aprende em sua vida. Sabemos que o aluno adentra a escola carregado de informações, ideias e possibilidades. Nesse sentido, não cabe mais passar o conteúdo, mas cabe ao professor fornecer o meio para que o estudante aprenda, relacionando o vivido com o estudado, trazendo discussões da vida cotidianas e não apenas mostrando os conteúdos, ou seja, fazendo aluno pensar historicamente, não apenas memorizar fatos, o que torna a aula mais participativa, motivadora e dinâmica.

A intervenção pedagógica apresentada neste trabalho foi realizada por várias ações, partindo de uma questão central que culminou na criação de um site que pode ser acessado pelo endereço cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro, onde foram depositadas todas as etapas do projeto, no sentido de que possa servir de inspiração e/ou reprodução da metodologia em outras unidades escolares da educação básica em atendimento a Lei 10.639/03.

Este trabalho nos permite desdobramentos futuros que no curto período de estudo desta pesquisa não nos concede realizá-los, dentre eles, alimentar o portal com novas sequência didáticas aplicadas sobre a temática História e Cultura Africana e Afro-brasileira e análise dos efeitos do portal na rotina dos professores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”:** uma conversa com historiadores. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

ABUD, K. **Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história.** Caderno CEDES. 25(67),2005, 309-317. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622005000300004>. Acesso em:20.01.2018.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia.3º ed, São Paulo: MMM, 2012.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

APOLINÁRIO, Maria R. **Projeto Araribá: Componente curricular de História 6º ao 9º ano.** 4ºed, São Paulo: Moderna, 2014.

ASHBY, Rosalyn. **O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos.** Tradução de Ana Catarina Simão. In: BARCA, Isabel (org.). Jornadas Internacionais de Educação Histórica, II. 2001. Portugal. Atas: Educação Histórica e Museus. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2003.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação.** In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131–144.

BARCA, Isabel. **Investigação em Educação Histórica: possibilidades e desafios para a aprendizagem histórica.** In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora & GARCIA, Tânia Maria (orgs). Perspectivas de Investigação em Educação Histórica. Atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, Vol. I. Curitiba, Editora UTFPR, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BITTENCOURT, Circe M.F. **Ensino de História: fundamentos e métodos.**2º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CADERNO DE EDUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ. **África ventre fértil do mundo.** Projeto de extensão pedagógica. Salvador,2001.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica.** In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 13-37.

_____. **Educação Cultural na América Latina: tensões atuais.** In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

(CIEHLA), 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: Acesso em: 15.02.2018

_____. **Escola, Didática e Interculturalidade: desafios atuais.**

CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática Crítica Intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012a. P. 107-138.

_____. **O Educador como Agente Sociocultural.** In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática Crítica Intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012b. P. 55-80.

CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. **Introdução: percursos das pesquisas em educação histórica: Brasil e Portugal.** In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. (Org.). Educação histórica: teoria e pesquisa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 9-17.

_____. **Ensinar História.** Editora Scipione: São Paulo, 2009.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência Histórica.** Editora FGV, Rio de Janeiro. 2011.

DAVID, Célia M. **Música e ensino de História:** uma proposta. In: SCHLÜNEM, Elisa T. M. e MALATIAN, Teresa M. (Org.). Caderno de Formação: formação de professores didática de conteúdo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v.8, p. 108-123.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados.** 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História – 2ª. Ed., 1ª. Reimpressão.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUERREIRO, Goli. **A Trama dos Tambores: a Música Afro- Pop de Salvador.** São Paulo, Editora 34, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Afro-asiáticos, 2001.

HALL S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 12a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. **Da diáspora, identidade e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2008.

_____. **Cultura e Representação.** Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

_____. **Quem precisa de identidade?** In. Tomaz Tadeu da Silva (Org.), Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* 15ª.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JENKINS, Keith. **A história repensada.** São Paulo: Contexto, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

LOPES, A. C; MACEDO, E. **Teorias de Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Tania O. **Aula expositiva e aula simulada: comparação entre estratégia de ensino na graduação de enfermagem.** 2012. (Dissertação de Mestrado). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATTOS, Airton Pozo de. **Escola e Currículo – 2ª Ed. Ver –** Curitiba: IBPEX, 2012.

MINAYO MCS. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa.** São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** In: Caderno de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, jul./set., 1993.

MORAES, Regina Helena. **“Nos meandros do processo da formação da identidade profissional de professoras e professores negros”.** 2006. (Dissertação de Mestrado) São Carlos: UFSCAR.

MUKUNA, Kazadiwa wa. **Contribuição Bantu na música popular brasileira: perspectivas etnomusicológicas.** São Paulo: Terceira Margem, 2000.

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na Escola.** 2º ed. Brasília: Secad, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música popular.** Belo Horizonte: Autentica, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** 2 ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares; O.R. Editora, 2002.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade.** Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcadia, 2002.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História. São Paulo, 1993.

PACHECO, Ana Cláudia L. "Branca para casar, Mulata para f..., Negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negra em Salvador, Bahia. 2008. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

PEREIRA, Almicar Araújo. **O mundo Negro: a constituição do movimento negro no Brasil Contemporâneo (1970-1975)**. 2010, (Tese Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, nº 10, p. 200-215, 1992.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

_____. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

_____. **Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina**. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kwanza; Imprensa Oficial, 2006.

RÜSEN, J. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento**. Brasília: UnB, 2010.

_____. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

SCHLESENER, Anita Helena. **Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. 2ª.ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA, Jonatas Conceição. **Vozes Quilombolas: uma poética brasileira**. EDUFBA, 2004.

SILVA, M.; FONSECA, S. G. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas: Papirus, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª. Ed; 7. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SMED. **Diretrizes Curriculares para a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador**. Salvador, 2005.

SOUZA, Claudete A S. **A solidão da mulher negra- sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. (Dissertação de Mestrado em ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual**. In. Tomaz Tadeu Silva(Org.), Stuart Hall. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15ª.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WEBGRAFIA

BIKO, Steve. **Definição de Consciência Negra Bantu**.1971. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/definicao-da-consciencia-negra/>>. Acesso em: 20.05.2018.

BLOCO racista, nota destoante. Jornal A Tarde, 12 de fevereiro de 1975.

BRASIL. Ministério da Educação/SECADI/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-SEPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira Africana**. <[Http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf)>Brasília, DF, 2004. Acesso em: 20.12.2016.

_____. LEI Nº 10.639 DE 9 DE JANEIRO DE 2003. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Obrigatoriedade, Inclusão, Currículo, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Matéria, Cultura Afro-Brasileira, Negro**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 20.12.2016

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais de História – PCN**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: 07.12.2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf>. Acesso em: 07.12.2017

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20.01.2018

CARDOSO, Lourenço. **Retrato do branco racista e anti-racista**. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1279/1055>>, 2010. Acesso em: 27.10.2017.

DAVIS, Ângela. Ângela Davis: o racismo de hoje é mais perigoso. Depoimento [05/Aug/2014]. Site Pragmatismo Político. Disponível em <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/angela-davis-racismo-de-hoje-e-mais-perigoso.html>>. Acesso em: 07.06.2018

DUARTE, Milton J.F. **Representação, memória e consciência histórica através da música**. Temporalidades: Revista Discente do Programa de pós- Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte, 2012, v.4, nº01, Jan./-Jul. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/3200/2381>>. Acesso em: 20.06.2018

HEINE, Evelyn. **“Como fazer uma história em quadrinhos”**. Disponível em: <<http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>>. Acesso em: 25.05.2018

MARISTA, Colégio. **Como fazer quadrinhos**. 2014. Colégio Marista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SNCENmUccsc>>. Acesso em: 25.05.2017

MATTOS, Ivanilde, Guedes. **É pra descer quebrando: o pagode e suas performances para a educação das relações étnicorraciais no currículo escolar**. UNEB, 2013. Disponível em <<http://www.cdi.uneb.br/pdfs/teses/2013/2508141339.pdf>>. Acesso em: 25.08.2017.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e Música: a canção popular e o conhecimento histórico**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n.39, p. 203-221, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882000000100009>. Acesso em: 15.05.2018.

MUNANGA, K. (2015). **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (62), 20-31. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p20-31>>. Acesso em: 20.01.2018.

PAGANI, Clarissa Ribeiro. **Autoconceito, identidade e consumo cultural: análise qualitativa do grupo social dos cosplayers**. Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/IY5Qgk>> Acesso em: 24.07. 2018

PETROBRAS. **Ilê Aiyê: Que bloco é esse?** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w6yayr0WHA4&t=62s>> Acesso em: 25.05.2017.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial**. In: Memórias del Seminario Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad", Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional. Disponível em: <http://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural_110597_0_2405.pdf>. Acesso em: 07.05.2018

WALSH, Catherine. **La educación Intercultural en la Educación. Peru: Ministerio de Educación**. (Documento de trabalho), 2001. Disponível em: <https://www.unicef.org/peru/_files/Publicaciones/Educacionbasica/peru_educacion_interculturalidad.pdf>. Acesso em: 08.05.2018

SITES

DIVERTUDO. Disponível em: <www.divertudo.com.br>. Acesso em: 25.05.2018

ILÊ Aiyê. Disponível em: www.ileaiyeoficial.com.br. Acesso em: 28.10.2016

LETRAS de músicas. Disponível em: <www.letras.mus.br>. Acesso em: 15.05.2017

UEL. Disponível em: www.uel.br . Acessado em 21.10.2017

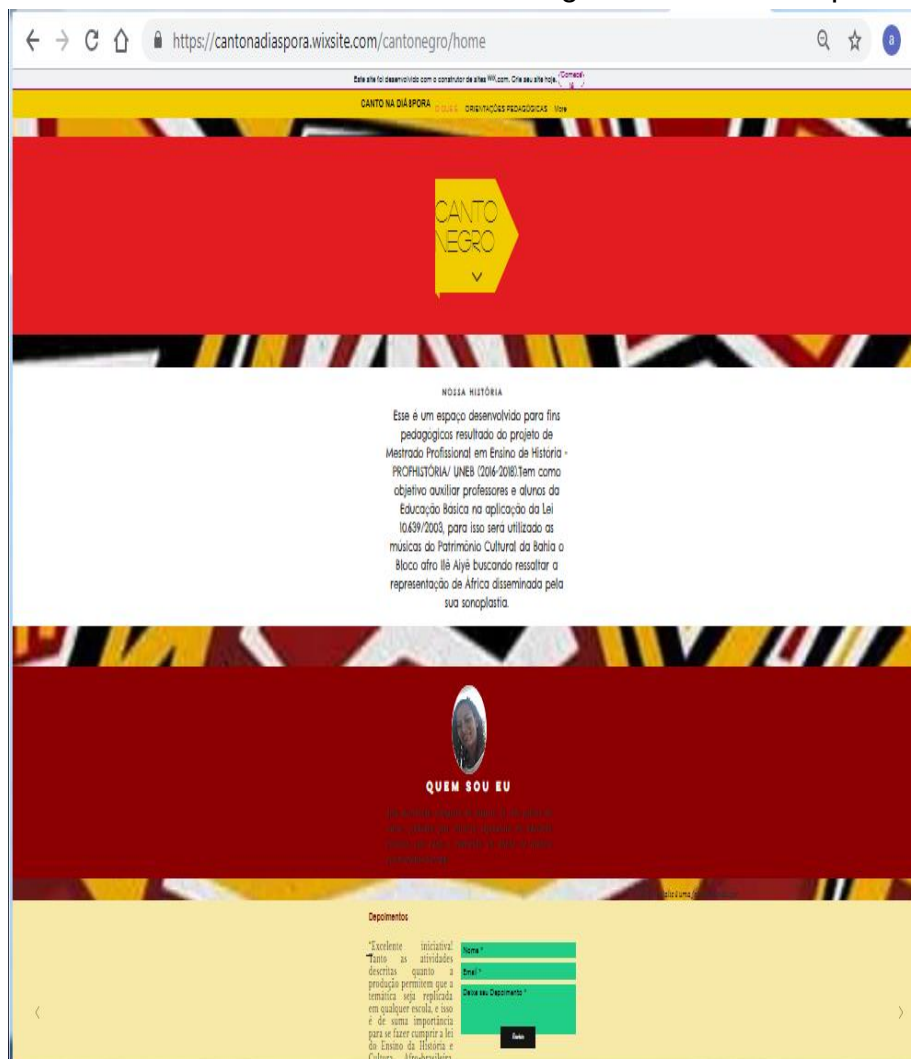
VAGALUME. Disponível em: <www.vvagalume.com.br> Acesso em: 12.05.2017

APÊNDICE

APÊNDICES A - APRESENTAÇÃO DP PORTAL DIGITAL CANTO NA DIÁSPORA

O Portal Digital Canto na Diáspora é acessado pelo endereço virtual www.cantonadiaspora.wixsite.com/cantonegro. A tela inicial apresenta campos de encaminhamentos informativos para uso e objetivo do site.

Tela 1: Tela inicial do Portal Digital Canto na Diáspora



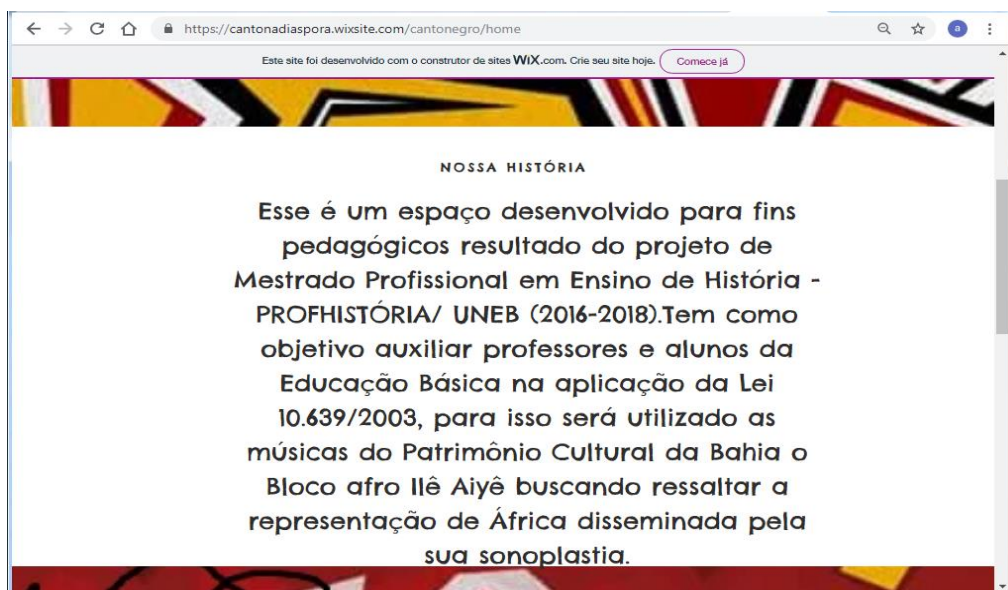
A tela 1, é a de apresentação do portal digital Canto na Diáspora, podendo ser acessada diretamente pela barra de rolagem do próprio site ou pelo Menu de navegação na seção chamada de: O QUE É. Essa parte é composta de quatro (4) campos. O primeiro campo (1) está o Menu de navegação composto de botões de navegação (O que são: Orientações Pedagógicas, Mídias Contato e apoio) onde o

usuário terá acesso as informações do site. O campo 2 apresenta o objetivo para que o site foi construído. O Campo 3 apresenta o Currículo da autora do Portal Digital Canto na Diáspora. O campo 4 contém um espaço para os usuários deixarem seus depoimentos em relação ao Portal Digital.

Campo 1: Menu de Navegação



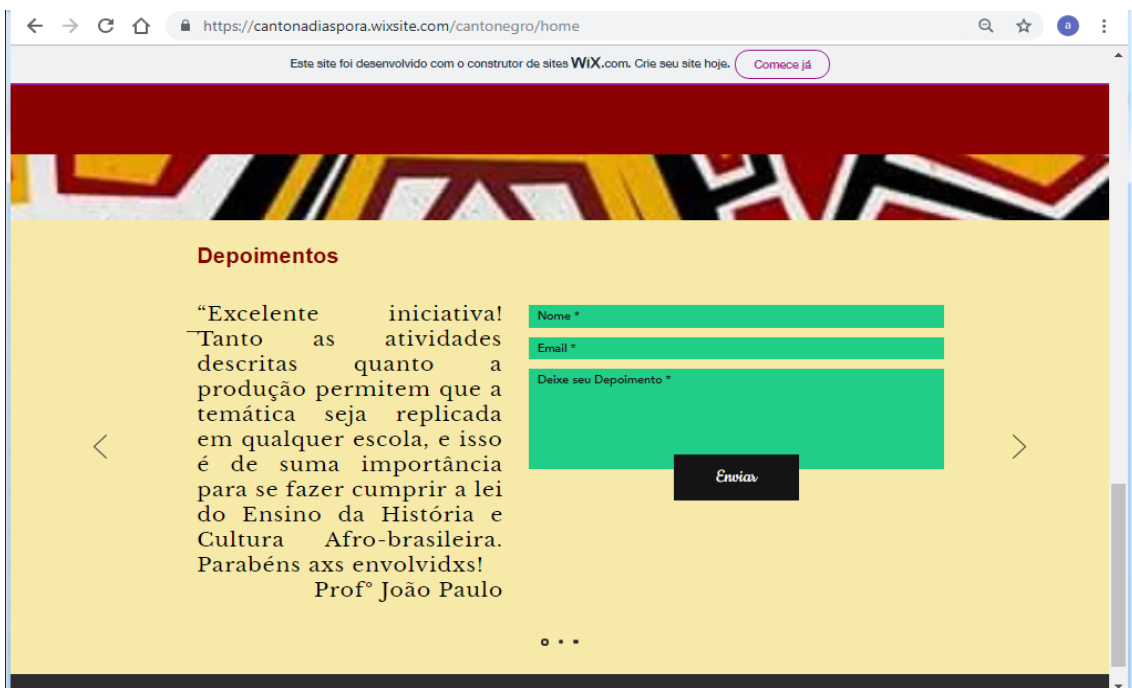
Campo 2: História do Portal Digital Canto na Diáspora



Campo 3: Sobre a Autora



Campo 4: Espaço para usuário



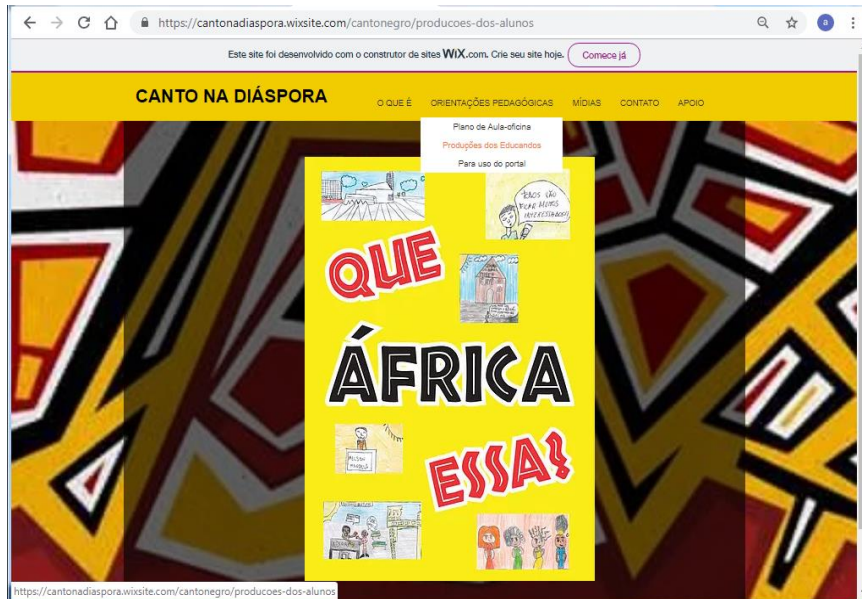
No campo 1, Menu de navegação está a segunda seção com a nomenclatura ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS, nela o usuário encontrar três subpastas. Subpasta, denominada de PLANO DE AULA-OFICINA, ao clicar a subpasta se abrirá e o usuário encontrará um ícone que o direcionará para a descrição do plano de aula- oficina: Que

África é essa? Já na subpasta 2, PRODUÇÃO DO EDUCANDO, situa-se a História em Quadrinhos – Que África é essa? – produzida pelos alunos da Escola Municipal Pirajá da Silva, resultado da aplicação da referida intervenção pedagógica. E a subpasta 3, PARA USO DO PORTAL, contendo sugestões para que professores possam utilizar o portal em suas aulas ou replicarem a aula-oficina elaborada, podendo ser adaptada ou não a realidade de cada unidade escolar. Também, encontrará um ícone que ao clicá-lo terá acesso a todo o processo que resultou na construção do portal digital Canto na Diáspora: a pesquisa concebida, os coparticipantes envolvidos e as conclusões obtidas a partir da análise dos dados.

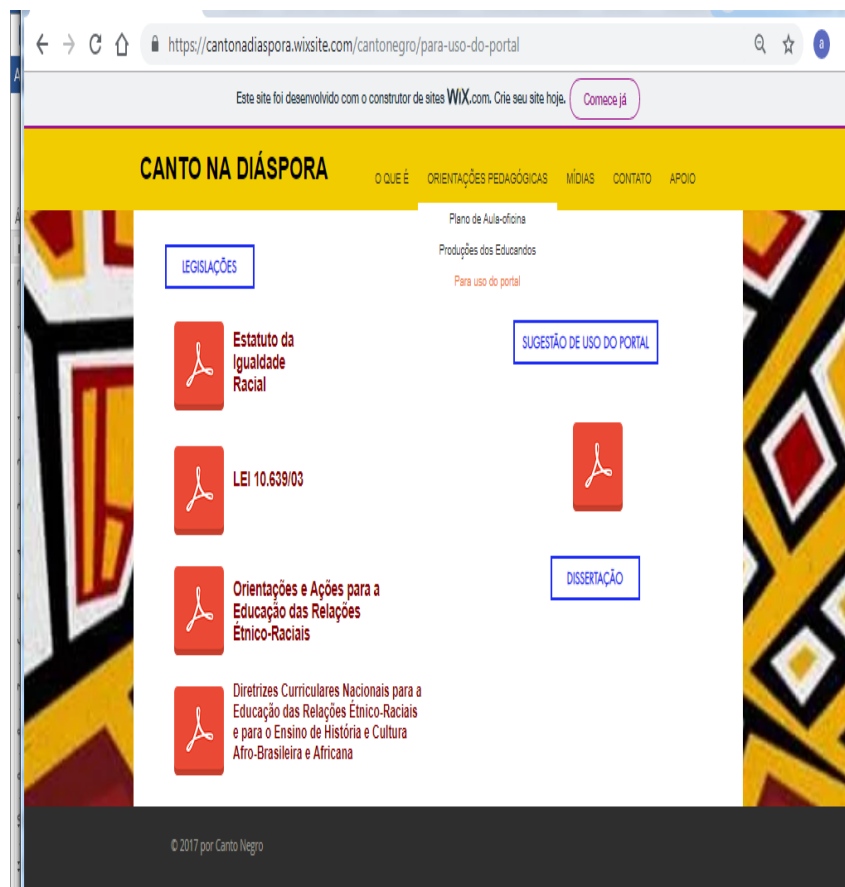
Subpasta 1: Plano de Aula-Oficina



Subpasta 2: Produção do Educando



Subpasta 3: Para uso do Portal



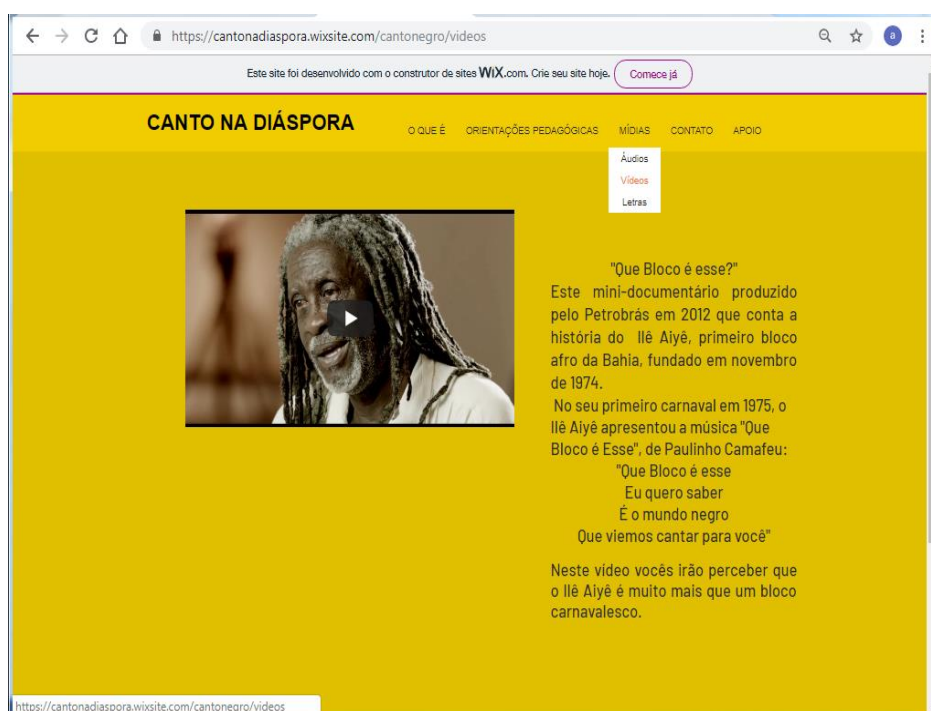
Pensando em acessibilidade, inclusão e fornecimento de matérias para uso pedagógico, foi selecionada e disponibilizada na seção MÍDIAS, da barra de Menu de navegação, três subpastas contendo ÁUDIOS de algumas músicas do Ilê Aiyê, e as LETRAS das músicas catalogadas e o VÍDEO: Ilê Aiyê, que bloco é esse? ²⁵

Subpasta 1: Áudios com músicas do Ilê Aiyê

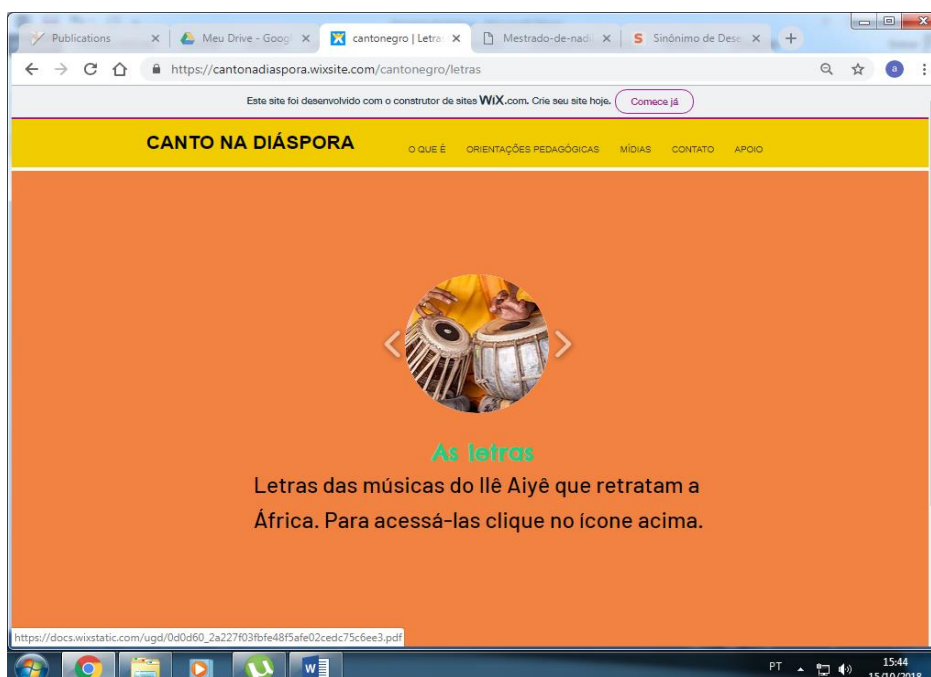


²⁵Esse vídeo foi produzido pela Petrobras em 2012. Todo esse material catalogado foi utilizado na aplicação da Aula-Oficina: Que África é essa? .

Subpasta 2: Vídeo com depoimento do Vovô do Ilê Aiyê



Subpasta 3: Letras das músicas do Ilê Aiyê



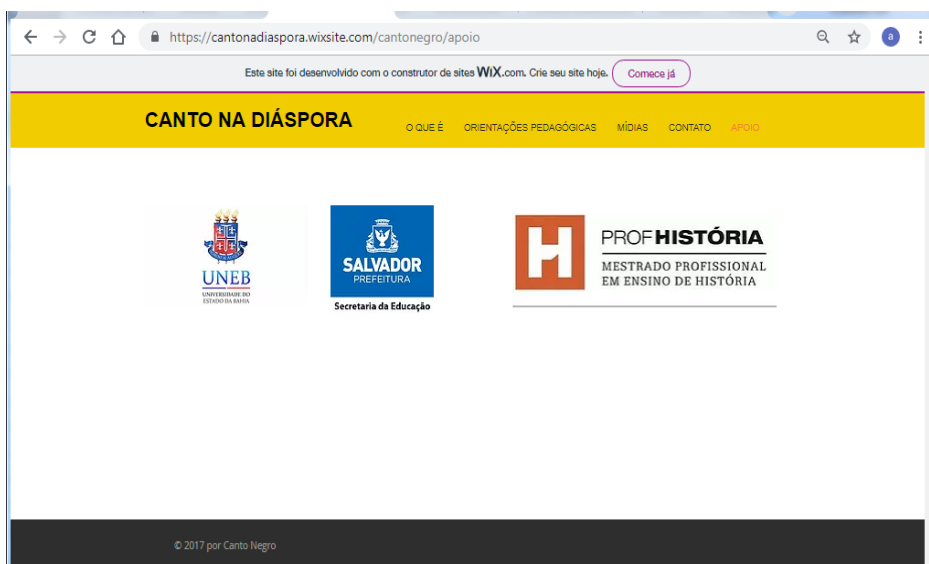
Nas duas últimas seções do Menu de navegação encontra-se a opção de CONTATO, ao clicar o usuário entrará em contato direto com o responsável pelo site através do formulário, podendo solicitar mais informações, fazer críticas ou deixar

depoimentos. E por último, temos a opção APOIO onde estão apresentados os colaboradores deste trabalho.

Seção: Contato

The screenshot shows the 'Contato' page of the website 'CANTO NA DIÁSPORA'. The page has a yellow header with the site name and navigation links: 'O QUE É', 'ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS', 'MÍDIAS', 'CONTATO' (highlighted), and 'APOIO'. Below the header, contact information is listed: 'Email: cantonadiaspora@gmail.com' and 'Telefone: (71) 9 85334839'. There are also social media icons for Facebook and Instagram. A contact form with four fields is present: 'Nome *', 'Email *', 'Assunto', and 'Mensagem'. An 'Enviar >>' button is at the bottom right of the form. The footer contains the copyright notice '© 2017 por Canto Negro'.

Seção: Apoio



Este site funcionará como repositório de materiais didático pedagógico específico para Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana priorizando a História local a fim de os alunos e professores sintam-se participes da História e que haja uma valorização das práticas, saberes e valores dos povos diáspora africana.

Assim, convidamos a todos os interessados em uma educação antirracista a incluir em seus currículos esta temática.

APÊNDICE B-QUESTIONÁRIO SOBRE IDENTIDADE ÉTNICA

Pesquisa para Mestrado: **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR-2018.1**

Para alunos da Escola Pirajá da Silva

Serão feitas algumas perguntas sobre a sua identidade e características pessoais, não precisa se identificar. (Marque um X na opção desejada)

1. Você é brasileiro(a)? ☐ sim ☐ não
2. Você é baiano(a)? ☐ sim ☐ não

3. Dentre as seguintes alternativas, você se reconhece ou se identifica como de cor ou raça:

1. Afro-brasileiro: ()	5. Preto: ()
2. Indígena: ()	6. Branco: ()
3. Amarelo: ()	7. Pardo: ()
4. Negro: ()	8. Outro: ()

**APÊNDICE C- QUESTIONARIO APLICADO AOS ALUNOS DA ESCOLA
MUNICIPAL PIRAJÁ DA SILVA**

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

MESTRANDA: ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

ORIENTADOR: Drº WILSON R. MATTOS

OBJETIVO: Compreender o que os alunos da escola Municipal Pirajá da Silva conhecem sobre a África.

Identificação do sujeito:

Nome: _____

(Não é obrigatório colocar o nome)

Série: _____

Pergunta 1: O que vocês conhecem sobre a África?

Pergunta 2: Onde vocês conseguiram informações sobre a África?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL PIRAJÁ DA SILVA

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA/UNEB

O Objetivo desta entrevista é buscar identificar como as/os professoras/es da Escola Municipal Pirajá da Silva abordam a Educação das Relações Raciais a partir da implementação da Lei 10639- 03. Sua participação é muito importante, as suas respostas poderão ser usadas no trabalho final. Tomaremos os devidos cuidados para preservar sua identidade.

- 1.A quanto tempo você leciona nesta unidade escolar?
2. Qual disciplina você leciona?
- 3.De que forma vem abordando os conteúdos relacionados a lei 10.639/03 dentro de sua disciplina?
- 4.Caso sua resposta à pergunta anterior tenha sido NÃO TENHO ABORDADO justifique-a:
5. O que você acha sobre as discussões em torno da diversidade e inclusão da cultura afro-brasileira e africana nas escolas?
6. De que forma a escola tem-se dedicado a implementação da Lei 10639-03?
7. A qual etnia que constitui o Brasil você se identifica?

**APÊNDICE E- FICHA DE ACOMPANHAMENTO DA AULA –OFICINA QUE
ÁFRICA É ESSA?**

REGISTRO DA AULA OFICINA Nº01

Que África é essa representada pela música do Bloco Ilê Aiyê

ALUNO(A): _____

MOMENTO 1 - sondagem do conhecimento prévio do aluno sobre o tema

01) O que vocês conhecem da história do Ilê Aiyê?

02) Você frequenta a instituição?

() sim

() não

Justifique: _____

03) Que importância tem para comunidade do bairro da Liberdade e para o mundo?

MOMENTO 2 - Apontamento para pesquisa:

MOMENTO 3- Avaliação da aula-oficina

Que conhecimento você conseguia adquirir ao participar desta oficina?

APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()
Data de Nascimento: ____/____/____
Endereço: _____ Complemento: _____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: ____
Telefone: () ____/____/____

II -DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Canto Negro :As Músicas Do Bloco Afro Ilê Aiyê Para Inclusão Da História E Cultura Africana No Currículo Escolar

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

Cargo/Função: Discente/Mestranda do Profhistoria-UNEB

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: CANTO NEGRO:AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR de responsabilidade da pesquisadora ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES, discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo analisar as músicas do Ilê Aiyê (1975-2014), buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras, visando a possibilidade de inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, tais como colaborar para implementação da lei 10.639/03, o combate ao racismo, um estudo voltado para realidade do educando, utilizando como recurso a música. Caso aceite será realizado como método de pesquisa uma entrevista com perguntas semiestruturadas. Sua participação é voluntário e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela.

É possível que o depoente venha a sentir algum desconforto ao responder a entrevista tais como rememorar experiências traumáticas, inibição ou violação da intimidade. O depoente que não se sentir confortável com aplicação do método poderá solicitar outro procedimento ou mesmo não realizar a entrevista. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Informo ainda, que os dados coletados terão como finalidade a divulgação em relatório ou publicação científica como parte da pesquisa de mestrado. Fica aqui estabelecido que a pesquisadora tem o direito as informações sobre o tema da entrevista para uso apenas da sua pesquisa de mestrado e desdobramentos da mesma. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

Pesquisador(A) Responsável/ executante

Atila Silva Sena Guimarães

End: Jussara,28, Ribeira. Salvador, Ba, 40420-020 Telefone: (71) 985334839, E-mail: atyxeu2000@yahoo.com.br

Orientador: Drº Wilson Roberto Mattos, (71) 99261-1556, e-mail: wmattos@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF.

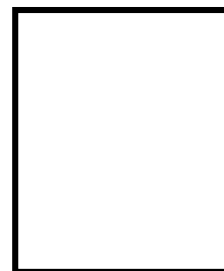
Responsável Acadêmico e Institucional: Drº Wilson Roberto Mattos, (71) 99261-1556,
e-mail: wmattos@uneb.br

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente
(Orientando)

Assinatura do professor responsável
(Orientador)

APÊNDICE G- TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

ESTAPESQUISASEGUIRÁOSCITÉRIOSDAÉTICAEMPESQUISACOMSERESHUMANOS
CONFORME RESOLUÇÃO Nº466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **CANTO NEGRO:AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber o que conhece sobre a África. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será entrevistado, é possível que se sinta desconfortável ao responder, caso você queira poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir contribuir pra aplicação da Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade da inclusão de conteúdos da História e Cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e em um site que será o produto deste projeto e você também terão acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Átila Silva Sena Guimarães

Telefone: (71) 985334839, E-mail: atyxeu2000@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB - Pavilhão Administrativo – Térreo - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. CEP: 41.150-000 Tel: (71) 3117-2399 e-mail: cepuenb@uneb.br

Eu _____ aceito participar da pesquisa **CANTO NEGRO:AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. A

pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

APÊNDICE H- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/12 ou 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Sexo: F () M () Data de Nascimento: ____/____/____

Nome do responsável legal: _____

Documento de identidade nº: _____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: ____

Telefone: () ____/____/____

II -DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Canto Negro: As Músicas Do Bloco Afro Ilê Aiyê Para Inclusão Da História E Cultura Africana No Currículo Escolar

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

Cargo/Função: Discente/mestranda do Pro História - UNEB

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**, de responsabilidade da pesquisadora. ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar as músicas do Ilê Aiyê (1975-2014) buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras visando a possibilidade de inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios tais como o combate ao racismo, um estudo voltado para realidade do educando utilizando como recurso a música. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) será feita uma entrevista oral e questionário onde ele(a) responderá perguntas sobre o tema estudado, ele(a) participará das aulas-oficinas e produção de história em quadrinhos.

O depoente que não se sentir confortável com aplicação do método poderá solicitar outro procedimento ou mesmo não realizar a entrevista. Será garantido o sigilo em relação à identidade do entrevistado caso seja sua opção. Informo ainda que os dados coletados em cada procedimento da pesquisa terão como finalidade a divulgação em relatório, site ou publicação científica como parte da pesquisa de mestrado. Fica aqui estabelecido que a pesquisadora tem o direito as informações sobre o tema da entrevista, as histórias em quadrinhos produzidas pelos participantes durante a aula-oficina para uso apenas da sua pesquisa de mestrado e desdobramentos da mesma. A história em quadrinho produzida durante as aula-oficinas pelo participante será publicada em um site, por conta disso é possível que possa vir a ocorrer constrangimentos com comentários maliciosos, estigmas ou bullying, por isso, para garantirmos a integridade psicológica, moral e social do seu filho (a) não será permitido que coloque o nome do autor(a), será tratada com sigilo e, não será identificado. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto, seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem de seu filho será preservado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr/Sr^a caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Atila Silva Sena Guimarães Endereço: rua Jussara,28, Ribeira, SSa-Ba 40420-020 Telefone: (71) 985334839, E-mail: atyxeu2000@yahoo.com.br

Orientador: Drº Wilson Roberto Mattos, (71) 99261-1556, e-mail: wmattos@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTES, BLOCO A 1º

SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

Responsável Acadêmico e Institucional: Drº Wilson Roberto Mattos, (71) 99261-1556,
e-mail: wmattos@uneb.br

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

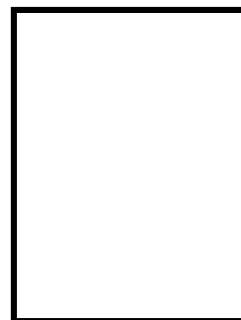
Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante da pesquisa

(Responsável)



APÊNDICE H- TCLE DO RESPONSÁVEL PELO MENOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante _____

Sexo: F () M () Data de Nascimento: / /

Nome do responsável legal: _____

Documento de Identidade no: _____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____ / () _____ /

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Canto Negro :As Músicas Do Bloco Afro *Ilê Aiyê* Para Inclusão Da História E Cultura Africana No Currículo Escolar

2.PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES

Cargo/Função: Discente/mestranda do Profhistória-UNEB

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa CANTO NEGRO:AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO *ILÊ AIYÊ* PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR, de responsabilidade da pesquisadora. ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar as músicas do *Ilê Aiyê* (1975-2014) buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras visando a possibilidade de inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios tais como o combate ao racismo, um estudo voltado para realidade do educando utilizando como recurso a música. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) será feito uma entrevista oral e questionário onde ele(a) responderá perguntas sobre o tema

estudado, ele(a) participará das aulas-oficinas e produção de história em quadrinhos. O depoente que não se sentir confortável com aplicação do método poderá solicitar outro procedimento ou mesmo não realizar a entrevista. Será garantido o sigilo em relação à identidade do entrevistado caso seja sua opção. Informo ainda que os dados coletados em cada procedimento da pesquisa terão como finalidade a divulgação em relatório, site ou publicação científica como parte da pesquisa de mestrado. Fica aqui estabelecido que a pesquisadora tem o direito as informações sobre o tema da entrevista, as histórias em quadrinhos produzidas pelos participantes durante a aula-oficina para uso apenas da sua pesquisa de mestrado e desdobramentos da mesma. A história em quadrinho produzida durante as aulas-oficinas pelo participante será publicada em um site, por conta disso é possível que possa vir a ocorrer constrangimentos com comentários maliciosos, estigmas ou bullying, por isso, para garantirmos a integridade psicológica, moral e social do seu filho (a) não será permitido que coloque o nome do autor(a), será tratada com sigilo e, não será identificado. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto, seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem de seu filho será preservado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr/Sr^a caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Atila Silva Sena Guimarães Endereço: rua Jussara,28, Ribeira, SSa-Ba 40420-020 Telefone: (71) 985334839, E-mail: atyxeu2000@yahoo.com.br

Orientador: Drº Wilson Roberto Mattos, (71) 99261-1556, e-mail: wmattos@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTES, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante da pesquisa

(Responsável)

APÊNDICE I- TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR



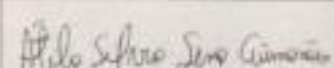
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
COLEGIADO DO PROFHISTÓRIA

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR** sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa pública independentemente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Salvador, 05 de Junho de 2018

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Orientador Drº Wilson Roberto Maltos	
Atila S.S. Guimarães(orientanda)	

APÊNDICE J- TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



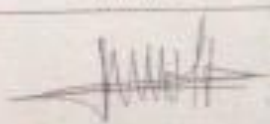
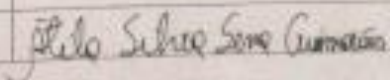
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
COLEGIADO DO PROFHISTÓRIA

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada **CANTO NEGRO-AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**, cujos dados serão coletados através de **ENTREVISTAS, AULA-OFICINA e PRODUÇÃO DE QUADRINHOS COMO SISTEMATIZAÇÃO DE NARRATIVAS** com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados na dissertação e no produto final (site) sendo ocultada o nome do autor(a) das histórias em quadrinhos produzidas durante aula-oficina, ou seja, a exposição das histórias em quadrinhos será de forma anônima a fim de preservar a privacidade dos participantes, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados nos arquivos da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do departamento do Mestrado Profissional em Ensino de História/Profhístória - Uneb Campus I. Após este período, os dados serão destruídos.

Salvador, 05 de junho de 2018

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Orientador Dr ^a Wilson Roberto Mattos	
Atila S.S. Guimarães(orientanda)	

ANEXOS

Anexo A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE



Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo o (a) pesquisador (a) Átila Silva Sena Guimarães a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÉ AIYÉ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR**, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 10 de junho de 2018


Assinatura e carimbo do responsável institucional

PROF. DR. JOÃO DA SILVA
M. 123456789

Anexo B- COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO COMITE DE ÉTICA

Público

Pesquisador

Alterar Meus Dados

ATILA SILVA SENA GUIMARAES - Pesquisador | V3.2

Cadastros

Sua sessão expira em: 39min 01

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

-

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Pesquisador Responsável: ATILA SILVA SENA GUIMARAES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 82675318.6.0000.0057

Submetido em: 05/06/2018

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1061515

+

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

-

LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação ↕	Pesquisador Responsável ↕	Versão ↕	Submissão ↕	Modificação ↕	Situação ↕	Exclusiva do Centro Coord. ↕	Ações
PO	ATILA SILVA SENA GUIMARAES	2	05/06/2018	20/06/2018	Aprovado	Não	   

+

HISTÓRICO DE TRÂMITES

LEGENDA:

(*) Apreciação

ANEXO C- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

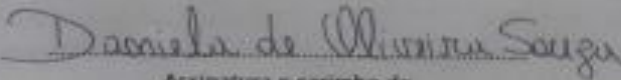
ESCOLA MUNICIPAL PIRAJÁ DA SILVA

 **Universidade do Estado da Bahia**
Comitê de ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/ Átila Silva Sena Guimarães a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado a **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÉ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR** o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 26 de Janeiro de 2018


Assinatura e carimbo do
Responsável institucional

Daniela de Oliveira Souza
Diretora
Aut. 0415/01/2018

ANEXO D- AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA- ESCOLA MUNICIPAL PIRAJÁ DA SILVA- GRE LIBERDADE

Prezado(a) Diretor(a),

De Ordem da Gerência de Currículo/Diretoria Pedagógica/SMED, fica autorizado pesquisa de campo intitulada "*CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR*", que tem como objetivo geral analisar as músicas do Ilê Aiyê, buscando ressaltar a representação de África disseminada pelas letras, vislumbrando a possibilidade de inseri-la como centro gerador dos conteúdos sobre a História e Cultura afro-brasileiras em colaboração a aplicabilidade da lei 10.639/03.

A pesquisa em questão será desenvolvida pela mestranda **Atila Silva Sena Guimarães**, aluna regular do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB sob orientação do Professor Dr. Wilson Roberto Matos.

A assinatura do **Termo de Compromisso** (apenas para Estágio Curricular Obrigatório) é de responsabilidade do(a) diretor(a) da escola. Os documentos PPP, REGIMENTO ESCOLAR, PLANO GESTOR, entre outros específicos da escola, só poderão ser analisados, se necessário, na própria Unidade Escolar. Para realização de pesquisa Lato Sensu e Stricto Sensu, o pesquisador deverá apresentar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada.

Atenciosamente,

Cristiane Rabello

Gerência de Currículo/Diretoria Pedagógica
Secretaria Municipal de Educação - SMED
[Av. Anita Garibaldi, nº 2981 - Rio Vermelho](#)
CEP: 41.940-450
(71) 3202.3065 / 3066
www.educacao.salvador.ba.gov.br

--

Equipe Gestora

ESCOLA MUNICIPAL PIRAJÁ DA SILVA - GR LIBERDADE/CIDADE BAIXA
ESTRADA DA LIBERDADE, 357 - LIBERDADE - 71 - 3611-4101

ANEXO E- DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

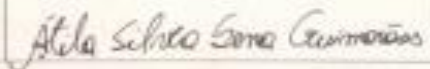


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
COLEGIADO DO PROFHISTÓRIA

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÉ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR** vinculado à instituição a Universidade Estadual da Bahia-UNEB que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Salvador, 06 de junho de 2018

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Wilson Roberto de Matos(Orientador)	
ÁTILA SILVA SENA GUIMARÃES(ORIENTANDA)	

ANEXO F- MÚSICAS CATALOGADAS DO *ILÊ AIYÊ* COM TEMÁTICA AFRICANA

1. VOZES DA FLORESTA MACUA

Vou de Ilê pra falar de Moçambique
Pode até dobrar o repique
Samora, guerreiro, Mashell
Negra estrela a brilhar no céu
Filha de África, maravilha de África
Macondes ... resistência feminina
Onde Negras mulheres não se curvam ao
machismo universal
E contra mão colonial
Viva Samora Mashell
Que em nome da Independência
Botou Portugal no banco dos réus
Gungunhana Vutlari
Samora Mashell - Moçambique
Vou de Ilê, pra falar de Moçambique
Pode dobrar o repique Banda Aiyê ...
Maputo, Zambézia, Sofala
Filha de África, maravilha de África
Um Shangana me ensinou a ter orgulho dos
meus ancestrais.
Quando a mão bela jogar o Tinholo
Shykuembu vai responder e o *Ilê Aiyê* todo
vai cantar.:
Nyereré, Nyereré ... a luz do Pantera Negra
Nyereré, Nyereré ... Josina Muthemba
Mashell
Nyereré, Nyereré ... Deusa do Ébano de
Moçambique
Nyereré, Nyereré ... Negra, guerreira e
feminista!
Composição: Guellwar

2.O Movimento

O *Ilê Aiyê* traz no seu tema o negro e o poder
Para nos conscientizar que podemos vencer
A luta contra essa discriminação
Vem destacando personalidades
De uma sociedade tradicional
Que conquistou sua dignidade
Apesar do preconceito racial
Vovô nos conta que Zumbi e Ganga Zumba
é a inspiração
Pra liderar com determinação
Mãe Hilda Jitolú vem nos abençoar
Seguindo a tradição
Edvaldo Brito, Luiz Alberto, Ivete Sacramento
Estamos juntos nesse movimento
Para o povo negro então viver melhor
Thabo Mbeki recorda
Que Steve Biko ficou na história
Nelson Mandela está na memória
A África do Sul jamais se esquecerá
Kofi Annan sabedoria e ancestralidade

Mãe Stela orienta a comunidade
Para ir em busca da felicidade
É preciso ter coragem no seu caminhar
Gilberto Gil cantou o negro em versos e poesias
Com muito orgulho nasceu na Bahia
E hoje é ministro da nossa nação
Luiz Inácio, um sindicalista chega a presidente
Renova a esperança de toda essa gente
Que só quer liberdade de opinião
Nosso Pelé deu muita alegria ao povo Brasileiro
Fazendo gol por esse mundo inteiro
E é considerado o rei do futebol

Levando a paz para a humanidade
O *Ilê Aiyê* vem homenagear
O negro canta, o negro dança, o negro ginga
Tambores soam é bonito de se ver
Toda essa graça que engrandece raça
Está na simpatia do *Ilê Aiyê*
Composição: Dico / Jajai

3.NEGRICE CRISTAL

Viva o rei Osei Tutu
Ashanti a cantar
Salve o nosso rei Obá
Viva o rei Osei Tutu
Negrice cristal
Liberdade, curuzu
Tema Gana Ashanti
Ilê vem apresentar
Ashanti, povo negro
Dessa rica região
Gana império Gana
Do ouro e do cacau
Sudaneza, Alto Volta
e África ocidental
A influência Ashanti
Se fazia sentir
O Togo Daomé
E a Costa do Marfim
Viva o rei.

4.HERANÇAS BANTOS

Eu vim de lá
Aqui cheguei
Trabalho forçado
todo tempo acuado
sem ter a minha vez (Bis)
Dos grandes lagos
Região em que surgiu
Os Bancongos, os Bundos,
Balubas, Tongas, Xonas, Jagas Zulus
Civilização Bantu, que no Brasil
concentrou

Irmandade Boa Morte
Rosário dos Pretos, Zumbi lutador
Liderança firmada,
que apesar do tempo, o vento não levou
um legado na dança
influência no linguajar,

Vila São Vicente, canavial de presente,
Pau brasil, Salvador
Cada pedaço de chão,
cada pedra fincada,
um pedaço de mim
Ilê Aiyê
O povo Bantu ajudou
a construir o Brasil
Pedra sobre pedra
Sangue e suor no chão
agricultura floresce,
metalurgia aparece,
Candomblé, religião
sincretismo na crença,
na culinária o bom paladar
Tristeza Palmares, Curuzu alegria,
Ilê Aiyê Liberdade Expressão Bantu
viva da nossa Bahia

5.CORDÃO UMBILICAL

Da escuridão surge a Luz
Útero negro, prosperidade
Do negrume africano a humanidade
Senhora Ébano, DNA do mundo , célula
materna
Primeira maternidade na terra
Foi lá onde o homem começou na África
Ilê Aiyê, África Fértil Salvador
Ventreil fértil, sentimento profundo
Mãe natural, fio inicial

Africa do mundo eterno cordão umbilical
Rebentos da mãe preta
Europa, Oceania, Ásia, América
Zumbi, Mandela, Egito
Tecnologia de ferro, ilê aiyê, Steve Biko
Foi lá onde o homem começou na África
Ilê Aiyê, África Fértil Salvador
Colo de Ouro, Diamante, Marfim,
Berço Gigante ... oralidade - veia
essencial.
África ilê, cantando o novo no ancestral
Filho baiano, Ilê Aiyê africano
Nobre consciente
carrega a cor da mãe e dos demais
consciente.
Foi lá onde o homem começou na África
Ilê Aiyê, África Fértil Salvador
Composição: Juraci Tavares / Luís
Bacalhaus

6.CIVILIZAÇÃO DO CONGO

O Ilê Aiyê
Traz como tema este ano
Congo Brazzawile e mais um país africano
No século quinze
As potências do velho mundo
Voltaram seus olhos para o continente
Buscou conhecimentos mais profundos
Surgindo nas margens do Rio Congo
A republica popular
Civilização da África negra
O *Ilê Aiyê* vem apresentar
É África
África negra Ilê Aiyê...É África negra

Congo Brazza
Congo Brazzawile e Ilê
Como região
Têm muitos pântanos e rios
Nos quais se destacam o rio congo
O motaba e o ubamgui
Tendo os montos leketi
Como ponto culminante
Essencialmente da agricultura
Vivem seus habitantes
Se encontram na África ocidental
E Brazzawile capital
Ilê Aiyê com seu potencial
Congo Brazzawile
E é África

7.CERCA DE BAKEL

Ilê compara o Senegal com a beleza
do brilho do sol contemplando com
méritos
Thies koalak, Rufiske e Zinguichour
A essa grande nação
Que é simbolizada pelo Baobê
Reino de Tekroul ocidental
Cerca de Bakel Senegal
Ikini Indilê faya balê Ikini Indilê faya balê
Oso
didara ipilese lewar
reino de Tekroul ocidental
Cerca de Bakel Senegal
De religião mulçumana os ibero-mouros

Primitivamente contavam com defesas
Dos tiralewrs, negros resistentes
Nas margens do Nilo surgiu a dinastia
Guillewar, dialeto uolof
Tendo como capital Dakar
Nos seus limites destaca-se a promocio
Da guine Albertkri o historiador
E grande governo Dianakode
E sua transicao se tornou difusão
De tal realeza
Mauny e Cartago compondo
a mineração senegalesa
Composição: Julinho

8.Majestade África

Ilê, refresca a memória
Pois ao longo da história
O negro é antecessor.
Pois tudo que nasceu na África
Foi tomado de graça
O mundo inteiro tragou
Cultura, reza, crença, dança
Tempestade bonança, tudo tem seu valor.
Seja bantu, seja do gegê ou do nagô
O mundo inteiro colhe o que África plantou.
Graças a deus
Sou o que sou
Ilê é bebida fina
Que em canto da esquina
O mundo inteiro provou.

África berço da cultura, ciência, arquitetura
Ouro refinado pó, Gênesis da sociedade
Forte ancestralidade, paciência de Jô
Tapete persa emoldurado
Ama de leite jorrando para toda nação
O poço de toda bondade divinal
Ilê Aiyê é cópia da África original
Enciclopédia que o mundo pesquisa
Se infiltra, analisa, pau pra toda construção
Ninho de celebridades de escritos sagrados
De total comunhão
Celeiro negro de beleza
Culto ávido de nobreza
Nossa pedra angular
Não adianta nosso brilho ofuscar
Pois os joelhos se curvam
Pra majestade passa

9. *Ilê Aiyê* nos cinco Continentes

Ilha de Moçambique era a velha capital
Escala na rota da navegação de civilizações
Em busca do ouro no Oceano Índico Ocidental
Iniciando ali a povoação Swahili com Árabes e Negros
Hoje Maputo é capital mas antes ali chamava
Baía de Lourenço Marques centro comercial
Ali diversas transações com tantas civilizações
A economia era administrada com influências de Portugal
O nosso grito ecoou pelos cinco continentes
Coragem a clamar por liberdade e igualdade

Sempre será meu avô a riqueza desta gente negra
Vanwana vutlari Moçambique *Ilê Aiyê*
Acusaram consciência e poder com dimbê
E as mulheres nas machambas logo em frente com catanas
Moçambique meu eu é você sua história o mundo marcou
Moçambique não posso esquecer a batalha que você travou
Ver seu canto traduzido discutido em Salvador
Pelo poder da resistência o transigente *Ilê Aiyê* cantou
Rei Gangunhana teu povo negro declama.
Genilson Santtus e Valmir Brito

10. Bahia Negra

África o *Ilê Aiyê* vem te saudar
Salvador o sonho de uma cidade mais igual
Abidjan capital da Costa do Marfim
Terra fértil beleza e riquezas minerais
Abuja outra grande cidade africana
Banhada por lagos e rios da Nigéria capital
A organização fortalece a nação zimbabwana
Modernas construções
Tendo em Harare cidade principal
Grande exportador
De fumo, petróleo, algodão e cacau

Pelo oceano podemos chegar a Senegal
Onde a arquitetura retrata
A nobreza dos povos de lá
A segunda Paris como é considerada
A capital Dakar
Politicamente negros conscientes
De uma história que não chegou ao fim
A luta continua, ah! Salvador se você fosse assim
Bahia negra, Salvador meu bem querer
Terra da felicidade falta o negro no poder
Comp.: Dico e Jajai

11. Levante de Sabres Africanos

(Carcará)

Levante de Sabres ... a noite caiu
(a noite da glória talvez)
na hora da verdade de grandes sábios
males
com fúrias e sonhos na tez
1835 voltas do mundo malê,
o sonho tão belo foi subtraído
mas ressoa no coro majestoso ilê
por toda cidade vitorioso.

cante!

Vibre!

Ninguém Cala a boca de Babba Almani

O poder era o fim
e a rainha esquecida Luiza Mahin
temperou a revolta no tempo da
memória
em nome de Allah ser o dono da terra
para calafetear nosso caminho
só quem tem patuá não tem medo da
guerra
escorrega, levanta e nunca está sozinho
alufás: Dassalé, Dandará, Salin, Licutan,
Nicobé, Ahuna...
refrão

Compositor: Guellwaar & Moa Catendê

12. Havemos de Voltar

*Compositor: De Edson De Carvalho
"xuxo E Augusto Moreira Daltro "cuiúba*

Coanza, Congo, Matamba e Angola de
Ilê
As batalhas foram travadas
Ao querer fundar sua cidade
Ver seu povo em liberdade
Amava o traje e a riqueza
Soberana sua beleza
Ginga Deusa de Angola
A Angola sempre livre
Sempre foi seu pensamento
Sua vontade permanecera

A bela pátria Angola
Nossa terra nossa mãe
Nós havemos de voltar
E na senzala do barro preto Curuzu
(bis)
A felicidade reinará
Porque os tambores do "Mondo"
anunciavam
Que no ano do decênio
Ilê vinha de Angola
Euá que bembesué
Chibenganga
Dunda, meu catendoio

13.Canto de Fé

*Compositor: De Wilson Colombiano
"maguilim"*

Foi no Mali Ê
Que o rei Sundiata
Um lindo império criou
Alicerce da cultura
Que um povo consagrou

Vem do Mali Ê
Vem do Mali, Mali Ê

Vem do Mali Ê
A força infinita chamada Ilê Aiyê
Vem do Curuzu
Um canto de fé por um mundo melhor
O brilho da avenida (bis)
Não ofusca
O brilho dessa raça
De origem nagô
Vem do Mali Ê
Vem do Mali, Mali Ê

14.Caminho

Compositor: De Alberto Luiz Santos Carvalho "buziga")

Ultrapassando os limites da conscientização
Unificando a dor que envolve toda raça negra
A mente fortalece e o corpo sente a sensação
Mergulha na história de Angola o Ilê Aiyê
A fala sobre jinga mbande ngola quiluanji
Depois de reviver as leis de temba-ndunba
Adotando uma criança só para sacrificar
Onde adere a violência crueldade deusa Jinga
Angola
A religião nativa em Angola é umbanda
E no Brasil é o candomblé
Quico-quimbundo-quicongo são línguas de lá
Renascendo dentro do corpo dos negros do Ilê
Aiyê em forma de expressão divina o Ilê vem mostrar
Imbundeiro é tradição catana já é facão
Muxixi quem faz o fogo e a mulemba o Aliexé
de Angola

15.Referência Quilombolas

Compositor: Adailton Poesia & Valter
Farias

África Malê 3x
Salve Salve Ilê
Salve Salve Salve ilê
Salve o ilê Aiyê...
Salve Salve Salve a África

Mãe África que saudade de você
pra não sofre fiz o levante malê !

A história nos revela em poesia
um processo de magia
que eclodiu em Salvador
levante ou rebelião escrava
noite de poder e glória
liberdade no clamor

Ao sol da madrugada
Licutan Ahuna Calafati
entre outro por Alá
o tempo faz a força na memória
Referência quilombolas
numa vitória singular

África Malê 3x
Salve Salve Ilê
Salve Salve Salve ilê
Salve o Ilê Aiyê ...
Salve Salve Salve a África

Mãe África que saudade de você
pra não sofre fiz o levante malê !

ao inexplicável Alá
com raça e poder
o Ilê traz em ciência a Revolução Malê
pela unidade afro contra o povo
desumano
o marco na história fez nascer

16.Laço Fraterno

Compositor: Odé Rufino/wostinho
Nascimento/jocycle/toinho Do Vale

No Laço Fraterno Da Democracia
Na Alma Desse Povo, Sentimento De
Paz
Ilê... Seu Canto É Forte A Todos Seduz
Faz Renascer Das Cinzas Toda África
Cultivando A Igualdade, Liberdade,
Cultura, O Negro No
Poder
Se O Poder É Nosso, Ilê... Não Vamos
Padecer

Abidjan, Dakar, Abuja, Harare? (4x)

{Refrão

Ê Ô. Quem Dera Salvador
Ter A Consciência Do Povo De Lá
Ah, Ah, Se Você Fosse Assim
A Cidade De Nossos Sonhos, É Só
Deixar Fluir

Abidjan, Dividida Em Dez Comunas
Porém, Desenvolvida Em Termos
Globais
Arredores Do Ebrié, No Golfo Da Guiné
Dakar, Um Importante Centro Cultural
Clima Agradável, Cidade Bonita
Hedonista, Cosmopolita...

Harare...Êh, Zimbabwe...
Homenageia O Povo Shona, Ilê (Bis)
Abuja, Asokoro-Povo Vitorioso
Se Espelhe Salvador! Abidjan, Dakar,
Abuja, Harare

17.Evolução da Raça

Ilê Aiyê canto de evolução
Centro de Culto Africano
Origem negra dos bantos
Machona, Zulu, Suases chamou
De Zimbabwe região
Alienado ao passado
Num sentimento profundo
A evolução da raça
Pode abalar o mundo
E mioferan Olodumaré
Eda Ododuá Obatalá

18.Minha Origem

Se me perguntar
De que origem eu sou
Sou de origem africana
Eu sou, com muito orgulho eu sou

E a minha lei ma boa
É de ternura, de paz e oração
No *Ilê Aiyê* eu vou, eu vou
Dança com emoção

A dança do negro
é uma dança legal
Os negros mexem com os ombros
Os negros mexem com os pés

19.Poesia Moçambicana

Compositor: Adailton Poesia E Valter Farias

Moçambique
O Ilê canta você
E a sua resistência
Pra poder sobreviver
Rei Hanga e a multi-coalizão
Desde os primórdios da luta
Contra a Euro-exploração

Pra se olhar Moçambique de verdade
O Ilê Aiyê
Lembra a Luso Sangria e a pilhagem
E faz um coro
Junto a Samora Machel
Cantando abaixo ao tribalismo
Lusa herança e cruel

Meu amor é você Ilê
Meu amor é você Ilê
Moçambique Vutlari
É um sonho de liberdade
Gungunhana e Zumbi
O vento é o povo
É o poder popular
Gente a luta continua
Xiconhoca Aqui não dá

É o coral negro
Numa singela homenagem
A Moçambique e o ideal de identidade
Mais uma coisa
Eu canto com muito prazer
Josina Muthemba e a Frelimo
Correm em veias do Ilê.